

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**CARLA DE ALMEIDA VITÓRIA**

**O isolamento imposto pela pandemia para a pessoa idosa e a mediação de espaços  
virtuais: uma análise psicossocial**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**SÃO PAULO  
2021**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

**CARLA DE ALMEIDA VITÓRIA**

**O isolamento imposto pela pandemia para a pessoa idosa e a mediação de espaços  
virtuais: uma análise psicossocial**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob orientação da Profa. Bader Burihan Sawaia.

**SÃO PAULO**  
**2021**

**Banca Examinadora**

---

---

---

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)  
pela bolsa que contribuiu para a realização desta pesquisa.

Dedico este trabalho à todas as mulheres admiráveis e brilhantes que compuseram e fizeram parte da minha trajetória acadêmica e também desta pesquisa: às participantes e coordenação do WhatsApp Solidário e do Polo Cultural, às minhas professoras da PUC-SP e às queridas amigas do NEXIN.

## AGRADECIMENTOS

A todos os membros do WhatsApp Solidário, com destaque às participantes dessa pesquisa, com quem tive a experiência dos bons encontros e que me confiaram seus afetos. Agradeço por me ensinarem ainda mais sobre o movimento da vida e sobre amorosidade.

À equipe gestora do Polo Cultural da Terceira Idade, em especial à Tina e ao Bruno, que foram meus olhos, minhas mãos, enfim, foram mediadores extremamente afetivos atuando em espaços que não pude alcançar e assim me concederam acessibilidade para a realização deste trabalho. Agradeço pela amizade, por me acolherem com generosidade e disponibilidade, pelas conversas e pelo brilhantismo profissional.

À Professora Dra. Bader Sawaia, por me acolher como sua orientanda, por guiar meus passos ao longo deste trabalho e me ensinar sobre a afetividade e seu engendramento no processo de pesquisa, por compreender as dificuldades trazidas pelo isolamento social durante este estudo e me auxiliar no traçado de novos caminhos. Agradeço por compartilhar pensamentos e reflexões que ampliaram meus conhecimentos e fortaleceram meu *conatus* nesses tempos tão difíceis de pandemia.

À Professora Dra. Maria da Graça Marchina Gonçalves, a quem chamo carinhosamente de “profe Graça” e que muito admiro, por ter professorado de modo tão afetivo as disciplinas nas quais estive presente, onde pude aprender sentidos profundos sobre as desigualdades sociais, as práticas políticas e a subjetividade. Agradeço pelo olhar atento e receptivo que sempre tivestes sobre mim desde o início do mestrado na PUC e pela disponibilidade em aceitar o convite para compor esta banca.

À Dra. Glaucia Taís Purin, amiga e companheira do Nexin, por ter sido presença marcante dentre mulheres brilhantes aqui citadas que compuseram e deram abertura para esta minha caminhada acadêmica, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e prontamente aceitar o convite para participar desta banca, pelas trocas reflexivas e pelos momentos de luta que sustentaram nossas virtudes.

À amiga e sempre mestra, Dra. Lorena de Fátima Prim, que desde o início da formação acadêmica depositou toda confiança em mim. Agradeço pelo apoio e por todos os ensinamentos que sempre recebi de ti nesta caminhada afetiva.

À querida amiga Flávia Roberta Busarello, por me acompanhar e me auxiliar desde sempre na construção da trajetória acadêmica, por traçar caminhos com sensibilidade e escuta refinada. Agradeço, por nesses tempos de pandemia, termos compartilhado, quase que diariamente, de alegrias e de tristezas, por fortalecer meu *conatus* e compor com meu Ser.

À amiga e irmã de caminhada Naiara Roberta Vicente de Matos, que é o grato presente que a vida me concedeu, por compreender minha totalidade ainda em curso, pelo espírito de luta e perseverança que compartilha comigo e por me ensinar mais sobre a vida através de seus posicionamentos.

Ao meu grande amigo Gustavo Imianowsky, pela parceria e forte vínculo que construímos, pela pronta disponibilidade na construção conjunta de reflexões e expansão dos conhecimentos. Agradeço pelos bons encontros e pelos bons cafés, também pelas boas videochamadas que na pandemia amenizaram as dificuldades e me trouxeram um sopro de vida.

## Sutilezas

Carrego na lembrança, os trovões das janelas da minha infância, o prisma das enormes  
lâmparas à chuva.

Em mim, as mesmas cores púberes, dos faróis que me orientavam a caminhada.  
A noite vaporiza o meu rosto ainda e, cada canto da minha energia e cada canto das  
minhas intenções.

Sofro da síndrome da pele eriçada todas as manhãs.  
É que tem tanta energia aqui dentro que lá fora tudo me parece possível nessa coisa do  
viver.

Reconheço, naturalmente, que já não chove mais tanto e tão bonito e; quando  
chove, nem sempre faz maravilhar  
meu rosto tanto quanto, mas para o meu espanto, ainda vejo n'outros mestres, o brilho, a  
chama  
da possibilidade de alimentar este espírito em mim e sigo por aí, catando e contando  
estrelas e

uso da experiência dos bons conselheiros para me reinventar. Ofereço assim, novas  
possibilidades para estas mesmas asas.

É que gosto do gosto deste céu e do sabor desta mesma sorte.

(Hang Ferrero, 2020)



VITÓRIA, Carla de A. **O isolamento imposto pela pandemia para a pessoa idosa e a mediação de espaços virtuais: uma análise psicossocial.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

## RESUMO

Esta pesquisa compreende uma análise psicossocial sobre dinâmica afetiva e relacional, durante o período de isolamento social pandêmico, de pessoas idosas participantes de um espaço virtual: o WhatsApp Solidário Polo. O método adotado foi a pesquisa participante, que interagiu e acompanhou a vivência diária deste grupo na virtualidade, além de entrevistas individuais realizadas com seis participantes. Os pressupostos teórico-metodológicos são os da Psicologia Sócio-Histórica, com base nas reflexões de Vigotski, Lane e Sawaia sobre a totalidade complexa subjetiva/objetiva do sujeito em constante relação com meio, além da concepção sobre a dialética exclusão/inclusão social e sofrimento ético-político desenvolvidos pela última autora. A compreensão sobre os afetos, que está na gênese da constituição do indivíduo, se dá a partir da teoria de Espinosa, rompendo com a noção separativa entre razão/emoção, corpo/mente. Utilizou-se ainda no referencial teórico, literaturas contemporâneas diversas sobre temáticas da pessoa idosa. A partir dessas bases teórico-epistemológicas é possível compreender que o envelhecimento não encerra o processo de relações e atividades do indivíduo no mundo, constitui antes, um momento da vida em curso, imbuída de afetações, significados e sentidos experienciados de modo singular. O processo de análise visou a vivência dos participantes, manifesta e circulante na virtualidade, como caminho na construção das unidades de sentido que demonstraram: a processualidade do grupo, durante o intervalo desta pesquisa, engendrada em uma constelação afetiva gerada no contexto de crise pandêmica e política no país. Verificou-se entre os idosos a vivência de afetos potencializadores nascidos no acolhimento e amizade experienciados no grupo através dos bons encontros, mas também manifestaram potências de padecimento como reflexo do preconceito e desvalorização da vida idosa vivenciados no cenário pandêmico, gerando sofrimento ético-político. O WhatsApp Solidário Polo como grupo de convivência e reconhecimento da pessoa idosa tornou-se um espaço que auxilia seus participantes no enfrentamento do isolamento social, das dores sociopolíticas e pandêmicas, além de promover a comunicação entre os idosos dentro e fora do ambiente virtual.

**Palavras-chave:** Idoso; Afetividade; Psicologia Social; Pandemia; Virtualidade.

VITÓRIA, Carla de A. **The isolation imposed by the pandemic on the elderly person and the mediation of the virtual spaces: a psychosocial analysis.** Dissertation (Master in Social Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

### ABSTRACT

This research comprehends a psychosocial analysis about relational and affection dynamics, during the period of the pandemic social distancing, of elderly participants of a virtual space: The adopted method was the participatory research, which interacted and monitored the daily experiences of this group on the virtuality, besides individual interviews with six participants. The theoretical and methodological presuppositions are from the Historical-Sociological Psychology, based on Vigotski's, Lane's and Sawaia's reflections about the subject's complex objective/subjective totality in constant relation with the environment, and the conception of the dialectical exclusion/inclusion and the ethical-political suffering developed by the latter author. The comprehension about the affections, which is in the genesis of the subject's constitution, occurs from Espinosa's theory, rupturing the separative notion between reason/emotion, body/mind. It was also used in the theoretical referential, diverse contemporary literature about themes regarding the elderly. From these theoretical-epistemological basis, it is possible to comprehend that aging does not end the process of relations and activities of the individual in the world, it constitutes before, a moment of the ongoing life, imbued of affections, meanings and senses experimented in a singular way. The process of analysis aimed the living of the participants, occurring and active in the virtuality, as a path to the construction of the unities of sense which demonstrated: the group's processuality, during the time of the research, elaborated in an affectional constellation generated in the context of the pandemical and political crisis in the country. It was verified among the elderly the living of enhancing affections created in the welcoming and friendships experiences in the group through the good encounters, but also manifested potentiality of ailment as a reflection of the prejudice and depreciation of the elderly life lived in the pandemical scenario, generation ethical-political suffering. The Group as a living group and elderly recognition became a space that aids its participants in the facing of the social distancing, of the social and political pains, besides promoting communication among the elderly in and out of the virtual ambiance.

**Key-words:** Elderly; Affectivity; Social Psychology; Pandemic; Virtuality.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Cronograma semanal WhatsApp polo solidário nov. 2020

Figura 2 – Cronograma semanal WhatsApp polo solidário mar. 2021

Figura 3 – Mensagens religiosas/espirituais

Figura 4 – Movimento Vidas Idosas Importam

## **LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS**

CF/1988 – Constituição Federal da República  
CMDH – Comissão Municipal de Direitos Humanos  
CMDI – Conselho Municipal dos Direitos dos Idosos  
CNDI – Conselho Nacional dos Direitos dos Idosos  
CNS – Conselho Nacional de Saúde  
COBAP – Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas  
CONEP – Comissão Nacional de tica em Pesquisa  
ILC-Brasil – Centro Internacional de Longevidade Brasil  
NCI – Núcleo de Convivência de Idosos  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde  
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios  
PNI – Política Nacional do Idoso  
PNSPI – Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa  
SECNS – Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde  
SMADS Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social  
SMDHC – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania  
SMPP – Secretaria Municipal de Participação e Parceria  
SUS – Sistema nico de Saúde  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 RECONHECIMENTO E DIREITOS DA PESSOA IDOSA .....</b>	<b>24</b>
<b>3 O CAMPO DE PESQUISA: do Polo Cultural ao WhatsApp Solidário Polo .....</b>	<b>37</b>
<b>4 BASES TEÓRICO-EPITEMOLÓGICAS A PARTIR DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA .....</b>	<b>42</b>
<b>4.1 Longevidade: um movimento entre conquista, imperativo da juventude e     sofrimento-ético político .....</b>	<b>50</b>
<b>5 MÉTODO .....</b>	<b>59</b>
<b>5.1 A tecitura fio a fio da Pesquisa Participante .....</b>	<b>62</b>
5.1.1 Acertando as contas entre a pesquisa e o fenômeno pandêmico: os desafios desta pesquisadora num cenário de mudanças .....	66
<b>5.2 Procedimentos metodológicos: a “contação” da vida em ato .....</b>	<b>72</b>
<b>6 UNIDADES DE SENTIDO E DESDOBRAMENTOS PSICOSSOCIAIS.....</b>	<b>77</b>
<b>6.1 O dia a dia virtual no WhatsApp do Polo.....</b>	<b>78</b>
<b>6.2 Sofrimento ético-político: sentidos éticos da política no singular.....</b>	<b>101</b>
<b>7 VIDAS IDOSAS IMPORTAM! CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE INTERAÇÃO SEMIDIRIGIDA NO WHATSAPP SOLIDÁRIO POLO .....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA INDIVIDUAL .....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXO A – CARTA DO FÓRUM PERMANENTE DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS PESSOAS IDOSAS DA REGIÃO CENTRO .....</b>	<b>134</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento, enquanto movimento de um sujeito permeado por afetações mediadas pelo contexto de particulares em que vive, não é algo dado independente de sua história, como um indivíduo abstrato, é antes, algo tecido e enredado em suas vivências<sup>1</sup>. Como um estudo que busca a compreensão dos afetos e relações por mediação virtual durante a pandemia para pessoas idosas participantes do WhatsApp Solidário Polo, esta pesquisa pretendeu adentrar na compreensão sobre a dinâmica desse universo relacional e afetivo na virtualidade, traçando um caminho para novas reflexões que venham ampliar e/ou complementar a práxis deste estudo.

Estudos sobre o processo de envelhecimento se dão cada vez mais oportunos ao constatarmos que este momento da vida é um fenômeno global que se move de diferentes formas quando se tem em conta realidades culturais e socioeconômicas tão diversas no mundo ou dentro do próprio país. No Brasil a velhice é considerada a partir de 60 anos e a Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios (PNAD) de 2017, publicada pelo Ministério da Cidadania, aponta que a população idosa no país atinge o número de 30,3 milhões, 14,6% do total da população do país (BRASIL, [s.d.]).

Segundo alguns indicadores populacionais, no Brasil o crescimento do número de pessoas consideradas de terceira idade tem se tornado consideravelmente expressivo, se destacando de outros países pela rapidez com que ocorre, por um lado devido à notável diminuição de nascimentos e, em outro extremo, ao fenômeno da longevidade. Estima-se que em 2050 o número da população idosa no país será superior ou similar ao número de crianças e jovens até 15 anos (BRASIL, 2013).

A preocupação com a pessoa considerada “velha” – pertencente à mesma sociedade que a criança, o adolescente e o adulto –, por ser relativamente nova<sup>2</sup>, apresenta órgãos responsáveis pelas ações de saúde com dificuldades de ampla compreensão sobre pessoas 60+ e o envelhecer, trabalhando com o enquadramento generalizado dessa parcela da população. Ainda que seja facultado às pessoas categorizadas como idosas o

---

<sup>1</sup> É importante sublinhar que os termos “homem” ou “ser humano” utilizados ao longo do texto deste texto se dão em observação e referência à literatura filosófica, enquanto em outros momentos são utilizados termos como “sujeito” ou “indivíduo”, inerentes às reflexões da psicologia, denotando também o lugar de partida desta pesquisadora e psicóloga. Ainda serão usados os termos “idoso” (e variações), “terceira idade” e “60+” em consonância com designações utilizadas por leis, diretrizes, estatutos e literaturas que abordam esta temática.

<sup>2</sup> Criação da Instituição Brasileira de Estudos Geriátricos e Gerontológicos em 1954.

caráter de homogeneidade, é preciso reconhecer que este grupo é heterogêneo, trata-se de pessoas com diferenças e especificidades assim como todas que possuem outra idade, inclusive os “idosos mais velhos”, aqueles que, considerados como pessoa idosa ainda envelhecem – 80, 90, 100 anos

No Brasil o crescimento da população de terceira idade, especialmente nas regiões Sul e Sudeste do país, é considerada uma notável constante. Na cidade mais populosa do país, São Paulo, segundo projeções demográficas realizadas em 2018, os idosos representam 14,7% da população total – 12,18 milhões – de pessoas no município (SÃO PAULO, 2019). Com o intuito de seguir o modelo da Organização Mundial da Saúde do Envelhecimento Ativo como referência, no ano de 2012 é instituído na cidade o Programa Amigo do Idoso e o Selo Amigo do Idoso com o objetivo de prover localidades urbanas amigáveis para todas as idades, com foco para os idosos e para o processo de envelhecimento, bem como para a qualidade de vida, participação, mobilidade, saúde, educação e segurança (SÃO PAULO, 2019).

Para além dos programas implementados nas Políticas Públicas para a terceira idade, a chegada à convenção “pessoa idosa” ante a sociedade é marcada por fatores como aposentadoria, limite etário, perda de papéis sociais, incapacidades funcionais, a total dependência de outras pessoas ou do governo e a fragilidade biológica – porque a visão biologicista ainda é imperativa sobre o processo de envelhecimento. Fatores assim são tomados por características em comum, critérios que classificam “nosograficamente” pessoas mais velhas, logo, devido ao processo de estigmatização, o sujeito se vê afastado de seu enredo de relações sociais, do tecimento “fio a fio” de sua própria historicidade e sofrendo a perda de sua cidadania, sua identidade social em movimento.

Dá a importância da atuação dos grupos de atividades para a pessoa idosa que, sobretudo, são reuniões de convivência e socialização apesar de suas especificidades como: grupos de Teatro, de Terapia Ocupacional, de Dança, Artesanato e outros. A significativa questão que permeia essas atividades e que se dá como o ponto alto desses encontros é exatamente este: os encontros, a reunião de pessoas, o compartilhamento de seus momentos, a dimensão afetiva em dinamicidade entre os participantes. A reunião dessas pessoas se dá como *locus* de **encontros afetivos** (ESPINOSA, 1983), não só através do acolhimento dos sujeitos sociais, como realmente pessoas existentes que são, mas ainda pela interação com outros que também se fazem um endereço de fala, de escuta, compartilhamento e afetações mútuas.

Partindo da disposição política do Envelhecimento Ativo consolidada pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS) em 2009, ao estipular fundamentos como independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade (OPAS, 2015), percebe-se o início de certa abrangência e compreensão de um sujeito idoso multidimensional, com necessidades e demandas que o possibilitam ainda ser sujeito existente e participativo na sociedade. Porém, para que isso se concretize e ganhe maiores dimensões é necessário que se admita a existência de um indivíduo de afetações e que haja possibilidades para a constituição da totalidade de um sujeito em curso, ainda em totalização, sem determiná-lo ou encerrá-lo na idade, estereótipos, fase ou estágio da vida, ou seja, um **homem em movimento** (LANE, 1989).

Em março de 2020 o Brasil passou a viver os efeitos da pandemia da Covid-19 causada pelo coronavírus SARS CoV-2. Pouco conhecido pelos preceitos científicos – o vírus – mostrou sua ação devastadora sobre a vida de milhões de pessoas, impôs a todos a urgência por mudanças extremas em diversas esferas da vida, sejam estas estruturais, relacionais, econômicas, culturais e/ou sociais. Alterou modos de pensar, de sentir e de agir, assim como a forma de olhar para o outro, para si mesmo, para o país e para o mundo. Transfigurou cotidianos e planos, desordenou projetos e desejos, instalou a incerteza para muitos. A premência por rearranjos sociais que possibilitassem viver ou sobreviver tornou-se a matriz na luta pela existência; muitas vezes comparado a um cenário de guerra, o cotidiano traduziu-se na insuficiência de recursos viáveis para o combate não somente da doença, mas sobretudo, para lidar com a crise humanitária emergente.

Ainda que dentro desta conjuntura caótica instaurada no país pela chegada e ação veloz do vírus, precisamente também por este motivo, se fez necessária a reinvenção dos modos de vida em virtude das demandas impostas pela pandemia, esta pesquisa foi uma delas, uma resposta reconfigurada sob as necessidades de uma realidade outra. O contratempo causado pela presença do vírus interrompeu agendas e compromissos e não foi diferente para esta pesquisa que está diretamente relacionada ao público 60+, pessoas idosas consideradas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como grupo de risco na pandemia do coronavírus.

A Cidade de São Paulo, dentre outros municípios, dispõe de políticas e ações que incentivam as pessoas idosas a realizarem atividades diversas em determinados espaços institucionalizados com o intuito de promover socialização, interação e participação do idoso em sociedade. Entretanto, a chegada do coronavírus desestabilizou a programação rotineira desses locais de encontro e convivência. A indicação de quarentena e prática do



isolamento social foi indicada para todos, mas tornou-se excepcionalmente severa para pessoas idosas no intuito de preservá-los da disseminação do vírus.

O preceito básico do direito à vida ganhou força por meio das mídias, mas ganhou caráter de abstração já que as pautas percorreram puramente pela perspectiva biologicista. Contudo, lidar com a totalidade do ser humano que também se constitui na subjetividade – um sujeito social e histórico que é tecido “nas” e por meio “das” relações – se faz urgente enquanto dever de toda a sociedade, seguindo inclusive o que prescrevem as políticas direcionadas para pessoas idosas.

Em meio à impossibilidade de encontros presenciais e apesar das empresas e instituições terem se tornado as grandes protagonistas dentro de novos moldes de produção e comunicação, para além desse arranjo sistemático encontra-se o indivíduo que experienciou a necessidade de reinventar suas relações, de compor sua potência de existir no encontro com outros e com as coisas de diferentes formas. A inquietude em se isolar de um cotidiano de relações evidencia o *conatus*<sup>3</sup> de um ser e sua busca pela conservação, seu esforço em restabelecer outras maneiras de se presentificar e manter em movimento sua constituição enquanto ser de historicidade e de afetações, um ser biopsicossocial.

A internet foi o meio facilitador mais utilizado para que esses encontros pudessem acontecer; mesmo com todas as especificidades que um encontro virtual pode proporcionar, tornou-se endereço comum para muitos como forma de resistir e combater a ausência de tecimento social imposta pelo isolamento. Para muitas pessoas idosas – com acesso à tecnologia e conhecimento de uso – não foi diferente, o uso de aplicativos de conversas se tornou meio de interações que antes eram realizadas presencialmente, em outras palavras, passou a ser espaço de encontros e mediação afetiva.

Levantou-se então reflexões sobre como essa dimensão afetiva se dá através desse ambiente virtual, especialmente no caso de pessoas 60+ advindas de um cotidiano ativo em suas relações. Logo, o presente estudo buscou realizar o mesmo movimento que fizera o campo de pesquisa objetivado para este trabalho – o Polo Cultural da Terceira Idade, no bairro do Cambuci/SP – que migrou suas atividades para o espaço virtual de encontros WhatsApp Solidário Polo para que assim fosse possível acompanhar a movimentação de seus participantes.

---

<sup>3</sup> “O homem é um grau de potência, uma força interior para se conservar, perseverar na própria existência, um esforço de resistência, que Espinosa chama de *conatus* [...]” (SAWAIA, 2009).

Também a partir de minhas próprias atividades virtuais, mais especificamente das aulas de mestrado, foi possível perceber um movimento afetivo em comum entre colegas e professores em relação a interatividade em espaços virtuais: por um lado a intensa afetação de um corpo que é sensível à concreticidade do mundo e aos outros, mas que ao mesmo tempo não estava presente entre essas coisas – pois agora vivia como que um simulacro da realidade –, por outro a necessidade de reinventar seus modos de relação.

Diante desses acontecimentos, ainda atípicos para alguns, fui movida – além da necessidade de reestruturação do projeto – pela busca da compreensão sobre a vivência de pessoas idosas, público diverso com o qual pude trabalhar durante três anos desde a graduação em Psicologia, mas desta vez visando o contexto virtual que se tornou parte de nossas rotinas. Esta vivência potencializou o interesse em estudar sobre este momento da vida do ser humano que, para além das “etiquetas”<sup>4</sup> que designam pessoas com mais de 60 anos, são antes pessoas em movimento, especialmente sob a ótica da Psicologia Social.

Assim, este estudo trata especificamente de pessoas idosas **ativas** – no que se refere a realização de ações cotidianas diversas –, com acesso à internet e que fazem parte de um grupo de convivência e de atividades no WhatsApp. Posteriormente demonstrado por esta pesquisa, este espaço virtual se tornou um instrumento para amenizar, por meio das atividades e da interação entre participantes, as condições de reclusão e inatividade impostas pelo isolamento social, além do compartilhamento das afetações experienciadas durante esse período.

O primeiro contato com o Polo Cultural da Terceira Idade foi feito presencialmente através da coordenadora deste espaço de encontros e convivência, porém, devido ao isolamento social, nossos contatos passaram a ser por chamadas de voz, videochamadas, mensagens de áudio e texto, todos via WhatsApp. O contato inicial e a interação com alguns participantes do Polo só foram possíveis por meio deste aplicativo, onde intencionei através de minha imagem por vídeos tornar não só conhecido, mas também presente, meu sorriso, meu olhar, expressões de um corpo em sua totalidade que é sensível ao mundo, ainda que este meio tenha sido o ambiente virtual.

Nas primeiras semanas como participante do WhatsApp Solidário Polo chamou a atenção o fato de somente algumas pessoas interagirem no aplicativo – um pequeno grupo

---

<sup>4</sup> Etiquetas que rotulam as pessoas mais velhas no intuito de tornar nominável aquilo que não pode ser dito, como terceira idade, idosos, melhor idade, envelhescente, gerontolescente, maturidade, ancião, idade de ouro, longo, futuridade, etc., são terminações que retratam essas pessoas de modo homogêneo, como frágeis, dependentes e isoladas (CÔRTE, 2018).

hegemônico de aproximadamente de 20 pessoas –, ainda que a totalidade de integrantes no WhatsApp Solidário Polo fosse de 64 pessoas idosas, afora professores, equipe administrativa e demais membros. Inúmeras trocas de mensagens carregadas de sensibilidade e gentileza revelaram ainda a importância da rede de apoio. Mesmo distantes, sem a possibilidade de enxergar a si mesmo “no” e “pelo” olhar do outro, notou-se na delicadeza de muitas mensagens o quão elementar é ao ser humano **compor potências** em coletividade e a partir destas **perseverar em sua própria existência** (ESPINOSA,1983).

O caráter político a priori parecia assunto ausente dentre as interações, mas paulatinamente a partir do episódio da alta de preço do arroz no país, vez ou outra, críticas em forma de piada, vídeo ou memes sobre fatos políticos e econômicos do momento eram lançados dentre tímidos comentários a respeito. Este movimento ganhou força em época de eleição para a prefeitura, houve então uma grande repercussão – entre o pequeno grupo – sobre os primeiros atos do prefeito eleito, especialmente em relação aos idosos e seus direitos. Doravante surgiram muitos comentários, discussões e afetações em relação aos feitos do atual Governo Federal, indicando prontamente o interesse e participação da pessoa idosa no cenário político.

A exemplo disto o fenômeno da longevidade evidencia cada vez mais a presença participativa de pessoas mais velhas em contextos de reivindicações que buscam a construção de um novo momento social, especialmente no anseio e na luta pela formação de uma coletividade onde estes não estejam **incluídos perversamente** (SAWAIA, 2001) na cultura do invisível ou descartável. Historicamente o envelhecimento pode ser conhecido como um processo puramente de perdas e declínios, de maneira homogênea o sujeito é delineado sob padrões que são alimentados por uma cultura agressiva de produção e consumo, ao passo que também ele se torna o próprio objeto de consumo ou de descarte. O processo de envelhecer não deve ser sinônimo da morte social do indivíduo – apesar de comumente carregar este estigma.

Perspectivas abstratas, sejam elas biologicistas, economicistas ou culturais, mas que de uma forma ou outra retiram da constituição do sujeito o caráter de historicidade, se mostram insuficientes ante a realidade de vivências complexas, de subjetividades permeadas pelo coletivo social em sua constituição, pessoas que – ainda que mais velhas – guardam singularidades que diferem e que são experienciadas na concretude de suas vidas. O processo de envelhecimento, portanto, é algo próprio da vida historicamente em relação e assim como os momentos e passagens da infância, da adolescência e da vida

adulta, o envelhecer é mais um momento dentro do desenvolver da totalidade humana, compreendendo certas particularidades assim como qualquer outro momento e processo.

Assim se deu esta pesquisa ao acompanhar o movimento entre pessoas idosas por meio do WhatsApp, percebendo-as em sua totalidade, atentando especialmente à processualidade de aspectos afetivos e relacionais que se deram através deste canal de comunicação. A proposta foi interagir com os participantes no intuito de conseguir responder à pergunta norteadora deste estudo: qual o movimento afetivo que permeia a vida virtual de idosos ativos numa plataforma digital? Na busca pela compreensão da afetação de outros, também esta pesquisa e pesquisadora se depararam com suas próprias afetações pandêmicas e com realidades não esperadas no decorrer do estudo. Foi dentro desta dimensão afetiva e de mudanças, costurado entre vida acadêmica/profissional, familiar/particular, conversas, interações e trocas com os participantes, que os objetivos desta pesquisa foram delineados.

Logo, a partir das reflexões acerca desta temática, das vivências práticas em estágio, da situação de isolamento social, da questão central de pesquisa, sobretudo a partir das afetações experienciadas neste processo, o objetivo geral deste estudo se deu em: analisar os sentidos da participação dos idosos no ambiente virtual WhatsApp Solidário Polo e sua processualidade desde o início do isolamento imposto pela pandemia. Para tanto concebeu-se três objetivos específicos: a) Esboçar a transformação das relações desse grupo de idosos durante o processo de isolamento pandêmico – desde seu início em março de 2020; b) Mapear a dinâmica dos afetos entre participantes do WhatsApp Solidário Polo; c) Conhecer os motivos da participação.

O referencial teórico possui base nos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica, mas dispõe ainda do uso de literaturas contemporâneas sobre aspectos envolvidos no processo de envelhecimento. A compreensão utilizada sobre a dimensão afetiva se dá a partir da teoria espinosana, na qual os afetos encontram-se na gênese da constituição do indivíduo, rompendo com a noção separativa entre razão/emoção, corpo/mente. A teoria de Espinosa preconiza o ser que é afetado em sua totalidade, influenciando ou não em sua força de vida, mas sempre em afetação relacional.

“O corpo humano pode ser afetado de numerosas maneiras pelas quais a sua potência de agir é aumentada ou diminuída; e, ainda, por outras que não aumentam nem diminuem sua potência de agir” (ESPINOSA, 1983, *Ética III*, Postulado I, p. 176). Mente e corpo possuem a mesma substância, por isso o que são ideias da mente são também as diversas afecções sentidas pelo corpo. Destacando as emoções como próprias da condição

humana, Espinosa amplia a perspectiva epistemológica sobre os afetos e sua força sobre a constituição do indivíduo em relação, demonstrando como estes fazem parte de sua própria maneira de ser no mundo (ESPINOSA, 1983, *Ética III*). Realizar a compreensão sobre as redes afetivas que envolvem os sujeitos possibilita o conhecimento dos contextos nas quais estas se formam, assim como seus modos de construção. A possibilidade de identificar processos originários de afecções e afetos se dá como viés transformador no exercício do sentir, pensar e agir dos indivíduos, retirando-os da passividade que anula a potência de vida e os coloca vulneráveis ao domínio de outros (SAWAIA, 2009).

As bases epistemológicas desta pesquisa ressaltam a perspectiva de constituição do sujeito histórico-social, indivíduo que é permeado pelas afetações e intersubjetividades a partir dos encontros experienciados com os outros, com o meio e suas condições sociais. Dentro desse movimento reflexivo fala-se ainda a respeito do fenômeno da longevidade e sobre alguns percalços que podem ser gerados a partir desta nova dimensão da vida que é considerada uma conquista social, como o imperativo da eterna juventude, a dialética exclusão/inclusão social e o sofrimento-ético político, assim como sua significação em tempos de pandemia.

A metodologia original precisou ser revista com o propósito de demarcar os pressupostos de construção deste estudo, assim como orientar a compreensão de leitura ao longo de todo tecido textual, que está implicado em vivências e experiências participativas de afetação, incluindo a construção da pesquisa em meio virtual em decorrência da pandemia. Seguindo a perspectiva de Vigotski (1991), compreende-se que toda pesquisa tem seu início na concepção de seu método, a íntima ligação que este mantém com o objeto de estudo evidencia a possibilidade de novos caminhos tomados pela pesquisa, o que lhe confere nova forma de acordo com a problemática de investigação e as dificuldades de percurso; conhecer o método e seus fundamentos é primordial para compreensão dos capítulos de sua história.

Considerando o método como parte constituinte da pesquisa, de seus objetivos e teoria e, que está em movimento, adotou-se para este estudo a Pesquisa Participante a fim de abrir caminhos possíveis para uma construção científica baseada na horizontalidade de saberes, na não neutralidade e na construção de conhecimentos, pois este método é “um instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada [...]” (BRANDÃO, 2006, p. 28). A trajetória deste estudo foi ainda permeada por reinvenções, afetações e desafios desta pesquisadora no tecer da pesquisa em meio ao caos pandêmico.

Acompanhando a mesma dinamicidade e processualidade do método adotado, os procedimentos da pesquisa foram realizados através da pesquisa participante, da confecção do diário de campo, da interação com integrantes do WhatsApp Solidário Polo e entrevista individual com seis participantes por videochamada, além de conversas e trocas de experiências. Seguindo os protocolos de saúde que preconizam o isolamento social, a observação participante se deu pelo acompanhamento diário do ambiente virtual do Polo ao longo de oito meses. As interações no aplicativo por meio de mensagens, *posts*, figuras, revelaram um modo peculiar de comunicação e expressão das emoções.

A análise dos dados foi realizada através da formação de unidades de sentido conforme a teoria vigotskiana, trabalhando com a decomposição da totalidade complexa engendrada em processos afetivos e intelectuais, evitando assim perder de vista as singularidades que compõem a totalidade em curso dos sujeitos. Para Vigotski (2018, p. 17), esta análise “permite não só revelar a unidade interna do pensamento e da linguagem como ainda estudar, [...] a relação do pensamento verbalizado [...] em sua totalidade”. As unidades eleitas apresentam recortes sobre a movimentação afetiva e relacional ocorrida no WhatsApp Solidário Polo durante o tempo de pesquisa, interações e narrativas que retratam a constituição de singularidades enredadas em determinações sociais, assim como seus desdobramentos psicossociais.

Para revisão de literatura foi realizada uma primeira etapa de levantamento de produções disponíveis na base de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), procurando os seguintes assuntos: Idoso, Afetividade, Psicologia Social, Pandemia e Covid-19. Para esta pesquisa não houve resultados, decerto por ainda estarmos em plena vivência pandêmica. Como uma segunda etapa de levantamento de dados, no intuito de saber o que se está falando e como se está falando acerca do tema terceira idade e afetos, foi feita uma pesquisa na mesma base de dados com os seguintes termos: Terceira Idade, Afeto e Psicologia Social. Numa primeira triagem foram levantadas 168 produções. A averiguação e seleção da literatura levantada dentre o total de produções foi feita por meio da leitura dos resumos utilizando o critério de identificação do uso dos termos de busca – supracitados – e de diversidade de temática – referindo-se em grande quantidade a crianças e adolescentes apesar da busca por terceira idade –, visto que, houve a repetição da mesma temática inúmeras vezes, recaindo em sua maioria sobre a questão educacional/escolar/infantil/ensino/aprendizagem/saúde. Também foi observado dentro desta totalidade de artigos que ora alguns traziam somente o termo de busca ‘afeto’, ora

‘terceira idade’ e algumas vezes ‘psicologia social’ não no corpo do texto, mas sim referente ao título profissional do autor, não sendo, portanto, o foco deste projeto de pesquisa.

Em seguida, após a leitura dos resumos, este *corpus* foi redimensionado a somente um trabalho, o qual reuniu dois dos termos de busca, ‘afeto’ e ‘terceira idade’, intitulado: “Bem estar subjetivo na terceira idade” de 2012 e autoria de Suenny Fonsêca de Oliveira (Dra. em Psicologia Social), Marília Isabel N. de Queiroz (fisioterapeuta), Mayara Leal Almeida Costa (Dra. em Educação), publicado na revista *Motricidade*. O artigo discorre sobre o BES – Bem Estar Subjetivo correlato a presença de afetos positivos (citados como eventos prazerosos) e a ausência de afetos negativos (como eventos desprazerosos), indicando instrumentos e testes para a avaliação do BES, que possui dois componentes: a dimensão cognitiva e a dimensão afetiva. O artigo encontrado, porém, não corresponde ao foco deste projeto de pesquisa pois toma o ser humano sob uma perspectiva dualista na separação cognição/afeto (corpo/mente).

Este estudo visa trazer reflexões a partir da análise dos dados coletados virtualmente em um aplicativo de comunicação, assim como referenciar o sujeito em sua totalidade, o qual, mesmo em meio ao processo de envelhecimento continua sendo Ser em totalização, em movimento. Daí a importância do olhar sócio-histórico sobre o processo de envelhecimento, termo este que de certo modo difere da ideia de velhice, ao passo que o primeiro conceito se dá como um dos momentos dentro do processo de desenvolvimento do ser humano, o segundo pode colocá-lo sob a moldura de uma identidade estática e predeterminada. Para além das convenções sociais que designam essa parte da população, a temática desta pesquisa e o modo como foi construída busca reiterar o compromisso da Psicologia Social com o sujeito acima dos 60 anos, assim como promover a visibilidade para afetações específicas desses indivíduos, como a prática do idadismo que permeia a intersubjetividade social e ganhou força durante a pandemia.

## 2 RECONHECIMENTO E DIREITOS DA PESSOA IDOSA

As políticas públicas hoje direcionadas para pessoas idosas foram norteadas por meio de leis, estatutos e diretrizes específicas para esta população, mas antes, a luta por direitos sociais percorreu um caminho histórico delineado pela desigualdade de classes e pela busca de políticas sociais que pudessem reconhecer o sujeito idoso enquanto cidadão, como indivíduo que integra e participa da sociedade. Como exercício de cidadania os movimentos sociais se fortaleceram ao longo dos anos e a representatividade dos idosos tem alcançado certa notoriedade na redação dessas pautas, até mesmo como expressão de resistência em prol da valorização da vida e seus modos de constituição.

Os diversos preconceitos que circulam e engendram a esfera sociopolítica, como aqueles que determinam a figura da pessoa idosa, relegam o sujeito ao não reconhecimento de sua totalidade, o que pode cercear sua existência, sua potência de vida, suas possibilidades emancipatórias. Ainda que reconhecidos em artigos, alíneas e incisos que versam sobre direitos legais, o reconhecimento do sujeito idoso está antes na compreensão e admissão do sujeito de intersubjetividades: o indivíduo de vivências complexas que se constitui em meio a outras singularidades que se afetam mutuamente.

Assim, o caráter de constituição histórica desse sujeito passa ainda pelo crivo do Estado, sendo permeado pela racionalidade capitalista que lhe retira o movimento de indivíduos em constante desenvolvimento, conformando-os num grupo homogeneizado: os velhos, os idosos, os fragilizados. O processo de envelhecimento, assim como todo e qualquer momento da vida, é composto por singularidades distintas, distantes da estagnação, são sínteses dialéticas constituintes do sujeito interagente com o meio, logo, imerso em afetividade fundante dos modos de pensar, sentir e agir.

O não reconhecimento e a não admissão das intersubjetividades por via do Estado pode vir a naturalizar e legitimar a negação dessas pessoas na dinâmica do cotidiano, anulando institucionalmente a possibilidade de interações mais igualitárias entre os sujeitos na sociedade. Seguindo o pensamento de Espinosa, Chauí (2006, p. 122) nos aponta, “Unidos, corpo e mente constituem um ser humano como singularidade ou individualidade complexa em relação contínua com todos os outros. A intersubjetividade é, portanto, originária”.

A negação já instaurada e estruturada na sociedade em relação às pessoas mais velhas, implica ainda em sua própria negação, o não “saber-se” no outro, em especial no



mais velho, torna-se um exercício replicante e irrefletido, negando “naturalmente” a si mesmo e aos seus próprios direitos, pois o direito de um deve ainda passar, pelo reconhecimento do direito de todos. Esta prática do não reconhecimento pode inferir no próprio saber de si da pessoa idosa, que passa a não se reconhecer enquanto sujeito de direitos – sem que estes estejam atrelados à lógica da meritocracia – e não se sabe ou não se reconhece como sujeito dotado de potência para transformar realidades, como ser humano que é produto da sociedade, mas que também a produz na dialeticidade.

Reconhecer que o processo de envelhecimento e o sujeito nele enredado são e estão para além de identidades cristalizadas, são antes, sujeitos históricos portadores de determinadas vivências que devem ser comunicadas, acolhidas e compreendidas, é ainda falar de indivíduos constituídos em meio a experiências singulares e coletivas, que exerce também papel de mediador na sociedade, tecendo as tramas da vida social em diversos tempos e espaços (GUSMÃO, 2007). “[...] a velhice constitui um ‘tempo estratégico’ da vida em sociedade, no qual, simbolicamente, está em jogo a finitude de tudo que nos constitui como humanos” (GUSMÃO, 2007, p. 133).

A luta que inicialmente pode ser de interesse individual torna-se coletiva quando indivíduos se reconhecem mutuamente, e a partir do desejo, o corpo que antes era somente um configura-se na união de muitos *conatus*, amplia-se para um corpo que é social e político, afetando-se reciprocamente dentro de um mesmo contexto e causa, pois, “afeto é a forma pela qual experimentamos em nosso corpo e mente o efeito das relações que partilhamos com outros corpos [...]” (SAWAIA, 2018, p. 30). Lutas encorajam outras lutas, são encontros que aumentam ou diminuem o *conatus*, podem emancipar ou ainda cooptar indivíduos para dentro de lógicas fundamentalistas ou mesmo inclusões perversas, mas antes, há de se considerar o inelutável fato de que “[...] essa potência de vida precisa do outro para se fortalecer, pois é nessa união que o cidadão descobre que sua força para existir e agir politicamente aumenta” (SAWAIA, 2018, p. 34).

Pautada na teoria de Espinosa, Sawaia (2018), explica que essa concepção da união de corpos a partir do desejo, movidos pela necessidade do bem para todos – comunidade –, é uma resistência política contra todas as ações que venham lacerar o contexto social e gerar afecções que diminuam a potência do indivíduo, colocando-o assujeitado a condições de servidão, no saber da incapacidade de governar a própria vida. A autora (2018) reforça que, a ideia de comum em Espinosa não advém do ato educacional ou do esforço para conscientizar as pessoas. Comum é um ato desejante da mente e do corpo de cada indivíduo em direção à quebra do que o coloca na servidão, em

busca pela liberdade e pelos afetos alegres que potencializam os modos de vida, um esforço pela reorganização ético-política:

O comum, portanto, é ideia política, um princípio político no sentido de ordenar, comandar e reger toda a atividade política, que se contrapõe ao individualismo triunfante da pós-modernidade. Uma ideia que, embora tenha sido elaborada por Espinosa no séc. XVII em seu esforço para potencializar a luta contra a servidão, continua atual. Segundo ele, a quebra do comum é o primeiro ato de toda tirania, junto com a privatização dos bens públicos [...], implantam a cizânia e a desconfiança, estimulam a briga por recompensas e promovem a naturalização da condição de “inferioridade” e da incapacidade de grupos humanos para gerir sua própria vida e/ou manejar recursos comuns (SAWAIA, 2018, p. 35).

Antes de expandir-se na força de um corpo social político e iniciar certas conquistas por espaço na sociedade e nos direitos instituídos por lei, a temática sobre o envelhecimento se evidenciou somente a partir da década de 1960. Esta pauta se restringia apenas aos estudos e reflexões de especialistas que tinham suas bases no levantamento de dados da área da medicina, sociais e demográficos; isso se deu aproximadamente até a década de 1980 (PAZ, 2006). A partir daí, as décadas de 80 e 90 foram importantes momentos no destaque político para a pessoa idosa com a abrangência de espaços de debate e criação de leis para este público – ainda que diluídas em meio às leis gerais. Também foi o momento em que a mídia empregou certa visibilidade à velhice, embora se tratasse de matérias baseadas em ocorrências ou tragédias sobre pessoas idosas (PAZ, 2006).

A conquista de direitos relacionados à pessoa idosa historicamente perpassa pela ação de movimentos sociais que se deram ao final dos anos 1970 e início dos anos 1980 na luta por direitos sociais. Mais especificamente em 1976 esse grupo etário passa a ter uma política que os contemplava, em particular, no contexto previdenciário com a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social, instigando a investigação sobre a velhice no Brasil (BORGES, 2015).

Os movimentos passaram a ocupar espaços de destaque em questões previdenciárias, especialmente por meio das Centrais Sindicais e da Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas (COBAP), cenário fundamental na composição do debate constitucional que se levantava no país (BORGES, 2015). A ação desses movimentos culminou em uma forte presença política:

[...] garantindo que constasse na Constituição de 1988, na introdução do artigo 194, o conceito de Seguridade Social como um conjunto integrado de iniciativas dos poderes públicos e da sociedade, no sentido de assegurar direitos relativos à Saúde, Previdência e Assistência Social, enfatizando princípios de universalização dos direitos, da descentralização e da equidade social, incluindo outros segmentos sociais, como os idosos e não somente os trabalhadores formais (BORGES, 2015, p. 94).

A Constituição Federal da República (CF/1988), marca um novo horizonte para os brasileiros em geral, ao promulgar garantias e direitos sociais basilares para o exercício da vida em cidadania. Institui como fundamento – dentre outros – no Art. 1º e 3º, a dignidade humana e a promoção do bem a todos sem preconceitos e discriminação de origem, raça, cor, sexo, idade. No art. 203, inciso V, dispõe sobre a igualdade material ao garantir um salário mínimo aos idosos, mesmo que não sejam contribuintes da seguridade social, mas que comprovem não possuir condições próprias para se manter ou mesmo de ser subsidiado por sua família. No art. 230 distribui a responsabilidade pela pessoa idosa: “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (BRASIL, 1988). Referente ao mesmo artigo, a CF/1988 garante ainda a gratuidade em transportes coletivos urbanos às pessoas maiores de sessenta e cinco anos.

Mesmo que timidamente a temática sobre pessoas idosas foi pauta de preocupação da CF/1988 e marcou presença nos princípios constitucionais. Atuando sobre fundamentos de proteção, a Constituição inaugurou um novo momento para a formulação e execução de políticas públicas e abriu possibilidades de ações para públicos específicos. Ainda que os pontos que tratam sobre pessoa idosa na CF/1988 estejam pulverizados entre leis genéricas, o advento da Constituição Federal da República não deixou de ser um marco fundamental para o desdobramento de outros documentos legais que consideram as pessoas 60+ e o processo de envelhecimento.

A presença de idosos organizados em prol de seus direitos sociais se deu mais amplamente na década de 1990. A mobilização desse movimento se fortaleceu nas bases da Lei do Idoso – Lei nº 8.842/94 – a partir da qual se tornou possível a criação dos Conselhos de Idosos e também dos Fóruns da Política Nacional do Idoso, fundamentais para a luta de caráter sociopolítico (PAZ, 2006).

A busca por um ideal de políticas sociais mais abrangente impulsionou a luta para que estas fossem vistas como direitos de cidadania e não apenas como benefícios aos que

mais necessitam, o objetivo foi envolver toda a sociedade em práticas políticas por melhores condições de vida e maior dignidade para os idosos e para a população em geral (BORGES, 2015). Assim, essas lutas marcaram um novo paradigma no contexto dos direitos sociais.

Com a intenção de garantir-lhes direitos de cidadãos foi criada em 1994 a Política Nacional de Idoso (PNI) – regulamentada em 1996 – instituindo que é dever da família, do Estado e da sociedade a salvaguarda dos direitos da pessoa idosa, de sua vida, de seu bem-estar e dignidade. Esta política prevê ainda um sistema de informações integrado em todos os níveis do governo, de aprendizagem e capacitação continuada de profissionais da área e incentivo a pesquisas correlatas ao envelhecer. Considera idosa a pessoa maior de 60 anos e tem por finalidade “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (BRASIL, 1994).

No ano de 2002, durante a 2ª Assembleia Mundial do Envelhecimento realizada em Madri, a Organização Mundial da Saúde (OMS), publica orientações acerca do “envelhecimento ativo” preconizando o aumento de qualidade e expectativa de vida saudável; esse termo foi utilizado com o intuito de ampliar a perspectiva sobre o envelhecimento, considerando três pilares de ação: saúde, participação e segurança (OMS, 2005). Com a atualização do documento sobre o envelhecimento ativo os pilares tornaram-se quatro e “o conceito foi ainda mais refinado com a adição da aprendizagem ao longo da vida como outro componente, conforme promulgado pela Conferência Internacional de Envelhecimento Ativo em Sevilha em 2010” (CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL, 2015, p. 44).

Balizado por todo esse movimento em torno do envelhecimento e suas questões, em 2003 é publicado o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003 (BRASIL, 2013), como ratificação aos direitos dos idosos já preceituados pela CF/1988 e pela PNI, mas também como dispositivo que acrescenta novas leis que visam a integralidade no tratamento da pessoa idosa. Delega à Saúde, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), a atenção integral desse público, aponta ainda que é de responsabilidade do Poder Público prover possibilidades de educação, cultura, esporte e lazer (BRASIL, 2013).

O Estatuto do Idoso (BRASIL, 2013), preconiza no art. 3ª das Disposições Preliminares que é obrigação da família, comunidade, sociedade e Poder Público assegurar com prioridade absoluta “[...] a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à

liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”. Conforme Silva (2019, p. 139):

O Estatuto, reconhecendo a vulnerabilidade do idoso, apresenta medidas afirmativas, como: a) quando considera, no parágrafo único do art. 27, que o primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada; b) ao garantir, no art. 3º, prioridade na formulação e execução de políticas sociais públicas específicas, além de destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção ao idoso, e assegurá-la, no art. 38, também na aquisição de imóvel para a moradia própria nos programas habitacionais além de, no art. 71, admiti-la inclusive na tramitação de processos e procedimentos judiciais em que figure como parte ou interveniente; c) ao prever a concessão de benefício mensal de um salário mínimo ao idoso a partir de 65 anos que não possua meios de prover sua subsistência nem de tê-la provida por sua família; d) ao proporcionar, no art. 23, descontos de pelo menos 50% em ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, e, no art. 39, gratuidade aos maiores de 65 anos nos transportes coletivos públicos urbanos e semiurbanos.

Embora o Estatuto do Idoso proponha medidas de proteção, promoção e incentivo para uma vida de maior integração e autonomia, é fundamental que a presença do próprio idoso se faça visível na fiscalização, nas cobranças e no cumprimento de seus direitos sociais. A luta por melhores condições de vida do idoso deve ainda ser de interesse de toda sociedade civil organizada e de outras entidades que formam:

[...] um rol de sujeitos responsáveis pela fiscalização e efetivação dos direitos. Os circuitos de proteção incluem os Conselhos de Idosos, Defensorias Públicas, Ministérios Públicos, Poder Judiciário, Polícia Civil, Sistema Único de Saúde (SUS), Sistema Único de Assistência Social, Vigilância Sanitária (SILVA, 2019, p. 140).

O Conselho Nacional dos Direitos dos Idosos (CNDI) – criado pela PNI – é um órgão de caráter deliberativo; tem por finalidade trabalhar em consonância com os Conselhos Estaduais, Municipais e do Distrito Federal, além de promover “parcerias com organizações governamentais e não-governamentais e [...] monitorar as atividades de atendimento ao idoso [...] promover estudos, debates e pesquisas sobre a aplicação e os resultados dos programas e projetos [...]” (BRASIL, 2003). O CNDI regulamenta a composição e estruturação dos Conselhos Municipais dos Direitos dos Idosos (CMDI), a fim de corroborar e fazer valer as diretrizes pautadas pelo Estatuto do Idoso sob a

responsabilidade de cada município a partir da integração entre sociedade civil e agentes públicos.

Em outubro de 2006 foi criada a portaria nº 2.528, que atualiza a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), publicada em 1999 (BRASIL, 2006), reiterando e propondo revisões para a readequação de ações – programas, atividades e projetos – pertinentes a órgãos e entidades do Ministério da Saúde que sejam direcionadas aos idosos, mantendo-se de acordo com a lei instituída.

A PNSPI (BRASIL, 2006), enfatiza em suas diretrizes que atingir a idade de 60 anos não significa ficar velho, considera ainda o envelhecimento como um processo natural que permeia todos os momentos da vida do ser humano, de forma influenciada por vias situacionais ou de escolha. Expressa ainda que o preconceito e a negação da sociedade em relação ao envelhecimento impõe dificuldades para se pensar políticas específicas para os idosos.

Assim suas diretrizes contemplam o incentivo ao envelhecimento ativo e saudável; atenção integral e integrada à saúde da pessoa idosa; ações intersetoriais em prol da integralidade da atenção; provimento de recursos à saúde da pessoa idosa; estímulo à participação e fortalecimento do controle social; formação e educação permanente dos profissionais SUS na área de saúde da pessoa idosa; divulgação e informação sobre a PNSPI; promoção de cooperação nacional e internacional das experiências na atenção à saúde da pessoa idosa; e apoio ao desenvolvimento de estudos e pesquisas (BRASIL, 2006).

Em 2015, o relatório “Envelhecimento Ativo: um marco político” – por meio do Centro Internacional de Longevidade Brasil<sup>5</sup> (ILC-Brasil) – vem atualizar o documento “Marco Político do Envelhecimento Ativo” produzido pela OMS no ano de 2002. Esta revisão do Envelhecimento Ativo versa sobre uma abordagem ideológica renovada acerca do envelhecimento, apoiando-se na perspectiva de participação integral da pessoa idosa em sociedade, abarcando para tanto, questões sociais, econômicas, espirituais, culturais e cívicas.

Conforme esta revisão (CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE DO BRASIL, 2015, p. 45), o Envelhecimento Ativo se estabelece orientado pela teoria de

---

<sup>5</sup> Uma entidade sem fins lucrativos situada na Universidade da Terceira Idade (UnATI) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), o ILC-Brasil funciona como uma “usina de ideias” desde 2012 em direção a transformações sociais, políticas, econômicas e científicas, faz parte da Aliança Global de *International Longevity Centres* em 17 países na produção de conhecimentos, recomendação de políticas e concepção de projetos (ILC-BRASIL, 2015).

resiliência: “ter acesso às reservas necessárias a se adaptar, suportar, e aprender com os desafios enfrentados ao longo da vida”. Algumas dessas reservas dizem respeito à saúde, ao engajamento, às redes de socialização, à segurança material, aos conhecimentos e habilidades. O relatório disponibiliza ainda pressupostos considerados basilares à ação pública e complementa os princípios antes já configurados pela OMS sobre o envelhecer ativo.

Embora esta revisão aponte em seus princípios que, para além dos exercícios do corpo, o conceito de atividade diz respeito ao “engajamento significativo” em diversas esferas da vida social, sobressai às entrelinhas um forte teor de manutenção dos valores morais e da ordem social ao enfatizar – mais do que outros contextos sociais – o trabalho, o voluntariado e as causas de ordem cívicas. Além de não especificar exatamente quais ações correspondem ao um “engajamento significativo”, a ênfase dada a estes três contextos sociais diz muito sobre a lógica de que cidadãos possuem deveres para com sua nação, dentre estes o de não subverter os ditames da ordem social, o que pode encobrir ainda a ideia de meritocracia e a responsabilização integral do sujeito em seu modo de participação social, demarcando o lugar de um sujeito reificado.

Outros princípios versam sobre a inclusão total de idosos na política do envelhecimento ativo, mesmo os mais frágeis, equiparando-os com as pessoas idosas saudáveis e ativas; entretanto, a saúde fragilizada de alguns idosos pode representar um empecilho para seu engajamento significativo na vida social. Defende ações preventivas, restaurativas e paliativas ao indivíduo a fim de promover a qualidade de vida mesmo para aqueles mais fragilizados, valoriza a autonomia, a independência e a interdependência como forma de reciprocidade social. Contudo, a realidade impressa na concreticidade cotidiana não é condizente com tais premissas, o cenário de desigualdades e condições precarizadas de vida ainda é imperativo.

A solidariedade intergeracional nesta revisão é traduzida como equânime distribuição de recursos entre pessoas de todas as idades, demarcando o lugar de uma perspectiva fundamentada em direitos e não em necessidades. A lógica de ação política do Envelhecimento Ativo se dá de cima para baixo no sentido de receber apoio e incentivo Estatal e de baixo para cima no sentido de um “protagonismo empoderado” das pessoas em sua participação na sociedade, assim como a responsabilização dos indivíduos pelo tipo de proveito que fizeram das oportunidades que lhes foram oportunizadas.

Embora os princípios anteriormente citados denotem um tom neoliberalista, especialmente no que se refere a ação e participação individualizada dos sujeitos em

sociedade, atuando e sendo responsabilizados em situações sociais nas quais o Estado é ausente, a proposta do Envelhecimento Ativo discorre sobre a promoção e a abrangência do entendimento de aspectos gerais da vida que impactam o desenvolvimento do indivíduo desde a infância até a morte. Pensando na revolução da longevidade e no crescimento da população idosa versa também sobre quatro pilares de ação que visam o aumento da expectativa e da qualidade de vida estabelecidos pela OMS.

O primeiro pilar traz o foco para a saúde, fala sobre a redução das desigualdades especificamente de saúde e ressalta a importância de possuir visão e saúde mental positiva sobre a vida, destacando primordialmente as benesses adquiridas ao longo da vida pelo investimento na boa saúde desde muito cedo. Em contrapartida tal perspectiva pode outorgar à abstração o sujeito de intersubjetividades, permeado e mediado pelas inúmeras desigualdades sociais que o incluem de maneira perversa em diversos contextos sociais, inclusive na experiência singular de qualidade de saúde ou da falta dela.

O segundo pilar, aprendizagem ao longo da vida, é colocado como eixo substancial para a construção e vivência dos pressupostos indicados nos outros pilares do Envelhecimento Ativo, onde a vida social engajada teria seu início. Seu caráter de essencialidade encontra-se, conforme o relatório, em sua potência de desdobramento na participação social, como a empregabilidade, a implicação social que gera relevância pessoal e a competição econômica. Associadas a este quadro mercadológico, perspectivas autossustentáveis em relação a capacidades e habilidades técnicas se dão como peças-chave para uma colocação de sucesso na sociedade, assim como no terceiro pilar, referente à participação, onde a ação do sujeito em consonância com a vida cívica lhe confere engajamento, sentido, pertencimento e oportunidades.

O quarto e último pilar desta revisão discorre sobre a segurança e seus efeitos sobre o processo de desenvolvimento do sujeito desde a infância ao envelhecimento. Sob a ótica reversa de pensar seus benefícios através do que podem ser suas mazelas enfatiza não sua presença e efetividade, mas sim sua falta e os fatores que dela decorrem, como conflitos sociais, queda na economia, crimes e vítimas, tráfico, violência, desemprego. Em vista disso, este relatório possui grande peso junto às entidades, governamentais ou não. Tanto na formulação de diretrizes quanto na execução de ações para a pessoa idosa, institui-se de fato como um “marco” de concepções e recomendações políticas, conformando saberes e teorias sobre o sujeito e o envelhecimento.

Em linhas gerais o tom de positividade empregado às leis, diretrizes, normas, estatutos, recomendações e incentivos direcionados aos idosos pode, entretanto, servir



como esboço de um sujeito que está no controle absoluto da potência das afetações que sofre. O modelo de sujeito que pode ser adotado a partir dessa lógica é de um indivíduo que tem o dever de se manter sempre ativo, que se dá apenas como um instrumento que reflete a sociedade em que vive e que responde a esta de acordo com suas capacidades de resiliência. Conforme Souza (2009, p. 21):

[...] tudo na realidade social é feito para que se esconda o principal: a produção de indivíduos diferencialmente aparelhados para a competição social desde seu “nascimento”. [...] A legitimação do mundo moderno como mundo “justo” está fundamentada na “meritocracia”. [...] O mercado “diz”, ainda que não tenha boca: eu sou “justo”, porque dou a remuneração “justa”, verdadeiramente equivalente ao desempenho. O Estado também “diz” o mesmo: eu faço concursos públicos abertos para todos, e o melhor deve vencer. Nada mais “justo” do que isso. [...] O que o mercado, o Estado, uma “ciência” e um senso comum dominantes — mas dominados por uma perspectiva conservadora, acrítica e quantitativa — nunca “dizem” é que existem condições “sociais” para o sucesso supostamente “individual”.

Tomar o sujeito sob tal perspectiva seria apartá-lo de sua condição histórico-social, além de reforçar a ideia de um indivíduo que possui dois “aparelhos” de ação no mundo e que agem de forma independente: corpo e mente, que funcionam desconexos ou em ordem hierárquica de afetação. Ao contrário o ser humano é uma totalidade em curso e sem divisões corpo/mente, razão/emoção, logo uma ideia por ela mesma, pura e abstrata, não possui força para mudar determinada realidade, pois uma ideia só tem esse poder de transformação se também sua gênese estiver entrelaçada em outras afetações. Portanto, o modo de ação ou reação no mundo se dá por meio dos afetos vivenciados e estes são:

como indicadores da forma como nossa imanência (*conatus*) se realiza em nossa existência. Pensamos e agimos eticamente não contra os afetos, mas graças a eles. Um conhecimento verdadeiro só pode mudar um afeto se ele próprio for um afeto, uma vez que uma ideia não pode refrear nenhum afeto, a não ser que seja considerada afeto (SAWAIA, 2014, p. 10).

Descartar a subjetividade como construção vivencial afetiva, ou seja, constituída histórica e socialmente no entremeio das relações dialéticas com o outro, com o meio e sob mediação de particulares, é cair no voluntarismo, colocando o sujeito como único responsável e produtor de seus afetos e afetações. É como colocá-lo dono de um tipo de “conteúdo intrínseco” previamente existente, que pode ser cultivado – pelo próprio desejo – como um ato individual. Por possuir caráter de construção que é permeada e mediada

pelo coletivo e pelas condições de vida no meio, a subjetividade pode se dar tanto como alienante – pelos modos de produção capitalista – como pode ainda ser via de ação e transformação social:

[...] a transformação social [...] não é apenas uma questão estrutural, política ou econômica, e a subjetividade, uma mera panaceia. Ao contrário, tal perspectiva pressupõe a essencialidade do engajamento subjetivo para a transformação social ou, em outras palavras, que a subjetividade é uma das dimensões no interior da qual o processo revolucionário se constrói (SAWAIA, 2014, p.5). [...] O *Zeitgeist* contemporâneo já sabe disso, promovendo a valorização reificadora da subjetividade. Não é por acaso que a religião, a estética burguesa, o *marketing* e todas as ideologias *New Age* tentam cooptar, mistificar ou neutralizar essa dimensão, como o que vem ocorrendo com a felicidade, que se tornou um imperativo moral, *fashion* (SAWAIA, 2014, p. 9).

Conforme Sawaia (2003), é preciso ter cautela quando nos deparamos com as políticas da felicidade, do bom humor e do prefixo “auto”, como autocontrole, autoestima e autoajuda que vêm catequizar padrões de vida, relegando a singularidade do Ser aos moldes ideológicos do que é determinado como bom e como ruim, incitando a competição, a solidão, a alienação e o individualismo. “As palavras de ordem são: ‘você se basta’, ‘vá buscar força e soluções dentro de você’” (SAWAIA, 2003, p. 60).

Esse tipo de relação estabelecida entre determinismos que conformam políticas e a subjetividade coletiva se dá como base geradora do sofrimento ético-político, uma vez que expectativas construídas sobre o conceito de resiliência e autonomia, por exemplo, quando não alcançadas conforme o ditame do que é “certo e errado”, geram sentimento de culpa, incapacidade, impotência e outros afetos tristes. O conhecimento sobre as emoções e sobre a força que a afetividade possui no curso de vida do ser humano pode se tornar instrumento de grande manejo contra os interesses que tendem à manutenção do *status quo*:

O interesse pelas emoções no espaço público tem finalidade disciplinadora. O poder público, as empresas e a mídia – em suma, o poder dominante – descobriu a força das emoções, aprendeu a administrá-las e faz isso com uma habilidade incrível. As pessoas podem ser automatizadas e adestradas para reproduzir a inclusão perversa, mediante, por exemplo, a ditadura da felicidade: “seja feliz todo o tempo”, “tenha bom humor”. Isto é bem diferente de potencializar o afeto para o crescimento individual e coletivo mediante ações transformadoras (SAWAIA, 2003, p. 60).

Retirar este sujeito das emoções ou as emoções do sujeito é retirar-lhe também a existência, “[...] ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais” (SAWAIA, 2001, p. 98). A “não-existência” também é uma forma de morte do sujeito, um ser sem potência é um ser sem vida, entregue a subserviência, paradoxalmente perdido de si e em si mesmo sob a figura predeterminada de um sujeito a-histórico, tornando-se objeto mercadológico de produção e consumo. Por isso é relevante denotar que é sempre real ou latente o não reconhecimento da complexa totalidade do sujeito dentre as linhas e entrelinhas de perspectivas unilaterais ou mesmo das que seguem delineadas sob a concepção neoliberal de sujeito:

Como, no Brasil, as políticas sociais são determinadas por interesses políticos, partidários e econômicos, tomam um caráter de *benesses*, sendo os benefícios sociais negociados como mercadorias em função desses interesses e não propriamente das necessidades da população. Recentemente tratados como direitos de cidadania, os benefícios sociais são previstos tendo como característica fundamental a universalização, mas na prática o que ocorre é a seletividade e a regionalidade dessas concessões, sempre permeadas pelos interesses hegemônicos (BORGES, 2015).

Balizados por um cenário sociopolítico neoliberal, muitos direitos sociais passam pela privatização, deslocando para a demanda mercadológica responsabilidades de grande impacto na vida das pessoas idosas. De acordo com Scalon (2011, p. 62), estabelecer o livre mercado “é incompatível com o nível de desigualdade existente no Brasil [...], uma vez que a competição e o ideal meritocrático defendidos dentro daquela visão não se realizam quando as distâncias sociais são tão profundas e tão sedimentadas”. Assim a redação de leis pode ficar à beira de uma realidade utópica, sob a lógica hegemônica capitalista e interesses de outros setores que podem permanecer velados:

Na realidade, todo esse aparato jurídico político, não tem sido suficiente para garantir aos idosos a efetivação de seus direitos. [...] o que se vê [...] são expressões neoliberais que efetivamente excluem o Estado de sua primordial participação [...], dando ênfase a ações individualistas dos idosos, os quais devem promover as transformações na sua realidade [...] outro viés percebido no âmbito das políticas para os idosos é orientado em função do envelhecimento ativo e sua inclusão na vida socioeconômica de sua comunidade. Isso aparece como algo positivo, em si, mas esconde a real preocupação dos legisladores, isto é, uma preocupação de cunho mercadológico [...] (DANTAS E SILVA; SOUZA, 2010, p. 90)

Ainda que o Brasil tenha um conjunto de políticas e incentivos complexos fundamentados na proteção e promoção da qualidade de vida, há de se considerar a situação de profundas desigualdades no país; logo esse rol de políticas pode ser incipiente e superficial em relação aos fatores que geram essas desigualdades. Se por um lado nem todos são beneficiados por essas políticas sociais, quando são, esses direitos podem não ser contemplados integralmente, de modo que há sempre uma lacuna entre as políticas redigidas e a realidade de vida do sujeito. Assim, as políticas especificamente direcionadas às pessoas idosas, juntamente com o contexto de desequilíbrio e discrepância do país, não suprem necessidades de emancipação, realização, humanização e cidadania dos sujeitos.

É imprescindível que as lutas por reconhecimento dos direitos se façam para além dos cenários políticos e das práticas reivindicativas de um futuro de políticas públicas ampliadas, tendo em vista ações políticas que preconizem a compreensão e o reconhecimento do sujeito de construções subjetivas/objetivas e seus desdobramentos psicossociais. Neste sentido, estas ações podem se tornar práticas, se dando como instrumento de mediação transformadora das relações intersubjetivas, abrindo novas possibilidades de compreensão sobre os indivíduos e seus diversos modos de existir, em todo e qualquer momento da vida. Considerando sua grande influência no engendramento das relações sociais, é fundamental que essas construções passem pela via do Estado, enquanto forma de organização política, social e jurídica e que retirem os sujeitos do abandono, do limbo existencial histórico e do caráter de homogeneidade.

Diante dessa conjuntura, a Psicologia Social, enquanto ciência comprometida em estudar sobre complexidade que compõe a dimensão relacional e constitutiva do sujeito em sociedade, deve se fazer cada vez mais presente e participativa na análise das questões sociopolíticas, empregando seu saber também no contexto das políticas públicas. Esta contribuição deve se fazer como práxis emancipadora no combate às desigualdades, pois existe a crença que política, subjetividade e singularidade são elementos distintos e, portanto, não se misturam, desconsiderando o sujeito em condições, essa concepção sustenta a dicotomia entre objetividade e subjetividade, fundamental que seja superada, visto que este é um debate muito mais amplo, de abrangência epistemológica (SAWAIA, 2009).

### **3 O CAMPO DE PESQUISA: do Polo Cultural ao WhatsApp Solidário Polo**

Para esta pesquisa a intenção de trabalho em campo objetivou o Polo Cultural José Lewgoy, situado no bairro do Cambuci na cidade de São Paulo, criado no ano de 2000 sob o Decreto nº 39.813 e mais conhecido como Polo Cultural da Terceira Idade ou Polo do Idoso. Oferece 20 oficinas socioculturais gratuitas para o público a partir dos 60 anos, dentre as quais, seis são em parceria como o Instituto Pinheiro<sup>6</sup>, através do qual os professores são remunerados. As outras oficinas são realizadas em parceria com programas de voluntariado e universidades. Este espaço de encontros e incentivo à convivência, direcionado à integração social, trabalha ainda com a questão da intergeracionalidade e o fortalecimento familiar ao colocar à disposição de todos, festas temáticas, workshops e palestras diversas.

Devido ao isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 os encontros presenciais no Polo foram suspensos e a preocupação da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania para com os idosos se deu em relação à brusca paralisação das atividades diárias para cada um, além de considerar o sentimento de solidão que poderia recair sobre estas pessoas, implicando em questões de saúde mental. A impossibilidade de encontros presenciais gerou a necessidade de fazer uma releitura das atividades do Polo, que passaram a ser realizadas de modo remoto por meio do WhatsApp. Mesmo distante, a interação entre os membros do Polo, através desse aplicativo, tornou-se via de acesso para que fizessem presença em meio a outros, de um modo diferente, mas presentes.

De acordo com relato cedido pela coordenação no início de 2021: antes de se tornar o grande grupo de WhatsApp Solidário Polo este endereço virtual era de uso particular do grupo de capoeira dos idosos, formado pela filha de uma das participantes. Percebendo que alguns idosos, que não faziam parte do grupo de capoeira, acabavam perdendo eventos e acontecimentos da semana no Polo, esta pessoa pediu permissão para a coordenadora do Polo Cultural para adicionar outros idosos como membros desse grupo, passando então a ser um grupo generalizado do Polo e não somente da capoeira. Entre 2018 e 2019 esse foi o grupo de WhatsApp onde eram compartilhadas informações sobre o Polo e recados de professores, mas que ainda não abrangia grande quantidade dos

---

<sup>6</sup> Organização não governamental sem fins lucrativos que promove desde 2008 ações de sociabilidade, mobilidade, desenvolvimento cognitivo e culturais voltadas à população 60+ (INSTITUTO PINHEIRO, [s.d.]).

idosos e não contava com a presença da coordenação nem da equipe do Polo Cultural, era um grupo para fins informativos.

Em março de 2020, com as atividades interrompidas, a coordenadora do Polo em conversa com a pessoa que formou esse grupo de WhatsApp, que reunia alguns membros do Polo, levantou a possibilidade de adicionar neste espaço virtual todas as oficinas do Polo Cultural, no intuito de reunir os inscritos nessas atividades em um só lugar e gerenciar assuntos relacionados a pandemia. Essa ideia foi pauta de reunião em 18 de março pela Secretaria: acolher os idosos vinculados ao Polo em tempos de isolamento social e criar atividades para movimentar esse grupo de pessoas. Escolheram o nome de WhatsApp Solidário Polo para este endereço virtual que se tornou a junção das diversas oficinas antes ministradas presencialmente, assim como de seus participantes. A coordenadora adicionou a este grande grupo os idosos frequentadores do Polo e a Secretaria divulgou o *link* desse grupo no site da prefeitura, ampliando a possibilidade de participação neste espaço para todas as pessoas acima dos 60 anos que se interessassem.

Em conversa com a coordenadora ela explica sobre o público de idosos vinculados ao o Polo Cultural:

Nem todos tem acesso à internet, nem todos tem condições financeiras de ter telefone, alguns com telefone não são smartphone, são aqueles aparelhos antigos, não tem computador em casa. O perfil de alguns participantes do Polo são pessoas de classe média, trabalharam até tarde, tiveram formação escolar/acadêmica, mas tem outra parcela que não possui condições financeiras para ter acesso à tecnologia.

O monitoramento dos idosos que não tem acesso à internet e não estão no grupo ficamos sabendo através das outras idosas que estão no grupo, porque existe uma rede de amizade e um procura saber do outro, muitos são vizinhos, moram perto, uma rede de informação, algumas vezes eu ligo para alguns para saber, moram longe, e para ver quem precisa de cesta básica também.

Até existe centro de convivência em outras localidades, mas a rede afetiva entre elas e professores são intensas, algumas se deslocavam de longe pela amizade. Parte das idosas iam para o Polo pelo encontro, pela convivência, passavam o dia no Polo, às 15h sempre faziam café da tarde e ficavam conversando até o Polo encerrar as atividades, umas 17h. É um público que requer uma atenção muito grande.

Figura 1 – Cronograma semanal WhatsApp polo solidário, nov. 2020.

CALENDÁRIO WHATSAPP SOLIDÁRIO				
SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
10H00 TOPA O DESAFIO? (TINA)	10H00 GINÁSTICA RÍTMICA E ALCONGAMENTO (MICHELE)	10H00 CANTO CORAL (ESPAÇO LONGEVIDADE)	11H00 PILATES (ALEXANDRE)	10H00 RÁDIO TAISSÓ (FEDERAÇÃO DE RÁDIO TAISSÓ)
14H00 YOGA (FLÁVIA)	11H00 ATIVIDADES COGNITIVAS (UNINOVE)	14H00 CULINÁRIA (MARIANE)	14H00 SHERLOCK HOLMES	11H00 TUNEL DO TEMPO (UNINOVE)
15H30 CONVERSAÇÃO EM ESPAÑHOL (JUJU)	14H00 YOGA (FLÁVIA)	16H00 GEROSCÊNCIA (BRUNO)	16H00 DANÇA SÊNIOR (ESPAÇO LONGEVIDADE)	15H00 ISGAME CÉREBRO ATIVO
17H00 PENSATIVIDADE (CARLA)	15H30 MEMÓRIA (ELISEU)		19H30 ATIVIDADES COGNITIVAS (UNINOVE)	19H30 VOCÊ ADIVINHA? (UNINOVE)
	19H30 APRECIACÃO MUSICAL (UNINOVE)			



WhatsApp Solidário  
Grupo Polo Cultural

Fonte: WhatsApp Solidário Polo, 2020.

Figura 2 – Cronograma semanal WhatsApp polo solidário, mar. 2021.

CALENDÁRIO WHATSAPP SOLIDÁRIO				
SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
10H00 VEJO FLORES EM VOCE (TINA)	10H00 DANÇA RÍTMICA E COREOGRAFIAS (VALDA)	10H00 RÁDIO TAISSÓ (FEDERAÇÃO DE RÁDIO TAISSÓ)	11H00 PILATES (ALEXANDRE)	10H00 RÍTMICA E ALCONGAMENTO (MICHELLE)
14H00 YOGA (FLÁVIA)	15H30 MEMÓRIA (ELISEU)	11H00 RECORDAR E VIVER (UNINOVE)	14H00 TUNEL DO TEMPO (UNINOVE) - MAR/21	15H30 SHERLOCK HOLMES (TINA)
15H30 CONVERSAÇÃO EM ESPAÑHOL (JUJU)	19H30 ATIVIDADES COGNITIVAS (UNINOVE) - MAR/21	14H00 CULINÁRIA (MARIANE)	16H00 COR E POESIA (TINA)	19H30 ATIVIDADES COGNITIVAS (UNINOVE)



WhatsApp Solidário  
Grupo Polo Cultural

Fonte: WhatsApp Solidário Polo, 2021.

O Polo é equipamento direto da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), ou seja, as regras de funcionamento são definidas por normas técnicas e editais, mas a comunicação e ações desenvolvidas em relação ao Polo estão diretamente ligadas à Secretaria. Assim, a pasta de Coordenação de Políticas para a Pessoa Idosa, que abrange o Polo Cultural, conta com um quadro de profissionais por indicação técnico administrativa e não indicação política, este aspecto de admissão possibilita à Secretaria dispor de profissionais especialistas e estudiosos da temática sobre o processo de envelhecimento: uma assessora técnica e a coordenadora que são gerontologistas<sup>7</sup>, um gerontólogo encarregado de equipe e três estagiários em gerontologia.

Atualmente – primeiro semestre de 2021 – o Polo realiza atendimento para aproximadamente 228 usuários, dentre estes 64 estão inseridos no WhatsApp Solidário Polo, com a possibilidade de participar das atividades, interagir ou somente acompanhar a movimentação do grupo no aplicativo. Por ter surtido bom resultado, considerando o momento de pandemia, a ideia ganhou expansão para outros Núcleos de Convivência de Idosos (NCI):

A iniciativa WhatsApp Solidário ultrapassou as fronteiras do Polo Cultural. O sucesso das ações iniciadas no Polo nos levou a propor a replicação dessa estratégia de atenção em diversos Núcleos de Convivência para Idosos da cidade de São Paulo, pertencentes à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS). Para isso, reunimos profissionais representantes dos NCI em um grupo para que eles pudessem multiplicar o funcionamento da iniciativa em grupos com os idosos usuários de cada núcleo. Compartilhamos atividades, ideias e desafios. Dessa forma, ampliamos a cobertura do WhatsApp Solidário para muitas outras pessoas, o que não seria possível fazer em apenas um grupo. Assim, os idosos mantêm os seus vínculos e atividades ao longo do período de isolamento social (SÃO PAULO, 2020).

Existe ainda o projeto para que o Polo se torne Centro de Referência dos Direitos da Pessoa Idosa, objetivando ampliar os serviços dentro da rede de atendimento a esse público. Estão num processo de norma técnica para realizar a tipificação de serviços, ou seja, a padronização de serviços utilizados em todas as outras pastas já existentes (que atendem outros públicos). Assim, o Polo disponibilizará atendimentos especializados,

---

<sup>7</sup> Profissional especializado na área do envelhecimento após sua graduação em outra área que não necessariamente a gerontologia.



como psicologia, gerontologia, orientação jurídica, delegacia, etc. Trabalhará com a promoção e defesa dos direitos humanos da pessoa idosa. Suas oficinas e atividades extras serão conservadas e contarão com o projeto Casa Segura – que é meta de governo –, montada no espaço físico do Polo Cultural e também no virtual, uma casa planejada que demonstrará aos visitantes como deve ser e como fazer uma moradia segura e com mais acessibilidade para pessoas idosas.

#### **4 BASES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS A PARTIR DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA**

Esta pesquisa respalda-se em pressupostos epistemológicos que partem do materialismo histórico dialético, logo fala-se do sujeito em movimento, que afeta ao mesmo tempo em que é afetado. A constituição deste sujeito de intersubjetividades está intimamente envolvida num constante “fazer” que se dá através do tempo histórico e dos modos existentes de sociedade. De forma simultânea e mediados pelas relações que se estabelecem, os indivíduos deixam para cada outro uma “bagagem de subjetividade/objetividade” imbuída de sentidos. Assim, o existir não é algo da ordem do ser – predeterminado –, é antes, fenômeno relacionado com o processo, com o vir-a-ser, indo para além de si mesmo.

Embora reconheça-se no ser humano a disponibilidade para a socialização, este não nasce como membro já inscrito em uma determinada sociedade, o salto ontológico da humanidade somente se faz possível através de suas formas de atividade no meio, através das relações sócio-históricas das quais o próprio sujeito faz parte ativa, indicando a mudança qualitativa nos modos de vida e no desenvolvimento humano. Dessa forma, imanente à própria constituição do psiquismo está a singularidade, enquanto vivência de elementos contraditórios e não lineares e como construção de significados e sentidos.

A singularidade, ainda que expressão individual que se constitui em meio às condições dadas pelo contexto no qual o sujeito está inserido, não se dá como dimensão individualizada, é antes, uma composição não fechada, é síntese singular e social, portanto, de caráter coletivo. A partir desta compreensão é possível olhar para o processo de envelhecer também como fenômeno que move a sociedade para a ação e construção, inaugurando novas maneiras de pensar e agir em relação ao sujeito determinado como idoso após os 60 anos, pois “o ser humano traz consigo uma dimensão que não pode ser descartada, que é sua condição social e histórica, sob o risco de termos uma visão distorcida (ideológica) de seu comportamento” (LANE, 1989).

O envelhecimento não encerra o processo de relações e atividades do indivíduo no mundo, constitui antes, um momento da vida em curso, carregada de significados e sentidos experienciados pelo sujeito de modo singular no decorrer de sua trajetória. Na perspectiva de Vigotski (1999), toda atividade psicológica é mediada por signos, criados pelo homem para servir de meios auxiliares para solucionar problemas psicológicos. A linguagem ocupa a função de intercâmbio social, sendo um sistema simbólico de

representação da realidade e, para isso, se utiliza de signos, que são compartilhados para que as pessoas possam exprimir pensamentos, sentimentos, vontades (VIGOTSKI, 2018).

O significado da palavra além de uma generalização é também um ato do pensamento em diferentes contextos históricos, que se desenvolve e sofre transformações, já o sentido é inconstante e se modifica na consciência, depende da experiência pessoal de cada sujeito imerso em determinada situação, “[...] o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa e que tem várias zonas de estabilidade variada” (VIGOTSKI, 2018, p. 465). O desenvolvimento humano é contínuo, não possui estágios, mas uma relação dinâmica e relativa com o meio, o indivíduo é influenciado e transformado ao longo das vivências (VIGOTSKI, 2010). Lane (1989), nos aponta dois elementos fundamentais na compreensão do ser humano, o primeiro: o homem é da ordem das relações; o segundo: a aquisição da linguagem como aspecto fundamental entre os indivíduos em sua ação e participação em grupo. Sawaia (1998, p. 126), nos aponta a constituição de um sujeito coletivo e suas singularidades:

As ciências humanas já acumularam um conjunto de pesquisas sobre as formas de concretização dos sujeitos nas figuras coletivas e individuais. Essas pesquisas demonstram que o nós-coletivo se concretiza, diferentemente, ao longo da história, pela confluência das determinações de classe, gênero, idade, raça, configurando-se ora como multidão ou gangues, ora como movimentos sociais, classe, grupos e associações. Esses agrupamentos são geralmente desencadeados por questões de identidade, com maior ou menor consciência crítica por parte de seus membros, mas, sempre, em relação à alteridade.

Embora a construção da ideia cronológica pareça estar diretamente ligada a um ideal biológico, dividindo a vida em partes prévia e minimamente conhecidas pelas ciências evolutivas, é preciso considerar ainda o lugar da construção social em relação às determinações identitárias do sujeito ao longo da vida. Ao falar em construção social há de se tomar certa cautela, sob o risco de incorrer no equívoco da abstração e assim descartar fatores dessa construção que é tecida, permeada e singularizada por meio das intersubjetividades. Ao compreender o ser humano em sua realidade e a partir de seu contexto de particulares mediadores, coloca-se em evidência o sujeito em sua totalidade, abandonando a ideia de indivíduo fragmentado ou mesmo segmentado por estágios ou etapas de vida:

[...] os estágios de desenvolvimento não são de origem ontogenética, mas, sim, sociogenética [...] a sociedade constrói cursos de vida na

medida em que prescreve expectativas e normas de comportamento apropriado para diferentes faixas etárias, diante de eventos marcados de natureza biológica e social, e na medida em que essas normas são internalizadas pelas pessoas e instituições sociais. [...] configuram-se tarefas evolutivas, que correspondem ao desempenho de papéis sociais, ao exercício de atividades e à exibição de competências, crenças e valores que uma dada sociedade convencionou serem típicos daquela fase da vida (NERI, 2007, p. 19).

Quando a criança passa ao momento da adolescência e o adolescente para o momento adulto, comumente isto é considerado como desenvolvimento do ser humano, mas quando o adulto passa a viver o momento convencionado como terceira idade ou velhice, este processo deixa de ser visto como desenvolvimento e ganha estigmas de uma perspectiva unilateral biologicista relacionada a perda, declínio, queda ou mesmo incapacidade. “Ao passo que não é num instante que ficamos velhos, quando jovens, não pensamos [...], que já somos habitados pela nossa futura velhice: ela está separada de nós por um tempo tão longo, que aos nossos olhos, confunde-se com a eternidade [...]” (BEAUVOIR, 2018, p. 10).

A imagem que se cristalizou a respeito dos idosos, especialmente a partir dos avanços industriais na sociedade, como representação de perda, inatividade e morte, percorre o tempo por meio de construções subjetivas e reforça a produção pejorativa de significados em relação ao envelhecimento. Lane (1989), nos aponta que os significados se individualizam e se subjetivam por meio das atividades e pensamentos dos sujeitos em seu meio, ao mesmo tempo em que retornam ao caráter de objetividade do mundo concreto através do próprio sujeito e suas ações.

Segundo Lane (1989, p. 34), “Dessa forma, os significados produzidos historicamente pelo grupo social adquirem, no âmbito do indivíduo, um ‘sentido pessoal’, ou seja, a palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo”. Em resposta a significação de uma velhice – fixa e estereotipada – que escapa às condições humanas, como objeto irreal ou de repúdio, a figura do velho passa a ser vista somente no outro e jamais em si mesmo, como negação de um futuro certo no decorrer do processo de desenvolvimento:

Diante da imagem que os velhos nos propõem de nosso futuro, permanecemos incrédulos; uma voz dentro de nós murmura absurdamente que aquilo não vai acontecer conosco; não será mais a nossa pessoa quando aquilo acontecer. Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se

compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes (BEAUVOIR, 2018, p. 11).

De certo não se pode ignorar certas especificidades do processo de envelhecimento em relação ao biológico, não sob o jugo da expectativa de um “desenvolvimento normal”, onde o sujeito é estaticamente enquadrado aos moldes de um “produto final”, mas sim sob a perspectiva de um desenvolvimento esperado, que possui suas bases em conhecimentos já aprendidos pelas ciências em relação ao movimento do ser humano no decorrer da vida. Ainda assim, “não basta descrever de maneira analítica os diversos aspectos da velhice: cada um deles reage sobre todos os outros e é afetado por eles; é o movimento indefinido desta circularidade que é preciso apreendê-la” (BEAUVOIR, 2018, p. 13).

Sob a perspectiva de Vigotski, “O meio, nesse caso, desempenha o papel não de circunstância, mas de fonte de desenvolvimento” (VIGOTSKI, 2010, p.695). Logo, torna-se abstração falar do indivíduo sob um viés puramente biológico, destacado de seu contexto social, histórico e cultural, a complexidade do desenvolvimento humano exige um olhar multidisciplinar, sem determinações que encerrem a amplitude “do ser” e “de Ser” em aspectos isolados de sua condição humana e seu contexto pessoal de vida. É pela mediação de seus particulares – fatores culturais, históricos, econômicos, financeiros, governamentais, etc. – que a universalidade que compõe a espécie humana ganha caráter de singularidade, através da subjetivação que faz de sua própria vivência em meio aos outros e às coisas:

O meio consiste numa fonte de desenvolvimento dessas propriedades e qualidades humanas específicas e, sobretudo, no sentido de que é justamente no meio que existem, desenvolvidas ao longo da história, tanto essas propriedades como as qualidades humanas, que são inerentes aos homens também por força de sua composição orgânica hereditária, mas existem em cada pessoa, porque essa pessoa é membro de um certo grupo social, é uma certa unidade da história, vive numa determinada época histórica e em determinadas condições históricas. [...] essa condição – na qual o homem é um ser social pela sua própria natureza, na qual seu desenvolvimento consiste em, entre outras coisas, dominar as formas de ação, as formas de consciência que, por sua vez, foram trabalhadas pela humanidade no processo de desenvolvimento histórico [...] (VIGOTSKI, 2010, p. 698).

Dessa maneira, o indivíduo visto unicamente sob o aspecto biológico não é capaz de se reproduzir por si só, nem mesmo de sobreviver sem a interação com semelhantes em todos os momentos da vida. Seja da infância ao mais velho o sujeito é um ser de natureza social, não por seus modos de sociabilidade entre outros, mas sobretudo, pela própria ação interativa e histórica que influi e impulsiona o desenvolvimento em sua totalidade biológica/psíquica/social. Lane nos aponta: “o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história” (LANE, 1989, p. 12).

A ação do ser humano no mundo está para além das determinações culturais e sociais, o indivíduo é uma totalidade histórico-social e possui a capacidade de criar e transformar sua realidade a partir de sua iniciativa e grau de autonomia, sem dicotomias entre razão/emoção ou mente/corpo, o sujeito se singulariza por meios das intersubjetividades, da experiencição de seu meio (LANE, 1989).

Sawaia (2008, p. 144), nos orienta que “é importante ressaltar o perigo, embutido no conceito de cultura, à ideia de resistência e de escape da captura de nossa subjetividade”. Tomar o culturalismo como explicação única para a construção do ser humano, como fonte originária do psicológico, implica o risco de se descartar a universalidade do ser, por meio da qual a singularidade se constrói. Em outras palavras, é no movimento material, histórico e dialético que o singular se constitui no universal e este, por sua vez, se concretiza no singular. Submeter a produção de conhecimento acerca do processo de desenvolvimento do humano a uma perspectiva unilateral pode “tornar-se uma outra forma de naturalização que elimina do homem a possibilidade de criação e singularidade” (SAWAIA, 2008, p. 146).

Neste sentido, o processo de envelhecimento como mais um momento da vida do ser humano guarda suas especificidades, mas está longe de ser algo que já está dado, distante da ideia de uma identidade estática. A velhice diz respeito a um momento de mudanças, ao prolongamento de um processo que se inicia ao nascer e no decorrer desse sistema instável onde se perde e se ganha o equilíbrio a todo momento, transformação é a lei que caracteriza a vida (BEAUVOIR, 2018).

Apesar das mudanças que ocorrem na infância serem consideradas mais como crescimento e como ganhos e as ocorrências com a pessoa idosa ficarem classificadas mais como perdas, compreender o processo de envelhecimento e o desenvolvimento como fenômenos que coexistem é admitir que tais transformações estão presentes desde a infância à velhice, numa experiência heterogênea, onde cada indivíduo tem sua própria

dinâmica de desenvolvimento entrelaçada a seu contexto de vida em interação dialética (NERI, 2007).

Sawaia (2014), destaca que a constituição da subjetividade, para além das determinações sociais, é ainda categoria dialética, por isso não se dá como simples reflexo dessa mesma sociedade, pois através das diversas formas de se objetivar e retornar ao mundo concreto, o sujeito é capaz de alterar e transformar a realidade:

A determinação social pode bloquear, canalizar e alienar a ação criativa e singular, porém não a elimina do processo histórico da humanização do homem. O fato de a essência da subjetividade ser o conjunto das relações sociais não lhe tira o poder de atuar sobre essas relações [...] considerar que a transformação é realizada pela atividade (pensar, sentir e agir) dos homens, que se materializa historicamente em relações de produção, dominação política e processos de subjetivação [...]" (SAWAIA, 2014, p. 5).

Compreender o sujeito como decorrência de sua condição social, onde, ao mesmo tempo em que é constituído também constitui, é reconhecer um sujeito que se dá em defluência da relação estabelecida com o mundo e da relação que estabelece para consigo mesmo. Este sujeito está imerso em um contexto de afetividades em todos os momentos da vida, logo, ao experienciar o processo de envelhecimento não somente é afetado pelo meio como também, simultaneamente, o afeta:

[...] a afetividade é entendida por Vygotsky como fundante de toda atividade psicológica. É emocionalmente que construímos os nexos entre as funções psicológicas, transmutando-as em sistemas complexos, multiformes e mutantes. O que ocorre internamente é, por sua vez, expressão também do plano intersubjetivo, pois não existe linguagem sem pensamento e nem este sem afeto. Como motivadora de todo pensamento e orientadora de toda ação encontramos a base afetivo-volitiva, sem a qual quaisquer representações acerca de si e do mundo perderia significação, já que toda realidade que é apropriada pelo sujeito ocorre dentro de um horizonte de sentido e de significado (BRANDÃO, 2008, p. 148).

Baruch de Espinosa (1632-1677), filósofo do século XVII que produziu um minucioso tratado sobre as emoções – o qual serviu de base inspiradora para a teoria das emoções de Vigotski – evidencia o indivíduo em sua totalidade, constituído integralmente, eliminando a ideia de separação entre corpo e mente, razão e emoção. Concebe a afetividade como parte constituinte do homem e não como vícios e coisas que

estão fora da Natureza, rompendo assim com a negatividade imposta sobre as emoções. “Considerarei também as emoções humanas [...] como propriedades da natureza humana: maneiras de ser que lhe pertencem como o calor e o frio, a tempestade, a trovoadas e todos os meteoros pertencentes à natureza atmosférica” (ESPINOSA, 1983, *Trat. Político* Cap. I § 4, p. 306).

O ser humano, em seu movimento singular-particular-universal<sup>8</sup> em todos os momentos de sua vida, é constituído em meio a afecções várias, fala-se, portanto, de uma subjetividade que é constituída em meio ao coletivo, não somente atravessada, mas sim permeada por subjetividades outras. Significados e sentidos tecidos através da coletividade e pela mediação de particularidades situacionais vivenciadas subjetiva e materialmente, conduzem cada indivíduo a fazer compreensão e apreensão de determinados fenômenos de diferentes formas, nem sempre condizentes umas com as outras, seja na infância, na adultez ou no envelhecer.

As afecções experienciadas por cada indivíduo se dão pela via do apetite e do desejo imanentes a sua natureza como potencialidade de ação e de existência do ser exposta a forças e pressões de causas externas e também internas, meio de afetividade no qual o indivíduo se constitui, como apropriação de sua natureza e como instalação de sua sociabilidade e política (SAWAIA, 1998, p. 123).

Ao tecer seu tratado sobre as emoções, Espinosa faz a distinção entre afecções (*affectio*) e afetos (*affectus*) para que não se caia no equívoco de tomar um pelo outro, “por afecções entendo as afecções do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as ideias dessas afecções” (ESPINOSA, 1983, *Ética* III, Definições, p. 176). O afeto, por conseguinte, se dá em resposta às afecções sofridas pelo indivíduo em sua totalidade sob a conformação de sentimentos e emoções, aumentando ou diminuindo a potência de ação de cada pessoa:

Ora, o que se passa em nosso corpo – as afecções – é experimentado por nós sob a forma de afetos (alegria, tristeza, amor, ódio, medo, esperança, cólera, indignação, ciúme, glória) e por isso não há imagem alguma nem ideia alguma que não possua conteúdo afetivo e não seja uma forma de desejo. São esses afetos, ou a dimensão afetivo-desejante das imagens e das ideias, que aumentam ou diminuem a intensidade do conatus (CHAUÍ, 2006, p. 125).

---

<sup>8</sup> Sob a matriz marxiana da concepção histórico-social de homem, a perspectiva psicológica de sujeito é fundamentada na compreensão de singularidade que se constrói na universalidade ao mesmo tempo em que a universalidade se concretiza no singular, concomitantemente sob a mediação do particular (OLIVEIRA, 2005).



Quanto mais desejoso é o indivíduo, mais aberto e receptivo torna-se em relação às afecções do meio, a afetividade está intimamente ligada ao sentir, pensar e agir de cada pessoa no mundo, de modo singular seu *conatus* – sua potência de ação – é fortalecido ou enfraquecido de acordo com cada relação que é instituída com as coisas, pessoas ou outros conatus. Chauí (2006, p. 124) nos indica que esta potência, “pode aumentar ou diminuir, dependendo da maneira como cada singularidade se relaciona com outras ao efetuar seu trabalho de autoconservação”.

Essa força que move o ser humano, que lhe é imanente e o implica na busca de sua própria conservação na vida não diz respeito somente ao modo de conservação biológico, abstratamente orgânico, mas se dá ainda como força em perseverar na própria existência, sendo expansão da mente e do corpo na busca pela liberdade e pela felicidade, como movimento essencial para a existência humana e que impulsiona para a ação no percurso da vida (SAWAIA, 2009).

Espinosa ressalta em sua teoria o quão elementar é ao ser humano a convivência e o relacionar-se com outros, o tecimento da existência e conservação humana se dá ainda na relevância dos bons e maus encontros, “constituídos historicamente nas relações entre os corpos” (SAWAIA, 1998, p. 126). Cenário de experiência das afecções singulares, compreende-se os encontros como fenômeno essencial em todo decorrer da vida, destacando o momento do envelhecer, no qual a pessoa idosa possivelmente pode vivenciar a exclusão do meio social, tendo negligenciada a constituição de sua totalidade em totalização, a vida ainda em curso “no” e “pelo” coletivo:

O seu princípio universal de que “toda coisa, enquanto está em si, se esforça por perseverar no seu ser” demonstra quão natural é que os indivíduos se relacionem uns com os outros, buscando sua conservação e expansão, ao mesmo tempo em que afetam e são afetados. Espinosa não enxerga a realidade estaticamente, isto é, como se os entes (humanos ou não) permanecessem sempre no mesmo estado. [...] todas as coisas são dotadas de uma potência para a vida. Longe de ser uma finalidade, o conatus é, por assim dizer, uma força ou esforço positivo, intrínseco em todos os seres [...] (BRANDÃO, 2008, p. 81).

Ao destacar o homem como ser imerso na dimensão afetiva e que por meio dela se constitui no movimento dialético indivíduo/sociedade, fala-se sobre a complexidade do sujeito num andar contínuo de socialização, um indivíduo histórico-social, que se singulariza elaborando síntese e transformação de suas vivências, gerando o salto

ontológico. Pensar a afetividade, especialmente implicada ao processo de envelhecimento, é considerar um ser humano multifacetado e para além das determinações sociais – apesar de sofrer as condições que lhe são impostas –, é conceber ainda, que a participação em sociedade e as afecções geradas nos encontros são essenciais para a existência humana, como meio de unir e fortalecer o *conatus*.

É pertinente, especialmente para a Psicologia Social, investigar, compreender e divulgar o processo de envelhecimento na vida do ser humano, contribuindo com seu saber científico acerca da integralidade psicossocial e a compreensão sobre o sujeito que é imbuído de historicidade em processo, portanto, em afetação, mesmo que em momentos mais maduros da vida. Ao passo que se compreende sobre os aspectos afetivos constituintes da subjetividade e das funções psicológicas humana, também se abre possibilidades de rompimento com estigmas e preconceitos, superando visões abstratas que compõem as relações sociais. Neste sentido Sawaia (2014, p. 05) nos indica que, “[...] a subjetividade é uma das dimensões no interior da qual o processo revolucionário se constrói”. Assim, é no enredo da experiência e constituição humana, através de mediações potencializadoras do ser, que se faz possível a transformação social.

#### **4.1 Longevidade: um movimento entre conquista, imperativo da juventude e sofrimento-ético político**

O fenômeno da longevidade, em outras palavras, o aumento da expectativa de vida, onde há o crescimento da população idosa e por conseguinte a diminuição de pessoas jovens, está diretamente ligado a combinação de vários fatores como queda na fertilidade e mortalidade, novas tecnologias e conhecimentos relacionados à saúde, estilos de vida, classe social e outros. O aumento de pessoas com mais de 60 anos decorre de um passado de alta fecundidade no início do século XX; atualmente esta realidade se contrasta com o cenário de baixa natalidade, conseqüentemente destacando a queda na taxa de mortalidade:

[...] as taxas de natalidade decaíram, fazendo com que a proporção de adultos progressivamente aumentasse. O processo é portanto dinâmico; para que uma população envelheça é necessário primeiro que nasçam muitas crianças, segundo que as mesmas sobrevivam até idades avançadas e que, simultaneamente, o número de nascimentos diminua. Com isso a entrada de jovens na população decresce, e a proporção daqueles que sobreviveram até idades mais avançadas passa a crescer (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987, p. 204).

Ainda que o aumento da expectativa de vida seja considerado como um fenômeno generalizado, a realidade brasileira nos indica diferentes facetas sobre o envelhecer e suas condições. Os avanços tecnológicos e na área da saúde não significam exatamente qualidade de vida para todos, haja visto o cenário abissal das desigualdades no país, no qual tudo que carrega a significância de ser “velho” não tem lugar ou precisa ser escondido, é relegado ao esquecimento, invisibilidade ou descarte. Segundo Kalache (2008, p. 1108):

O envelhecimento inexorável de uma perspectiva internacional implica a acentuação das desigualdades entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, bem como entre os pobres e ricos num mesmo país. As implicações sociais destas desigualdades [...] se manifestam particularmente nas diferenças de nível de saúde, levando a desafios colossais para os futuros cenários políticos e sociais. Daí a necessidade de reforçar a solidariedade entre subgrupos de uma mesma população, assim como a nível internacional.

Segundo Goldman (2006), a classe social compõe grande interferência no processo de envelhecimento, enquanto aqueles que possuem maior poder aquisitivo podem usufruir de mais opções e estrutura para melhor viver este momento da vida, como instituições especializadas de qualidade, acompanhantes no dia a dia e serviços de saúde bem estruturados; nas camadas mais pobres os idosos podem significar tanto um empecilho para a família como podem ainda ser a única fonte de renda. Ainda conforme Goldman (2006, p. 58), a contradição do aumento da expectativa de vida pode ser vista sob a perspectiva destes dois tópicos:

- De um lado o aumento da expectativa de vida revela o progresso e concretização de metas desejadas por gerações anteriores a nós, destacam ainda as conquistas médico-sanitárias e a melhoria em serviços de infraestrutura básica, assim como a ampliação e os avanços em pesquisas, estudos e ações nos campos da gerontologia e geriatria, o que possibilita intervenções mais eficientes e eficazes no processo de envelhecimento. Contudo, essa expansão ainda é pequena ante o notável crescimento da população idosa;
- De outro lado está a população idosa que alcança idades mais avançadas e se depara com inúmeras dificuldades em se adaptar às atuais condições de

vida, pois além de aspectos como limitações físicas, psíquicas, sociais e culturais atreladas ao processo de envelhecimento, ainda se sentem banidos do mercado de trabalho, assim como do seio da família e da sociedade.

Se o processo de transição epidemiológica, ou seja, mudanças da alta-mortalidade/alta-fecundidade para a baixa-mortalidade/baixa-fecundidade, se dá de uma forma muito lenta ao longo dos anos, tornando-se mais estendido, os impactos sociais tendem a se intensificar e especialmente os recursos materiais tendem a ser limitados, assim o grande desafio que se coloca à sociedade é saber como acolher e como lidar com as necessidades específicas das pessoas idosas uma vez que os olhos da sociedade estão voltados a outros grupos etários (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987). O autor ainda aponta:

Ao contrário dos países desenvolvidos que se tornaram ricos antes de envelhecer, os países em desenvolvimento estão envelhecendo antes de enriquecerem. Este fato traz um imenso desafio para os países em desenvolvimento em muitas áreas, incluindo a seguridade social e o crescimento econômico (KALACHE, 2008, p. 1110).

O cenário contemporâneo da pobreza enquanto resultado histórico originário das relações de interesse de classes, compõe o quadro social de desigualdades relacionadas ao imperativo capitalista de produção e consumo. O agravamento da produção de pobreza está ainda para além das estatísticas economicistas que, ao colocar em evidência o indivíduo cristalizado e estigmatizado sob a identidade conformada de “velho e pobre”, o retrata abstratamente e reduz suas necessidades, conseqüentemente sua existência, a fatores puramente econômicos:

Esconder os fatores não econômicos da desigualdade é, na verdade, tornar invisível as duas questões que permitem efetivamente “compreender” o fenômeno da desigualdade social: a sua gênese e a sua produção no tempo. [...] Onde reside, [...], a “cegueira” da percepção economicista do mundo? Reside em literalmente não “ver” o mais importante, que é a transferência de “valores imateriais” na reprodução das classes sociais e de seus privilégios no tempo (SOUZA, 2009, p. 18,19).

A desigualdade é uma construção social, por isso essa discussão não deve se encerrar nas questões relacionadas à renda; a dimensão social das desigualdades é

abrangente, implica em aspectos de cidadania, raça, gênero, classe e outros (SCALON, 2011). O enfoque financeiro inegavelmente se faz fundamental na construção de uma vida mais saudável, de possibilidades e acessos, entretanto, se tomado – o sujeito – somente como estatísticas econômicas, especialmente que oneram o país, perde-se de vista o sujeito sócio-histórico, a vida em sua totalidade, deixa-se fora de cena o indivíduo que também se alimenta de pertencimento, acolhimento e reconhecimento:

Os excluídos, como todos os homens, têm fome de dignidade. Eles desejam ser reconhecidos como “gente”, como seres humanos. Necessitam de afeto, de atenção, de sentir que realmente são únicos e que, ao mesmo tempo, são iguais aos seus semelhantes, o que lhes é negado nas relações sociais injustas e discriminadoras. Suas necessidades e desejos não se esgotam na luta pela sobrevivência biológica. O impulso natural de conservação da vida exige a expansão de suas possibilidades, que é o fundamento do processo de humanização. A alegria, a felicidade e a liberdade são necessidades tão fundamentais quanto aquelas, classicamente, conhecidas como básicas: alimentação, abrigo e reprodução (SAWAIA, 2003, p. 55).

A longevidade enquanto fenômeno mundial e, ao seu modo particular, vivido também no Brasil, se dá como uma revolução, especialmente ao considerar que as pessoas idosas de hoje já viveram trinta anos ou mais comparados aos seus avós, mas a dimensão desse processo de revolução é abrangente e complexa, implica no compromisso de áreas multidisciplinares como setores de cultura, educação, saúde, trabalho, além dos serviços legais, assistenciais e de seguridade social, para que seja possível não só trinta anos a mais de velhice, mas antes, trinta anos ou mais de vida (KALACHE, 2014).

Retirar do indivíduo o direito de ser compreendido, acolhido, reconhecido, de ser feliz, de sentir seguro e ter em quem confiar é o mesmo que lhe negar a humanidade, um corpo vivo significa muito além de estar em pé se movimentando, o ser humano é ainda, potência de ação, é corpo e mente compondo sua totalidade sem dissociações, é força em perseverar na vida e no movimento de luta contra o que lhe nega a felicidade e a liberdade (SAWAIA, 2003). A autora reforça:

Sobreviver é mais que conservar-se vivo, é expandir-se, sendo que a expansão exige liberdade e criação. E o que é mais importante, essa força de expansão da vida é potência e não deiscência, o que significa que ela não é uma tendência natural que vai, inexoravelmente, amadurecer. Ao contrário, a potência de vida é aumentada ou diminuída nos encontros com outros corpos e mentes, sofrendo a ação das ideias, superstições e ações do outro, quer no sentido de maior autonomia, quer de heteronomia (SAWAIA, 2008).

Atualmente a sociedade tem trilhado um caminho contraditório, ao mesmo momento que a população 60+ cresce mundialmente, vivenciando o fenômeno da longevidade, a vida social encontra-se ainda sob os moldes da cultura do descartável e da improdutividade como negação da essência<sup>9</sup> humana. Assim como a negação de um momento da vida que é realidade inelutável e chega para todos aqueles que, sem quaisquer outros percalços, seguem o curso da vida e atingem o envelhecer. Por outro lado, no entrelaço de todos estes, existe também a força do mercado de produção que começa a enxergar nessa parcela da população uma “interessante fatia” para o fomento no consumo de produtos e serviços.

O mercado hoje tem investido parte de seus esforços na especialização de produtos e serviços voltados ao envelhecer. Pensados especificamente para atender necessidades de pessoas que vivem este momento da vida, a oferta desses itens de consumo se tornou expansiva em quantidade, sejam para demandas físicas ou intelectuais, constituem uma gama de opções aos cuidados do envelhecimento ou ainda pode-se dizer, para o não envelhecimento (HARARI; LOPES, 2019). Assim, a pessoa que passa por este processo da vida encontra-se sob exigências agressivas da superação da velhice e da permanência da juventude, como obrigação em ocupar um lugar de visibilidade na sociedade. “A mídia assumiu um papel fundamental ao associar o jovem ao que é belo, dinâmico e criativo e ao velho o que é decadente e ridículo” (GOLDMAN, 2006, p. 59).

Vivenciamos hoje uma sociedade que exalta a busca pelo prazer, na qual a prioridade é o ideal da saúde perfeita e imbatível, evitando as reais fragilidades do indivíduo, o preconceito em relação ao envelhecimento é um tipo de inflexibilidade que alimenta as desigualdades e limita as possibilidades de singularização dos sujeitos (SOUZA-GUIDES; LODOVICI, 2018). A cultura da juventude e do belo está intimamente ligada à imagem do sujeito ativo, saudável e produtivo, conforme Kalache (2008, p. 1110):

A valorização da juventude é uma questão crítica em nossa sociedade. No mercado de trabalho, os jovens são considerados mais eficientes, mais capazes, mais resistentes ao estresse, mais fáceis de se integrar e

---

<sup>9</sup> Com base na teoria dos afetos do filósofo Espinosa, Sawaia (2008), nos fala do conceito de essência como significado da existência de todo ser para perseverar e conservar a própria substância, é o irreduzível humano, uma força vital de expansão, ou seja, o ser sempre lutará contra o que lhe nega compor sua humanidade; já a existência, esta encontra-se sob determinação histórica, é na tensão entre a liberdade da essência e a determinação da existência que se dão as singularidades de potência do ser.

mais ‘mente-aberta’. Os idosos procuram parecer e agir como os jovens para serem valorizados. Esta tendência também implica a existência de uma percepção do que significa ‘ser velho’ nesta sociedade.

Existe uma intenção de mudança da imagem sobre o envelhecimento negativo por meio dos discursos de especialistas da área médica, psicológica e na gerontologia, a substituição é engendrada por uma imagem de positividade que tem a juventude como arquétipo de uma vida exemplar; eleita como apenas uma forma de se viver e não mais um momento da vida do indivíduo dentre todos os outros, é apresentada como um forma de vida de fácil alcance, onde todos podem ter acesso às coisas positivas do bem viver e se assim não acontecer, a responsabilidade recai unicamente sobre o sujeito aparentando que não há contribuição das condições sociais e culturais (BARROS, 2006).

Sawaia (2003) nos alerta sobre a nova “onda do momento” acerca de uma afetividade distorcida e mal delineada, utilizada para que as pessoas possam ser adestradas e automatizadas dentro de ditames sociais, o poder público, as empresas e a mídia como poderes dominantes se valem das emoções e afetividade com finalidade disciplinadora:

As palavras de ordem são: “você se basta”, “vá buscar força e soluções dentro de você”. Qual seria a mensagem dessa “moda emocional”? É a apologia do isolamento, da solidão e da competitividade, o que traz implícitas a manutenção do individualismo e a alienação: ninguém precisa do outro. Essa política da afetividade gera e reforça o sofrimento ético-político: quem sofre, passa a sentir-se ainda mais culpado por não conseguir reagir, por “não se bastar” (SAWAIA, 2003, p. 60).

O embate de contrariedades que se dá ao mesmo tempo entre a não aceitação social da pessoa mais velha – lançando-o sob a cultura do descarté – e as imposições de um novo modelo de vida na criação de uma imagem positiva e jovial, mas que o faça novamente parte produtiva e conquistada da sociedade, é um processo que exclui os idosos que não possuem condições de consumo, além de ser causa de tensões psicológicas intensas e um profundo sofrer do indivíduo que envelhece, o sofrimento ético-político. Sawaia (2003), nos fala sobre a gênese desse sofrimento que se encontra na base da desigualdade social e está incutido em práticas econômicas, políticas e sociais, desdobrando-se num processo de exclusão social em que se cruzam idade, classe, raça e gênero:

A relação entre as ameaças provenientes da desigualdade social e as respostas afetivas dos que a elas se assujeitam compõem um processo psicológico político poderoso à reprodução da desigualdade, que meu núcleo de pesquisa (Nexin) conceitua de *sofrimento ético-político*. [...] Trata-se de sofrimento/paixão, gerado nos maus encontros caracterizados por servidão, heteronomia e injustiça, sofrimento que se cristaliza na forma de potência de padecimento, isto é, de reação e não de ação, na medida em que as condições sociais se mantêm, transformando-se em um estado permanente da existência (SAWAIA, 2009, 370).

O preconceito, discriminação e exclusão pela idade é denominado idadismo, a negação do humano histórico-social e seu processo de livre envelhecimento é a negação de si mesmo enquanto futuros idosos ou como indivíduos que já vivenciam esse processo. A cultura antienvelhecimento criada a partir de interesses mercadológicos, ao mesmo tempo em que supostamente inclui o sujeito em sociedade também atua sob a lógica do dualismo e segregação:

A marginalização que sentimos à medida que envelhecemos é evidente no local de trabalho, na mídia ou nas relações sociais. [...] Da mesma forma que fomos “educados” em uma cultura machista, também fomos “educados” em uma sociedade “idadista”. Ambos coincidem, entre muitas coisas, na estratégia de confrontar interesses criando dualidades como homem / mulher ou jovem / velho. [...] Parece que a idade é o último tabu e as pessoas têm uma data de expiração. [...] Outro aliado do idadismo é a indústria antienvelhecimento, que por interesses econômicos penaliza um processo natural que é acompanhado por cabelos grisalhos, rugas ou calvície, mas de muitos outros ganhos em diferentes planos, como psicológico, social, espiritual ou físico. [...] O preconceito em relação à idade gera exclusão [...], problemas de saúde e abuso. O idadismo é uma construção social e por isso cabe a nós combatê-lo (RAMOS, 2019).

Ainda que o processo de exclusão esteja nas bases do poder e das desigualdades sociais como conformação de sociedades neoliberais e enquanto fenômeno historicamente legitimado e alimentado sob a égide capitalista de produção e consumo, “a desigualdade precisa ser administrada [...], os excluídos devem, de alguma forma, ser incluídos e sentir-se incluídos. Inclusão e exclusão configuram, assim, duas faces de uma mesma moeda” (SAWAIA, 2003, 56). Esse movimento entre exclusão e inclusão pela desigualdade social se dá dialeticamente e configura-se como: dialética exclusão/inclusão social e reitera novas formas de sofrimento ético-político:



[...] já que muitas vezes a inclusão não passa de uma estratégia de adaptação à ordem social excludente. Administrar a desigualdade significa, portanto, incluir perversamente e tratar apenas de seus efeitos superficiais, deixando de lado as causas mais profundas da exclusão, reproduzindo novas formas de sofrimento ético-político. A não compreensão da dialética exclusão/inclusão leva à análise da exclusão, apenas, por meio de índices frios e cálculos complicados, como os que procuram definir se a fronteira entre miséria e pobreza é R\$ 65 ou R\$ 60 (SAWAIA, 2003, p. 57).

Conforme indica Sawaia (2003), o tipo de exclusão integrativa evidencia o lado perverso da inclusão, um modo de aceitação das diferenças com o intuito de inseri-las na sociedade de forma estratégica, para que assim possam ser administradas em prol do manutenção da ordem social. Assim, a reprodução dessa lógica e ao mesmo tempo dessa prática replicante das desigualdades e causadora de sofrimento ético-político necessita que os sujeitos estejam sob afetos de tristeza e impotência, que sua potência de vida esteja diminuída na busca por expansão de seu ser (SAWAIA, 2003).

Em tempos de pandemia a as potências de padecimento se acentuaram para muitos, o sofrimento ético-político se deu como indicativo das afetações sofridas pelo desrespeito à vida, fato que intensificou a cultura do descarte já instalada. O evento da longevidade, antes uma conquista, perdeu seu valor e foi considerado um peso para os cofres públicos; como grupo de risco, os mais velhos tornaram-se uma ameaça aos olhos do Estado e suas vidas foram banalizadas ante prioridades administrativas da máquina pública. Frente ao fenômeno da crise sanitária que se transformou em caos sociopolítico, as repostas sociais e humanitárias em relação à vida, especialmente à proteção dos idosos, foi enredada pela racionalidade neoliberalista que produz individualização e culpabilização dos sujeitos, um modo de construção intersubjetiva que rompe com a compreensão do sujeito que sofre e se constitui a partir das influências do meio.

"Todo mundo quer viver 100 anos, 120, 130<sup>10</sup>. Não há capacidade de investimento para que o Estado consiga acompanhar". Esta fala foi dita pelo ministro da Economia Paulo Guedes em reunião do Conselho de Saúde Complementar. Na construção de um discurso higienista, responsabilizou o aumento da expectativa de vida – evento da longevidade – pela derrocada da gestão pública: “O Estado quebrou”, declarou o ministro,

---

<sup>10</sup><https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/27/guedes-diz-que-estado-quebrou-e-que-vai-ser-impossivel-atender-demanda-crescente-na-saude.ghtml>

retratando como uma ameaça à economia o direito e projeto de vida do ser humano: o desejo de viver mais.

Ainda que numa perspectiva higienista, esta narrativa, que passa pelo idadismo e dialoga com a lógica eugenista, demonstra não ser direcionada às classes sociais privilegiadas, pois o ministro, com 71 anos, se distancia de sua condição no processo de envelhecimento ao passo que não toma para si seu próprio discurso, diferenciando-se das demais pessoas idosas que não dispõem da mesma condição social. Além de mascarar o real déficit de governança e adaptabilidade do sistema ante necessidades da população, sua fala é antagônica às leis, diretrizes e estatutos que versam sobre os direitos das pessoas idosas.

Seguindo esta mesma construção, a fala da deputada Janaína Paschoal repercutiu para muitas pessoas como um manifesto flerte com o geronticídio e a necropolítica: “Eu me preocupo com todas as vidas! Mas as vidas daqueles que viveram menos me preocupam mais. Aliás, penso que já estejamos no momento de estabelecer claramente regras para priorizar o uso dos recursos disponíveis: leitos, respiradores, etc.”<sup>11</sup>. Discursos que possuem como base argumentativa as próprias condições de discriminação social, além de promover o manutenção de estereótipos, podem repercutir para futuras gerações, como forma de intolerância e desrespeito com a figura da pessoa mais velha, se desdobrando ainda na dificuldade de lidar com o próprio envelhecimento.

Em pleno colapso do sistema de saúde e também do cenário político, que fomenta ainda mais as desigualdades no país, o idadismo tornou-se um surto, narrativas e ações contra a vida dos idosos se multiplicaram e o direito de serem sujeitos ainda em desenvolvimento foi cerceado por interesses econômicos. Criticados e repudiados, principalmente por entidades e movimentos de proteção e luta pelos direitos das pessoas idosas, discursos como estes e os sentidos que os compõem, fazem parte da racionalidade capitalista que historicamente enreda intersubjetividades e dão corpo ao pensar, sentir e agir social. Nem todos estão de acordo com essa lógica, ainda assim ela produz e reproduz a malha social do preconceito, da inclusão perversa e do descarte, seja irrefletida ou refletidamente, essa práxis ganhou força nos últimos tempos.

---

<sup>11</sup><https://revistaforum.com.br/noticias/vidas-idosas-importam-movimento-repudia-fala-de-janaina-paschoal-e-diz-que-e-geronticidio/#>

## 5 MÉTODO

O referencial teórico-metodológico utilizado para a compreensão e desenvolvimento desta pesquisa está fundamentado na perspectiva e princípios da Psicologia Sócio-Histórica. Adota o método de Pesquisa-Participante (PP) como viabilizador da interação entre pesquisadora, temática e participantes da pesquisa, abrindo caminhos possíveis para a reflexão crítica, a transformação e a emancipação. O presente estudo caracteriza-se por um enfoque qualitativo seguindo as orientações epistemológicas de Vigotski (1991), Lane (1989) e Sawaia (2001).

Seguindo as ideias de Sawaia, Albuquerque e Busarello (2020), esta pesquisa foi realizada de forma on-line em decorrência da alteração nos modos de sociabilidade impostos pela pandemia e em respeito aos protocolos preconizados pela Organização Mundial da Saúde em relação a Covid-19, utilizando como instrumental as tecnologias de comunicação para a viabilização do espaço de movimento da pesquisa, neste caso o WhatsApp. “A pesquisa que usa a internet [...] para a realização da pesquisa social é chamada [...] pesquisa on-line [...] métodos tradicionais da pesquisa social transferidos – e às vezes adaptados – à pesquisa on-line”. (FLICK, 2012, p. 164).

A partir das tecnologias de comunicação os meios de interação podem ser diversos, a flexibilização de espaço e tempo no meio eletrônico se dá como facilitador no compartilhamento de ideias e informações, dessa forma “a interatividade na comunicação científica pode ser entendida como a possibilidade de ampliação na participação [...] um dos grandes impulsos trazidos pela internet” (DE OLIVEIRA; NORONHA, 2005, p. 80). Devido à veloz mudança nos modos de comunicação e à forma como essas práticas passaram a fazer parte dos processos da vida, cada vez mais os meios eletrônicos são utilizados na produção e na divulgação de pesquisas científicas:

O surgimento e desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação, em especial a Internet, têm modificado o processo de comunicação, tanto a informal quanto a formal, estabelecendo uma nova categoria na comunicação científica: a comunicação eletrônica (DE OLIVEIRA; NORONHA, 2005, p. 78).

O tratamento metodológico – detalhado no subcapítulo sobre procedimentos – se deu a partir das orientações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e Secretaria-Executiva do Conselho Nacional em Saúde (SECNS) acerca de pesquisas em

ambiente virtual no intuito de preservar a segurança e direitos dos participantes. O ofício do Ministério da Saúde divulgado como balizador para ações de pesquisadores e Comitês de Ética em Pesquisa preconiza algumas etapas da pesquisa da seguinte forma:

Cabe ao pesquisador responsável conhecer a política de privacidade da ferramenta utilizada para coleta de informações pessoais [...] o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa [...] recomendado ao pesquisador responsável fazer o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem" (BRASIL, 2021).

Seguindo tais premissas éticas e apoiando-se em uma perspectiva crítica dos estudos em psicologia, esta pesquisa se construiu a partir de princípios como a noção de historicidade, processualidade, dialeticidade, afetividade, não dicotomia entre o singular e o coletivo, multideterminação do ser humano, interdisciplinaridade, não neutralidade científica e comprometimento social, concepções que foram as linhas condutoras deste trabalho. Para Sawaia (2001, p. 97), “esta perspectiva epistemológica supera o uso moralizador e normatizador de conceitos científicos que culpabilizam o indivíduo por sua situação social e legitimam relações de poder, apoiados no princípio da neutralidade científica”. Ressalta-se ainda a relação de caráter essencial que todo e qualquer método e objeto de estudo possuem entre si, logo é o movimento ocorrido no transcorrer da investigação entre esses dois polos que vai delinear a forma da pesquisa (VIGOTSKI, 1991, tradução nossa).

O método confere movimento à pesquisa, ao que aparentemente é cristalizado, estático; sua grande expressão de destaque está na recuperação histórica do que é analisado, todo conhecimento já existente e produzido carrega em sua essência a historicidade que se acumula e se processa em diferentes momentos e épocas, logo, todo estudo está implicado com fatos e esta realidade não é abstrata, é antes, enredada num contexto histórico temporal, o que possibilita a compreensão do indivíduo como expressão de uma totalidade (LANE, 1989). A autora destaca:

A ciência vista como produto histórico também se revitaliza como produção humana e, portanto, perde sua condição de “neutra”, pois é sempre fruto de homens situados social e historicamente que determinam o prisma pelo qual os fatos são enfocados, ou seja, as

necessidades e valores privilegiados por um grupo social naquele momento (LANE, 1989, p. 45).

Conforme a teoria vigotskiana, o sujeito enquanto ser social e histórico somente se constitui e se transforma a partir do que vivencia na relação com o meio, o desenvolvimento humano é contínuo, portanto, um processo dinâmico, dialético e afetivo, fundante das ações e funções psicológicas humana. Nesta perspectiva, a vivência se dá como unidade de análise essencial no processo desta pesquisa, nos revela elementos que compõem a totalidade complexa dos sujeitos e que podem ser decompostos em unidades de sentido, visto que, “existe um sistema semântico dinâmico que representa a unidade de processos afetivos e intelectuais, [...] uma relação afetiva do homem com a realidade representada nessa ideia” (VIGOTSKI, 2018, p. 16). A materialidade e a subjetividade na vida dos indivíduos estão diretamente interligadas, indicando as determinações sofridas na processualidade afetiva que há entre sujeito e realidade:

Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para o mesmo caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações [...] (VIGOTSKI, 2018, p. 16).

Portanto, esta pesquisa parte da questão norteadora e dos objetivos apresentados na introdução deste trabalho, mas considerando de modo especial, todas as vivências que permearam o estudo realizado, pois tratando-se do indivíduo enquanto sujeito de relações e dialeticidade, também a pesquisa deve acompanhar o movimento dessa construção relacional. Seguramente sabe-se da importância – em uma pesquisa de cunho qualitativo – do envolvimento do(a) pesquisador(a) com a temática, com o meio e com os(as) participantes dentro de determinado recorte temporal, mas vale ressaltar que exatamente por se tratar de sujeitos históricos e temporais – portanto em movimento – a pesquisa comumente está sujeita a intercorrências nem sempre esperadas.

Por isso, o(a) pesquisador(a) “[...] tem a obrigação, se não quer sofrer frustrações, de estar preparado para mudar suas expectativas frente ao seu estudo” (TRIVIÑOS, 1987, p. 131). Tomando como norte a práxis orientadora de Sawaia (1987, p. 29), o que me levou a esta pesquisa “não foram hipóteses ou problemas rigorosamente definidos [...] foram intenções [...]”, que se definem ou redefinem conforme o andamento dialético do estudo.

## 5.1 A tecitura fio a fio da Pesquisa Participante

Fazer pesquisa participativa é aceitar que toda pesquisa é interação comunicativa, na qual ocorre um processo de diálogo aprendizagem mútua e confiança mútua entre o pesquisador e o investigado (BORDA, 2015, p. 308, tradução nossa).

“Do grego *meta* odo, a palavra método significa literalmente *caminho* para [...]” (STRECK, 2006, p. 272), envolta nesta perspectiva de ação – pois todo caminho convida a caminhar – a Pesquisa Participante (PP) se dá não somente como um instrumento flexível de trabalho, mas antes, como construção de conhecimentos que compõe seu próprio percurso. Como práxis de uma pesquisa participativa é possível ao pesquisador elaborar este estudo junto com seu público, com aproximação do real contexto que vivenciam e colaboração de todos os envolvidos. A Pesquisa-Participante tem caráter diferencial da pesquisa tradicional que se fundamenta no modelo de ciência positivista, sustentando sua especificidade de práxis enquanto ciência, conhecimento, ação, teoria e intervenção:

O ponto de origem da pesquisa-participante deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Mesmo que a ação da pesquisa ou as ações sociais associadas a ela sejam bem parciais, incidindo sobre apenas um aspecto de toda uma vida social, nunca se deve perder de vista as integrações e interações que compõem o todo das estruturas e das dinâmicas desta mesma vida social (BRANDÃO, BORGES, 2007, p. 54).

Fals Borda (1983) ao falar sobre este modelo de pesquisa nos aponta sua especificidade em trabalhar com populações em maior vulnerabilidade social, como indígenas, agricultores e operários, visando suas potencialidades e desenvolvimento de autonomia. Além das populações citadas por Fals Borda, atualmente contamos com outras estruturas grupais da sociedade, como grupos, movimentos e/ou projetos sociais direcionados às mães, estudantes, portadores de síndromes diversas, crianças, pessoas idosas, entre outros. A conformação da sociedade tem em sua essência o conhecimento cumulativo através dos tempos, mas não estagnado, a apreensão de saberes através da

interatividade entre sujeitos em condição, conhecimentos que são síntese das experiências vividas por um e por todos:

Tal qual um indivíduo só existe como um ser social – como um membro de algum grupo social, em cujo contexto ele segue o percurso do desenvolvimento histórico –, a composição de sua personalidade e a estrutura de seu comportamento acaba por se constituir em uma variável dependente da evolução social, cujos principais aspectos são determinados pela última (VIGOTSKI, 1930, p. 2).

É no movimento histórico, temporal e social das interrelações de subjetividade/objetividade que residem fenômenos preparatórios para o salto ontológico de uma sociedade, mudanças que ocorrem como momentos de passagem para uma transformação maior, fenômenos que se configuram, por exemplo, como novos arranjos grupais e suas especificidades, outros momentos de vida que criam demandas sociais e diferentes modos de reconhecimento e afetividade. Dentre tantas outras, também as populações citadas anteriormente vivenciam – de diferentes maneiras – a força dos afetos gerados pelas desigualdades sociais e buscam suporte em programas sociais, governamentais ou não, no intuito de aumentar sua potência de vida para o enfrentamento de suas realidades:

A potência de conservação é também poder de ser afetado, o que significa que ela, apesar de ser irreprimível, varia de intensidade, a depender das intersubjetividades que me constituem, isto é, das afecções (*affections*) que meu corpo e minha mente sofrem nos bons e maus encontros do passado, do presente e do futuro (SAWAIA, 2009, p. 366).

Embora a população idosa tenha aumentado mundialmente e haja uma tentativa política por mudanças sociais através de diretrizes, estatutos e leis direcionadas a este público, este movimento está para além da alteração em modelos estruturais, exige ainda, substancialmente, a transformação do próprio sujeito e sua constituição subjetiva. A modificação qualitativa do indivíduo imerso na sociedade é também a mudança nos modos de significação, aceitação, acolhimento e reconhecimento individual e coletivo, um movimento dialético entre vivência e tecimento da subjetividade:

[...] a vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades

da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento (VIGOTSKI, 2010, p. 686).

Vale ressaltar que mesmo leis já instituídas são ideias concebidas por sujeitos assentados em suas subjetividades e localização social, que constituídas no entremeio de interesses e motivações produzidas no movimento da própria sociedade, revelam as determinações do meio sobre a dinâmica das intersubjetividades. Especificamente no caso das pessoas idosas, ainda que exista certo investimento no exercício de pensar novas estruturas para este público, a realidade social ainda demonstra a conformação de subjetividades que compreendem o indivíduo idoso como uma personalidade estática, sem movimento, sem história: a pessoa velha, o ônus da sociedade.

Contudo, o “ser humano evolui e se desenvolve como um ser histórico, social” (VIGOTSKI, 1930, p. 11), o que indica sua vivência afetiva entre outros, mas também entre a materialidade do mundo e de sua própria existência, em seu corpo e singularidade. Neste sentido, esta pesquisa que possui caráter participativo buscou acompanhar a dinamicidade entre os sujeitos e o real contexto no qual estão inseridos. Ainda que esta realidade perpassasse pelo meio virtual, de certa forma não deixa de ser concreta, visto que é composta pela própria totalidade material e subjetiva do sujeito. Brandão (2007, p. 54), amplia alguns princípios da pesquisa participante de acordo com a atualidade que vivemos, caminhos adotados por esta pesquisa:

- Deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações – a vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem interagimos.
- Os processos, as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua dimensão histórica, pois são momentos da vida, vividos no fluxo de uma história [...].

Não há uma padronização normativa para o método de pesquisa-participante, sua base está na relação dialética estabelecida entre pesquisador e pesquisado, onde o



primeiro disponibiliza e coloca a serviço do segundo seu conhecimento, saber e experiência profissional, considerando também todo o saber do pesquisado, o contexto atual, sua historicidade e seu caráter político social (BRANDÃO, 1984). Os eventos que ocorrem ao longo da trajetória de pesquisa, tornam-se ainda, parte do processo de construção da própria pesquisa, compondo sua especificidade e sua práxis científica dialética:

Assim, fatos e teoria se tornam indissociáveis, tornando o processo científico necessariamente cumulativo em direção ao concreto proposto e, a ciência, um conhecimento revitalizado como produção histórica. Neste sentido, definições abstratas perdem significado, pois se antes a generalização caracterizava o conhecer, agora é a especificidade do fato, compreendido em todas as suas implicações, que torna o objetivo do conhecimento científico (LANE, 1989, p. 45).

Este método permite que a pesquisa seja realizada não somente sobre a problemática, mas também possibilita adentrá-la e criar proximidade, a vivência do real contexto, fato que destaca a participação de forma integral no trabalho, sentir as dificuldades do outro a partir do outro, refinar a escuta para o conhecimento, potencializar o exercício de reciprocidade. “A pesquisa em si é uma prática social onde pesquisador e pesquisado se apresentam enquanto subjetividades que se materializam nas relações desenvolvidas, e onde os papéis se confundem e se alternam, ambos objetos de análises [...]” (LANE, 1989, p. 18). Sobre a relação pesquisador e pesquisado a autora reforça:

[...] neste processo deve ser considerada como uma relação inerente ao fato estudado, sendo que o pesquisador é também objeto de estudo e análise tanto por ele próprio como pelo pesquisado. Nesta perspectiva não é possível dissociá-lo pois ele também é parte material da realidade em estudo [...] (LANE, 1989, p. 46).

É neste processo de envolvimento processual entre as partes que, de modo inelutável, se afetam mutuamente, considerando para isto a teoria espinosana onde o homem é um ser desejante, movido por sua força de perseverar na vida e constituído por meio das afecções sofridas nos encontros, que podem compor o sujeito em sua existência, aumentando sua potência de vida ou ainda podem refrear esta potência quando estes encontros se tornam maus momentos (ESPINOSA, 1983, ÉTICAIII). Assim o corpo não está apartado das ideias nem das imagens, a afetação é sofrida pelo corpo em sua totalidade e experienciada sob a configuração de afetos. Conforme Sawaia (2009, p. 367):

E como mente e corpo são uma mesma e única coisa, as afecções do corpo são afecções da alma, sem hierarquia ou relação causal entre eles. O que aumenta ou diminui a potência do meu corpo para agir, aumenta ou diminui a potência de minha alma para pensar.

Assim, desde o momento em que fui adicionada como participante do WhatsApp Solidário Polo, ciente que nos afetamos reciprocamente, prezei pela troca de experiências – mesmo que muitas vezes em mínimas mensagens, fotos ou *posts* –, priorizei ainda por temas que se desdobrassem em reflexões e pela relação horizontalizada no intuito de “captar a não-neutralidade como manifestação de um processo que está procurando compreender em toda a sua extensão” (LANE, 1983, p. 46). Esta relação somente se fez possível por meio da concepção de que todo sujeito vivencia o meio, suas condições e através de suas afetações, pensa, sente e age sobre o que vive.

Seguindo os pressupostos e o próprio movimento da pesquisa, a relação que se estabeleceu com alguns participantes do WhatsApp do Polo considerou, participou e experienciou as condições impostas pela pandemia e pelo isolamento/distanciamento social, que traduzem o próprio contexto social afetivo vivido no momento. A interação realizada em condições virtuais por um lado possibilitou a flexibilização de contatos fora do ambiente on-line do Polo, mas ainda de modo virtual, por outro lado refreou possibilidades de vínculos mais elaborados e afetivos, fato este que não se tornou um revés para a pesquisa, mas antes, a modelou conforme as necessidades e problemáticas que surgiram no decorrer de sua construção.

#### 5.1.1 Acertando as contas entre a pesquisa e o fenômeno pandêmico: os desafios desta pesquisadora num cenário de mudanças

Um ser minúsculo, com capacidade desconcertante de disseminação, está impondo para as nossas vidas mudanças drásticas e em velocidade e abrangência global incomensuráveis. O seu combate, no momento em que se sabe pouco sobre ele, exige o isolamento de todos nós, o que significa abrir mão do direito de mobilidade, de convivência, de estar junto e de abraçar (SAWAIA, 2020, p. 12).

A priori, quando pensada e projetada, esta pesquisa seria realizada *in loco* no Polo Cultural da Terceira Idade, no bairro do Cambuci em São Paulo; a ideia de encontros presenciais a se realizarem uma vez por semana guardava a expectativa de interações olho no olho, do conhecer dos traços, das marcas e das sutilezas de cada rosto, de expor as

minhas também. Movida pela intensidade de meu *conatus* fui em busca do tecimento relacional de um corpo que é sensível aos gatilhos da afetividade: a cidade, a estrutura física do campo de pesquisa, expressões faciais, corporais, cheiro, toque, aproximação, olhares e até mesmo os silêncios, que muito falam e se fazem ouvir.

A intenção seria acompanhar apenas uma oficina ministrada no Polo Cultural do Cambuci, a oficina de teatro, por ser – conforme a informação obtida no início de 2020 pela coordenação – a atividade com maior concentração de idosos expressivos na prática do pensamento crítico. Houve ainda um grande interesse em acompanhar um projeto teatral, que na época estava em plena expectativa de execução, referente a apresentações cênicas em várias estações de metrô em São Paulo que levariam ao público transeunte pautas como prevenção de quedas, violência contra a pessoa idosa e idadismo.

Tudo parecia o cenário perfeito e muito pertinente na composição de campo para uma pesquisa que busca a não neutralidade, o envolvimento, a participação e a reflexão crítica do indivíduo histórico-social. Entretanto, bruscamente fomos assaltados pela ação do vírus que se misturou ao caos das desigualdades já existentes no país. Assistimos atônitos e despreparados preciosidades sendo levadas de nós: vidas, alegrias, existências que se tecem nas relações do dia a dia sem ao menos poder se despedir, “o mundo chora os mortos e se enluta sem ritos de passagem [...] Desqualificam-se rituais [...] Vida e morte são dimensões do mesmo espaço corpo [...] nos obriga a refletir sobre a finitude humana” (MATOS, 2020, p. 51). Tomados pela urgência da reinvenção por novos modos de trabalhar, produzir e se relacionar, o mundo se aprofundou por espaços virtuais como que extensão de corpos em contínua atividade, mas que também buscam por encontros potencializadores:

Em alguns dias, a vida de muitos foi impossibilitada do movimento e restringida para uma vida de telas – aulas mudaram para plataformas on-line, cafés com amigos nas padarias se tornaram café na casa de cada um com uma tela em frente ao rosto, conversas em bares também se transformaram para o formato on-line, sem falar do trabalho que agora é "home office". A vida como conhecíamos [antes da peste] é hoje uma vida que estamos reaprendendo a viver [em meio à peste], com diversas dicas de profissionais que assim frisam: "continue a sua rotina", "não fique de pijama o dia todo", "siga horários". São diversos ditames do que fazer e como viver em tempos de pandemia (BUSARELLO, 2020, p. 118).

Com as atividades presenciais suspensas no Polo Cultural da Terceira Idade, a Prefeitura de São Paulo, através da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e da

Cidadania, implantou em março de 2020 um projeto para a realização de atividades por meio do WhatsApp Solidário Polo. Este espaço virtual idealizado para todos os participantes do Polo obteve como finalidade o acolhimento, a interação, diversas orientações de saúde e atividades possíveis no modo online.

O corte da possibilidade em realizar o trabalho em campo presencial foi severo e imbuído de incertezas, pois ao mesmo tempo em que havia a imprecisão de uma data prevista para a volta desse público às suas atividades, também houve a certeza de que estes estariam dentre os últimos a retomarem sua vida cotidiana como era antes da pandemia. Dentro deste contexto considera-se ainda o panorama da cidade de São Paulo que foi severamente atingida pelos efeitos da pandemia, apresentando até o mês de setembro de 2020 – início da pesquisa em campo – o maior número de mortes confirmadas por Covid-19, correspondente a 35.627 pessoas (BRASIL, 2020).

Nesses tempos de pandemia nem sempre a potencialização dos corpos se fez possível, ao contrário de muito do que se escutou, a pandemia não criou uma crise para o mundo e por conseguinte para a vida das pessoas, mas antes, por meio dela escancarou-se mazelas já existentes e crescentes das desigualdades sociais, uma crise que acelerou níveis de pobreza e exclusão inerentes ao modo de vida regido pelo capitalismo. “A pandemia da COVID-19 se associa a profunda incapacidade da globalização neoliberal e do modo de produção capitalista assimilarem o paradigma biotecnológico emergente e suas implicações sociais e ambientais” (MARTINS, 2020, p. 28).

Ao invés de investimentos significativos nas áreas de saúde, educação e ciência, evidenciou-se a precarização do trabalho, do ensino nas escolas/universidades e da saúde pública, que teve seu trabalho amplamente prejudicado pela falta de estrutura, tanto material quanto no quadro de profissionais. Confinadas nos mais diversos tipos de moradias e conformação familiar, as pessoas viram seus lares se transformarem em escola, estúdio, consultório, escritório de trabalho, uma dinâmica invasiva para alguns, pertinente para outros. O tempo *chronos* perdeu seu caráter balizador das rotinas e os dias tornaram-se extensos, conforme Sawaia (2020, p. 29):

O tempo é outro elemento importante nessa dramaturgia pandêmica. Não o vivenciamos mais, pois não o marcamos mais. O caráter da imaginação do tempo, já afirmado por Espinosa, fica mais palpável do que nunca, pois o domingo pode ser a segunda em tempos de pandemia. A cada dia que passa, fica mais difícil manter a potência de vida no isolamento: o medo do futuro cresce mais do que o seu inseparável parceiro, a esperança de que tudo vai ficar bem. Os afetos vagam

erráticos. Aumenta o número de violência familiar para uns e, para outros, fortalece-se o convívio familiar.

Embora as atividades remotas tenham se tornado um modo de esquivar-se das condições impostas pelo isolamento social, vale ressaltar determinados pontos que se evidenciaram em relação às dinâmicas acadêmicas/escolares – alguns que afetaram a pesquisa – e que se tornaram pauta de discussão desde o início da quarentena: a) falta de acesso a um computador ou celular para assistir às aulas ou mesmo ter que compartilhar e revezar com outras pessoas o uso desses equipamentos; b) falta de acesso à internet, por não poder pagar o pacote mensal ou porque o sinal não pega em determinadas regiões; c) problemas recorrentes na conexão de internet, culminando em perda de conteúdo ministrado em aula; d) queda na qualidade de ensino devido à ausência de mediação presencial do(a) professor(a) e a convivência com o ambiente escolar/acadêmico e colegas; e) exaustão de professores e alunos por sobrecarga de trabalho físico e intelectual, resultando em desgaste e tensão psicológica; f) impossibilidade de estagiar ou pesquisar em campo físico; g) falta de estrutura adequada para estudar, considerando ainda que muitas famílias são numerosas e dividem um espaço extremamente pequeno de moradia:

Não se trata somente da materialidade de paredes, nem somente da disposição daquilo que tem dentro. Trata-se de um modo de existência à maneira como nele nos colocamos e dele extraímos aquilo que vamos sendo em seus limites, para superar o próprio espaço. O que são agora nossos quartos e salas? Não mais o local da televisão, do computador e de dormir. Não mais aquilo que sempre foi no correr dos dias. Agora são aquilo que neles existimos diariamente, buscando ir além deles. São conexões virtuais, imersões literárias, viagens cinéfilas. São a criação de um outro sentido para onde vivemos e estamos. [...] O espaço sempre foi a existência no fluir dos dias. Mas agora os dias congelaram. A vida parece ter estancado – ela que sempre fluía entre o vir e o ir, entre o abrir e o fechar da porta. Agora a porta não abre mais, pelo menos para aqueles que, salvo necessidade, podem fechar a sete chaves a tentativa de preservar a vida. [...] Agora o espaço é um espaço que se volta cada vez mais para o interior – medo do presente, esperança do futuro –, para o abrir-se de uma outra vida, de outras relações, de tudo o que vai por dentro e agora se desdobra para fora (PRADA, 2020, p. 20).

Frente a inúmeras adversidades vividas desde o início do isolamento social a conglomeração da vida particular/familiar com a vida profissional, acadêmica e/ou escolar – em confinamento ou não – se tornou uma realidade geradora de conflitos e angústias. O medo de ficar fora do mercado de trabalho, a necessidade de sobreviver e o

sentimento de obrigação em ter que produzir mesmo em meio ao caos se misturaram consubstancialmente ao ato de cuidar da família, da casa, de idosos e de pessoas consideradas do grupo de risco:

Inúmeras pessoas têm vivido uma "quarentena às avessas", mais na rua, cumprindo tarefas do que em casa. Algumas mais em casa, mas ainda assim sob a demanda de tarefas redobradas. Outras ainda em casa, mas sob a pressão cultural capitalista arraigada do "temos que produzir o tempo todo, a cada minuto, ficar parado é tempo perdido, tempo é dinheiro e produzir é se fazer um sujeito de dignidade e merecimento". Quando em casa, as demandas relacionais não esperam, simplesmente acontecem (VITÓRIA; VIDAL, 2020, p. 103).

A matéria publicada no Portal Uol nos mostra um retrato da mistura entre vida particular e profissional ao apontar seus efeitos sobre a produção científica acadêmica, em especial no caso das mulheres:

[...] A pandemia de coronavírus no Brasil tem afetado fortemente a produção científica de quem depende de estrutura e recursos públicos para pesquisar, mas, no caso das mulheres, o impacto foi brutal. Se já era desigual antes, só piorou com o combo home office, aula à distância, escolas fechadas e isolamento social. Muitas mulheres precisam dar conta não só do trabalho, dos filhos, das refeições, da limpeza da casa, da educação das crianças e das angústias provocadas pela falta de apoio, respiro ou espaço, como também, não raro, de idosos ou doentes (GARCIA, 2020).

Seguindo pela mesma linha temática de uma realidade já existente, mas que se agravou com a pandemia, outro portal de notícias publica uma matéria que aponta dados importantes a serem considerados em relação aos impactos sofridos na produtividade feminina como sintomas de seus meios afetivos, posição na qual me reconheço enquanto pesquisadora acadêmica e especialmente como mulher que desempenha e vivencia diversos papéis sociais:

[...] as mulheres, que inevitavelmente assumem uma parcela maior das responsabilidades familiares, parecem estar produzindo bem menos no trabalho do que o habitual. A análise foi feita sobre o ponto de vista acadêmico. Uma professora da Universidade Monash, na Austrália, revelou que a produção de pesquisas e artigos de mulheres caiu cerca de 50% em relação a dos homens. [...] No Brasil, as mulheres ainda trabalham quase o dobro de horas que os homens nos afazeres domésticos e cuidados de parentes, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) [...] enquanto as mulheres dedicam, em média, 21,3 horas semanais a afazeres ou

cuidados de parentes, os homens só empenharam 10,9 horas nesse tipo de tarefa (NARDELLI, 2020).

Assim, dentro da conjuntura caótica que desestruturou cotidianos já estabelecidos e, seguindo a necessidade de rearranjo das atividades planejadas, esta pesquisa buscou se alinhar ao movimento do Polo Cultural da Terceira Idade que se colocou em modo on-line no propósito de preservar vínculos e promover a interação entre seus participantes. Vale destacar que os primeiros contatos com o Polo Cultural se deram por meio de conversas no WhatsApp com a coordenadora do local, logo depois, no início de 2020, o contato foi presencial, o que possibilitou um grande vínculo entre pesquisadora e mediadores do Polo, como a coordenadora e o gerontólogo, atores fundamentais na interação, cuidado e movimentação dos participantes.

A visita presencial ao Polo revelou, além de pessoas acolhedoras que se mostraram a favor da prática de pesquisa, uma estrutura física castigada pela ação do tempo e do clima; por um instante trouxe à lembrança o próprio processo de envelhecimento humano que, enquadrado em moldes de fragilidade e improdutividade, sofre com as ações da exclusão e os dissabores da supressão existencial. Por outro lado, presenciar a implicação de seus atuais gestores na luta por reformas e melhorias na estrutura, sempre mantendo a todos informados do andamento e propósito das reformas, personificou o próprio “espírito” do Polo, “a transformação não só de um, mas de todos, a valorização da dimensão humana e o entrelaço das emoções” (informação verbal, coordenação do Polo).

Embora o projeto do WhatsApp Solidário Polo tenha sido implementado já no início dos impactos da pandemia no país – no mês de março de 2020 –, o contexto babélico e conturbado de uma rotina de rearranjos interferiu substancialmente no pensar de novos caminhos para a pesquisa, que se iniciou de fato no mês de setembro deste mesmo ano após inserção e acesso ao grupo de WhatsApp do Polo. Por conseguinte, o contato com os mediadores passou a se dar por mensagens e videochamadas, assim como a interação com os participantes que ora se fez via WhatsApp Solidário Polo, ora por conversas particulares também por meio do aplicativo, considerando que, enquanto pesquisadora e psicóloga me coloquei à disposição dos integrantes.

A reflexão sobre a vida que se tece na concreticidade do cotidiano, mas que foi enredada na necessidade de estender-se para espaços virtuais – até mesmo como expressão de seu *conatus* –, impulsionou esta pesquisa a pensar sobre as relações e os

afetos vividos nesse meio virtual, em especial relacionado às pessoas 60+ que, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que experienciam a invisibilidade ou o descarte, também se tornaram foco e pauta das mídias nesse último ano.

Ciente da não neutralidade da figura de pesquisadora, fui afetada a respeito da invisibilidade de um modo muito particular e, a partir do pensar acerca desta afecção que permeia a totalidade corpo/mente do sujeito que está imerso em determinados contextos sociais, foi possível perceber – até mesmo pela experiência com colegas e professores nas aulas online do mestrado – a afetação de corpos que sumariamente se tornaram figuras invisíveis, ausentes no virtual, misturando-se de certa forma à invisibilidade de desejos, pensamentos e ações.

Por este motivo, a decisão por interagir com os participantes do WhatsApp Solidário Polo por meio de vídeos se deu como o melhor caminho dentro desta situação, considerando que não houve previamente um encontro presencial. O intuito desta técnica consiste em se fazer conhecer o mais amplamente possível ao transparecer, através de um corpo de afetações, o comprometimento com o grupo e a seriedade da pesquisa, compreende ainda um meio para desenvolver a aceitação e a confiabilidade. Todavia, a vivência no WhatsApp do Polo durante o tempo de pesquisa revelou que até mesmo um ambiente sem limites de tempo e sem fronteiras de espaço possui seu reverso, seu lado avesso de refreamento dos corpos e de inibição ou alteração dos modos comunicativos.

## **5.2 Procedimentos metodológicos: a “contação” da vida em ato**

“[...] a pesquisa como leitura e pronúncia começa com a abertura para o mundo. [...] Antes do domínio de determinadas técnicas, pesquisar implica capacidade de escutar, um escutar denso, intenso e (im)paciente.” (STRECK, 2006, p. 265).

A abertura de espaços de movimento que a pesquisa participante proporciona a(o) pesquisador(a) possibilita o desdobramento diversificado dos procedimentos utilizados ao longo da pesquisa, a proximidade com o real contexto torna-se não somente um estudo, mas antes uma vivência, uma investigação em ato, até mesmo no meio virtual, o que permite não perder de vista o sujeito dialético e os fatos inseridos na história. “Estes pressupostos determinam procedimentos metodológicos para a Psicologia Social, fundamentais para se atingir o concreto, ou seja, o indivíduo como manifestação da totalidade histórico-social [...]” (LANE, 1989, p. 45).



A PP é “um tipo de pesquisa baseado numa metodologia na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada [...]” (THIOLLENT, 2011). Tratando-se de uma pesquisa realizada em ambiente virtual, o tratamento metodológico se deu através de instrumentos que permitiram a conexão e o diálogo aberto por meio de uma postura não hierarquizada, mas provocativa para a troca de ideias e reflexões, como interação síncrona e assíncrona via WhatsApp, videochamadas e áudios.

A pesquisa participante possibilitou o acompanhamento durante 8 meses da rotina do WhatsApp do Polo, assim como sua movimentação entre interações e não interações, mensagens, *posts*, opiniões e posicionamentos que forneceram à pesquisadora informações ora explícitas, ora veladas nas entrelinhas dos diversos modos de comunicação. A linguagem utilizada no WhatsApp possui característica muito peculiar de um mundo cada vez mais tecnológico que se expressa pela lógica do imediatismo, do simbolismo, através de imagens com figuras e/ou textos (*posts*), *emojis*<sup>12</sup>, *stickers*<sup>13</sup> e grafia abreviada, conferindo caráter de brevidade, prontidão ou mesmo celeridade na construção das frases e reações.

Os procedimentos metodológicos se deram através da confecção do diário de campo digital<sup>14</sup>, da interação com os integrantes do grupo e de entrevistas individuais realizada por videochamada com seis participantes também do WhatsApp Solidário Polo. A comunicação entre pesquisadora e participantes no grupo virtual do Polo percorreu por dois caminhos diferentes: interação semanal com tópicos preparados previamente e interação rotineira sempre que possível em meio às conversas e postagens no aplicativo.

A interação semanal semidirigida, intitulada PensAtividade, foi realizada nos meses de novembro e dezembro de 2020, seguiu um roteiro<sup>15</sup> com temas sobre as vivências na pandemia, lançados através de um vídeo a cada segunda-feira, com exceção dos feriados. Esses vídeos possibilitaram ainda me apresentar como pesquisadora e psicóloga, falar um pouco sobre minha vida acadêmica e também familiar, falar sobre a

---

<sup>12</sup> “Emojis são representações gráficas usadas em conversas online, nas redes sociais e em aplicativos como o WhatsApp. Além de adicionar significado e emoção às nossas palavras, os emojis podem efetivamente substituir mensagens curtas” (STEIN, 2021).

<sup>13</sup> Figurinhas do WhatsApp e de outros aplicativos, criadas a partir de desenhos ou das próprias fotos, expressam a emoção do momento e fazem as conversas ficarem mais divertidas, originais e diretas (DEFINIÇÃO.NET, 2019).

<sup>14</sup> Documento do Word, produzido pela pesquisadora, contendo imagens, *print* de tela, conversas e observações sobre o WhatsApp Solidário Polo.

<sup>15</sup> Apêndice B

pesquisa de maneira horizontalizada e participativa e ainda me colocar à disposição para trocas de ideias e acolhimento. Embora dentre as 64 pessoas idosas integrantes do WhatsApp do Polo, somente 5 pessoas – em média – tenham participado do “bate papo” interativo PensAtividade, os vídeos sempre foram visualizados por aproximadamente 150 membros do aplicativo, considerando a totalidade diversa de integrantes como citado anteriormente.

Importante ressaltar que a pesquisa não é instrumento conformador de pessoas e seus pensamentos, é antes recurso viabilizador de reflexões sobre o indivíduo em condição, o sujeito social que se constitui em relação com o meio, “pesquisar significa colocar-se ‘junto com’ [...]. Por isso, a pesquisa participa da dialética da denúncia e do anúncio” (STRECK, 2006, p. 269). Mesmo que não previstos, alguns movimentos ou a ausência deles foi uma realidade não negada ou omitida deste estudo, dificuldades, contratempos e também disponibilidades que influíram diretamente na construção do caminho percorrido pela pesquisa.

Por outro lado, determinadas falas de diferentes pessoas ao final de cada interação no WhatsApp Solidário Polo (2020), esboçaram a presença de alguns princípios da pesquisa participativa, como a não neutralidade, as relações não hierarquizadas, o comprometimento entre pesquisadora e participantes e a afetação mútua, que geram identificação, aceitação, acolhimento e abertura comunicativa entre todos: “Obrigada, Carla, foi bom participar desse primeiro bate-papo, pra (sic) sua pesquisa. Até a próxima, um abraço!”; “Obrigada Carla!! Vai ser ótimo fazer parte da sua pesquisa”; “Obrigada Carla, desculpa a minha reação, mas é verdadeira e você precisa de depoimentos de gente de verdade, bjs (sic) querida”; “Que legal, então somos ‘colegas’, rssss (sic)”; “Abraço Carla, gostei de participar, obrigada”; “Oi Carla, td (sic) bem? Desculpe, me atrasei. Esta noite dormi pouco e depois do almoço fui descansar um pouco e acabei pegando no sono”; “Bjs (sic) pra você querida, vou participar você traz assuntos muito bons”.

A coleta de dados referente ao grupo de idosos e outras informações sobre o Polo Cultural e seu ambiente virtual foi realizada através do WhatsApp Solidário Polo e junto à sua equipe gestora, utilizando algumas vezes o e-mail como recurso para envio de documentos e trâmites burocráticos. O material de análise corresponde a todas as informações recolhidas sobre os participantes e sua interação no WhatsApp do Polo, posteriormente selecionadas e apagadas do aplicativo e/ou da nuvem após *download* no computador conforme orientações da CONEP, com exceção dos e-mails contendo

documentos. Todos os arquivos foram armazenados em uma pasta no computador e protegidos por senha.

O acompanhamento do grupo se deu diariamente e seguiu em alguns momentos de modo síncrono, interagindo com os participantes, mas algumas vezes foi realizado de forma assíncrona devido às circunstâncias e outros afazeres do dia a dia. O tratamento do material foi realizado ao final de cada dia, quando o WhatsApp Solidário Polo diminuía sua comunicação, facilitando o acesso às informações, à coleta de dados e à seleção dos mesmos. Dentre inúmeras mensagens e atividades que movimentaram o grupo, foram selecionadas aquelas que mais demonstraram afetividade entre os participantes, gerando comentários, expressões emocionais através de *stickers*, *emojis*, etc.

Por serem muito numerosas as outras atividades do cronograma não compuseram a construção desta pesquisa, como yoga, alongamento, pilates, espanhol e algumas outras atividades que possuíam perfil transitório – realizadas por estudantes de psicologia em estágio – todas realizadas em salas virtuais fora do espaço do WhatsApp, onde os participantes entravam através de um link divulgado no grupo do Polo. Outras atividades seguiam o modelo de aulas assíncronas, publicadas em vídeos no YouTube e acessadas também por meio de links informados aos participantes.

Ante todo o contexto caótico apresentado no subcapítulo anterior, com destaque à mistura consubstancial das várias esferas da vida, papéis sociais e à sobrecarga de tarefas, acompanhar a movimentação diária das pessoas dentro do WhatsApp do Polo se tornou um grande desafio. O enorme fluxo de mensagens – em sua maioria posts, mensagens e respostas de bom dia, piadas, orações, boa tarde e boa noite no entremeio de algumas atividades praticadas no próprio aplicativo – muitas vezes dificultou o “estar junto” dos participantes. Dentre a totalidade de 64 pessoas idosas frequentadoras do Polo e mais algumas pessoas diversas, em torno de 80 – professores(as), oficinairos(as), estagiários(as) e equipe do Polo – a interação diária no WhatsApp ficava sintetizada na movimentação de um grupo de aproximadamente 20 pessoas.

Os critérios de escolha dos participantes para a realização das entrevistas individuais foram: integrantes – mulheres e homens – do WhatsApp Solidário Polo com idade a partir de 60 anos, tendo ou não participado anteriormente do Polo Cultural no bairro do Cambuci em São Paulo, pois algumas pessoas só puderam se integrar/frequentar o Polo através do espaço virtual que trouxe consigo algumas facilidades, como o fato de não precisar se mobilizar de localidades mais distantes para participar das atividades ou mesmo morar em outro Estado.

O planejamento previsto para o número de pessoas entrevistadas que se dividia entre 3 mulheres e 3 homens não se fez possível, nem tudo o que é planejado atende o real contexto do campo de pesquisa. Dos poucos participantes homens do Polo Cultural – 15 no total – somente 2 permaneceram no WhatsApp Solidário, mas sem interagir no aplicativo. Em suma, a formação do Whats do Polo foi feita quase que exclusivamente por mulheres idosas, culminando na escolha de 6 mulheres para participar das entrevistas, pelo critério de maior interação diária e pela indicação da coordenadora que mediou o contato com cada uma delas.

Todas as entrevistas foram realizadas por videochamada no intuito de se mostrar acessível às participantes, numa postura não hierarquizada de trocas reflexivas. Cada entrevista se transformou em conversas que duraram em média 1 hora e 10 minutos, diluindo o distanciamento que pode ser causado num cenário de perguntas e respostas. Assim, ante aos eventos esperados e, especialmente aos inesperados neste estudo, tanto as mudanças, quanto às novas problemáticas foram incorporadas aos procedimentos e passaram a compor o cenário desta pesquisa de acordo com a sua perspectiva metodológica.

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da PUC/SP, cumprindo com as exigências éticas da pesquisa e na confecção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>16</sup> segundo a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) – Ministério da Saúde, que compete em diretrizes para a realização de pesquisas que envolvem seres humanos. Considera-se ainda que a questão ética está para além deste documento, estendendo-se para dentro das relações estabelecidas e pautadas no comprometimento democrático, horizontal e justo, visando benefícios, a avaliação de riscos e o acolhimento necessário.

---

<sup>16</sup> Anexo A

## 6 UNIDADES DE SENTIDO E DESDOBRAMENTOS PSICOSSOCIAIS

Este capítulo busca demonstrar aspectos destacados nos objetivos específicos que tiveram como base de estudo o WhatsApp Solidário Polo, seus diálogos e postagens, e as entrevistas. Procura aprofundar a compreensão sobre a dinâmica do grupo, possuindo como norte a questão central deste trabalho: qual o movimento afetivo que permeia a vida virtual de idosos ativos numa plataforma digital? Para tanto, parte das bases teórico-epistemológicas descritas no capítulo 4 para a composição reflexiva de análise que tem o afeto como categoria central na construção das unidades de sentido, considerando que “a emoção é o radar ético das formas de afetação do meu corpo e mente pelos encontros que a existência me oferece” (SAWAIA; SILVA, 2015, p. 355).

Todo conteúdo apresentado referente à movimentação no ambiente virtual do Polo é resultado de uma seleção das relações observadas ao longo do tempo da pesquisa, um recorte do contexto diário a fim de conhecer e participar da realidade social vivida por estas pessoas idosas. A partir deste acompanhamento e participação conforme descritos no capítulo sobre os procedimentos, foram eleitas duas unidades de análise que evidenciam uma determinada constelação de afetos e seu engendramento no contexto psicossocial, especialmente em relação a pandemia e os vieses que se abrem através dela.

A primeira unidade, intitulada “O dia a dia virtual no WhatsApp do Polo”, traz um panorama do cotidiano on-line do WhatsApp Solidário Polo vivenciado entre as participantes desse grupo durante a pandemia – desde seu início em março de 2020 até o mês de maio de 2021 – marcado por uma dimensão afetiva que envolve amizade, útil comum, alegria, amor, tristeza, saudade e gratidão. Intensas afetações políticas colocaram em evidência o medo e a esperança ante ao contexto pandêmico e político do país. Embora o volume de mensagens se acumulasse rapidamente no aplicativo, buscou-se filtrar as postagens que demonstraram maior afetividade expressada pelos idosos, são recortes que representam em semelhança todo conteúdo gerado ao longo dos meses de pesquisa, tanto entre as participantes do Whats, quanto individualmente nas entrevistas, revela ainda ao longo das narrativas a processualidade vivenciada pelo grupo durante o período supracitado.

Eleita como segunda unidade de análise “Sofrimento ético-político: sentidos éticos da política no singular” apresenta uma miscelânea de recortes entre as narrativas do PensAtividade e as entrevistas individuais, falas que retratam o sofrimento ético-

político gerado principalmente pelo idadismo, prática preconceituosa e depreciativa da vida idosa que ganhou força dentro do cenário político conflituoso e colapsado no país. As narrativas que compõem esta unidade revelam ainda uma violência que é simbólica, mas ao mesmo tempo material, que cerceia a expansão de vida das participantes, pessoas idosas em movimento e desenvolvimento como todo sujeito sócio-histórico, a qualquer idade, indivíduos que possuem o direito de viver, de existir e de expandir seu ser.

Zelando pelo anonimato dos participantes do Polo, todas as interações no WhatsApp do Polo descritas ao longo deste trabalho serão representadas pela letra “P” de participante, seguida por um número conforme a quantidade pessoas e a ordem que aparecem na interação: P1, P2, P3 e assim por diante. Importante ressaltar que essa simbologia de letra e número somente faz menção ao quórum participante das conversas, mas de forma alguma intenciona perder de vista o caráter do sujeito em movimento, o que é decerto manifestado na vivacidade de cada fala e contexto relacional.

A linguagem de característica própria utilizada no WhatsApp Solidário Polo foi retratada com fidelidade nos diálogos aqui descritos, demonstrando o modo de expressão particular de cada um, ainda que dentro de uma grafia comum às redes sociais. Quando necessário a utilização de nomes em meio às falas estes foram substituídos por nomes fictícios, da mesma forma que foram utilizados para ilustrar narrativas individuais referentes às entrevistas e ao PensAtividade.

### **6.1 O dia a dia virtual no WhatsApp do Polo**

A partir do convívio diário no aplicativo foi possível perceber mensagens que demonstraram intensa afetividade no dia a dia do Whats Solidário Polo (2020), manifestadas em expressões de saudade e de amizade algumas falas esboçaram trocas de gentilezas, carinho e atenção, compartilhando em diferentes momentos um pouco da vida pessoal e de algumas coisas que carregavam um significado especial para elas: “Esta peça foi feita pelo meu pai e pintada pela minha irmã”, “Minha salinha de jantar é laranja, eu que pinte”, “Sua salinha deve ser linda!”, “Que linda! você é uma artista!”, “Que lindo móvel!”, “Parabéns por sua força Eva!”, “Todas nós temos essa força, você já tem!”, “Estou com você amiga, não é preciso ter idade para sonharmos, todo tempo é tempo”.

Destaca-se também o desejo pelo (re)encontro no sentido espinosano de composição do ser, aqui retratado em um recorte do período de setembro de 2020: “Minhas amigas todas sem nenhuma brecha, obrigada pela gentileza, não podemos nos

abraçar, mas logo faremos isso e darei um abraço tão apertado que vai faltar o ar...como é bom tantos abraços, não tem preço”, “Tem que ser logo essa volta, não podemos aguentar mais eu imagino o dia do encontro: vamos fazer tanto barulho que vamos parecer crianças, mas esse é o amor verdadeiro”; e depois no início de 2021: “temos que nos desdobrar para achar motivos para sorrir”, “Saudades de todos, meu Deus quando vai voltar ao normal?”.

Essas falas apontam ainda para determinada processualidade afetiva do grupo durante a pandemia, passando temporalmente de um estado de perseverança na vida – fundamentada na certeza de brevidade e fim das situações que podem enfraquecer o *conatus* – e se direcionando a um estado de diminuição da potência de vida devido ao prolongado sofrimento gerado pela pandemia. Para Vigotski (2010) o desenvolver da vida está relacionado a um movimento constante entre tensão e superação, no qual ocorre a transformação e outros sentidos são constituídos sobre novas realidades, a afetividade é fundante de toda função psicológica. “[...] então se vê facilmente [...] que uma mesma ocorrência num meio de várias pessoas, surpreendendo-as nos diversos níveis etários, possui uma influência diferente sobre o desenvolvimento de cada uma” (VIGOTSKI, 2010, p. 685).

Assim, o conteúdo das falas também foi se modificando ao passo que os significados dominantes nas conversas se alteravam – conforme apresentadas no seguimento do texto –, pois no próprio processo de funcionamento e curso do pensamento “os sentidos como que desaguam uns nos outros e como que influenciam uns aos outros, de sorte que os anteriores como que estão contidos nos posteriores ou os modificam” (VIGOTSKI, 2018, p. 469). Transparecendo a realidade vivida pelos idosos ao longo dos dias pandêmicos, o conteúdo das narrativas foi composto por diversos assuntos e personagens, principalmente do cenário político, ainda que atravessadas por atividades diversificadas do grupo, piadas, vídeos, fotos, poemas e orações.

Algo semelhante observamos dentro desse fluxo de transformações também em relação a mudança de forma, a maneira de utilização do grupo: como se colocavam, modos de aparição e os próprios interesses dos participantes sofreram modificações. Sobre o início da quarentena – que foi também o início deste grupo de WhatsApp em março de 2020 – a equipe gestora do Polo faz apontamentos gerais sobre o grupo onde é possível destacar algumas mudanças de forma - conforme grifos:

[...] o foco no WhatsApp Solidário Polo era muito mais desesperador, as informações sobre a Covid-19, o desconhecimento sobre o vírus, as medidas restritivas, os protocolos de saúde, os grupos de risco, mas elas eram mais afetuosas, davam muita força umas para as outras, uma rede de apoio, eram mais unidas, se expressavam mais, diziam se estavam bem ou não e se davam força, eram mais presentes e interativas (grifos nossos).

E ao longo do segundo semestre de 2020 até primeiro semestre de 2021:

[...] criaram uma rotina de funcionamento e de certa maneira foram se dispersando. Agora usam o Whats para quando forem se sentar no sofá e tomar o café da tarde, dar uma olhada no movimento, escolhem as atividades de determinados dias e só entram no grupo no dia e horário da atividade, nos outros dias algumas nem olham o grupo, mas às vezes entram só para olhar mesmo o movimento (grifos nossos).

A equipe gestora explica que no início desse grupo virtual não existiam atividades diversas por não haver oficinairos que suprissem essa necessidade, “tiveram (os oficinairos) as atividades e remuneração suspensas por conta do isolamento [...]”, assim a movimentação do grupo se dava em torno de uma única atividade ministrada pela própria coordenadora. Devido à preocupação com a saúde dos idosos, para que não ficassem depressivos ou para que fatores degenerativos não se instalassem, a equipe entrou em contato com os oficinairos e pediu para começarem a atuar no grupo como voluntários – aqueles que antes eram remunerados –, “para depois conversar com o Instituto para começar a pagar novamente o salário deles, assim começamos aos poucos fazer o cronograma das atividades”.

Como citado pela equipe anteriormente, com o tempo as participantes criaram uma rotina própria de funcionamento, resultando numa mudança na forma do grupo, demonstrada também em outras informações cedidas pela equipe: “até meados de 2020 a coordenação possuía mais poder de direcionamento no dia a dia do grupo e elas eram mais afetivas entre si, havia mais intimidade”. A partir da passagem do tempo citado acima até meados de 2021 novas perspectivas enredaram-se a este contexto, novos integrantes surgiram, criou-se habituação com as atividades, novos rearranjos de amizade, as relações foram se transformando, inclusive no direcionamento do próprio grupo virtual, “de certa forma elas passaram a ditar o funcionamento do grupo, às vezes não queriam que pessoas desconhecidas participassem, o grupo se tornou delas”. Ainda segundo a equipe, “as participantes do Polo têm muita força no WhatsApp Solidário, então contamos com a ajuda delas para dar as boas-vindas para quem entra no grupo”.



O medo de perder a intimidade e a privacidade com pessoas consideradas amigas e conhecidas de longa data aparece nessa processualidade relacional como uma afetação muito singular, mas ao mesmo tempo coletiva, que leva as participantes a se fecharem para novos membros e assim podem delimitar o território virtual. Segundo a equipe gestora, as manifestações em relação a esses novos participantes eram sempre enviadas como mensagem particular no WhatsApp da coordenação, não queriam expor suas opiniões para todos:

[...] algumas participantes pedem para a coordenadora falar algo no grupo, intervir, não querem que o grupo seja aberto para a população de idosos, dizem que vão perder a privacidade, a intimidade é muito grande entre elas. [...] No início (março 2020), teve uma participante que entrou, não era antes do Polo, e deu conflito de ideias, elas começaram a discutir e a participante saiu.

Formaram a ideia de “meu grupo”, sentem ciúmes e posse, não querem perder amigos, aceitar outras pessoas dentro da conformação grupal originária se revela uma ameaça ao que elas já construíram. Contudo, “não há lideranças dentro do grupo que se mantêm fixas do início ao fim do processo, não há relações de poder que se perpetuem sem instabilidades, não há uma identidade fixa que defina sem alterações” (PEREIRA; SAWAIA, 2020, p.24). Por mais que implicassem seus esforços junto à coordenação na tentativa de manter a cristalização do grupo de pessoas que se iniciou em março de 2020, o próprio movimento de seus membros impulsionou o grupo rumo a transições – ilustradas no decorrer deste subcapítulo –, indicando que o processo grupal traz “uma compreensão do contexto social no qual ele se constitui, das forças internas e externas que interferem na constituição dos sujeitos do grupo (PEREIRA; SAWAIA, 2020, p. 24).

Embora ao longo dos meses as interações no WhatsApp do Polo tenham se transformado, especialmente em relação a variação de potência do *conatus* – o que ratifica o caráter de sujeitos em movimento e inseridos em condições determinadas –, algumas interações diárias da equipe gestora do Polo, como a postagem de poemas, trouxeram à tona a lembrança de um sujeito que possui a necessidade de alimentos outros que não somente a comida, mas também diversão, arte e saída para qualquer parte como nos diz a música da banda Titãs (1987). Seguindo por este viés que também foi traçando forma ao grupo, os poemas tiveram seu lugar cativo na rotina do WhatsApp Solidário Polo, todas as manhãs - ao longo do período desta pesquisa - um vídeo com a imagem de uma pessoa declamando um poema era postado no grupo junto a legenda que desejava: “BOM

DIA!” revelando respostas afetivas potencializadoras sentidas por alguns: “Lindo! Sinto-me abraçada!”, “Uma injeção de ânimo!”, “Leão de força cósmica! Perfeito e inspirador”, “Bom dia, que lição bem dada...Obrigada”, “Bom dia, adoro suas poesias!”. Dessa forma, “o abraço virtual do acolhimento parece estender seus braços e revela uma verdadeira rede de apoio como resposta à poética da vida” (Diário de Campo). Segue um dos poemas declamados entre tantos outros na rotina matinal do grupo:

**Prece para quando o dia abre os olhos**

Que hoje a minha fala seja abraço e a minha escuta acolhimento. Que eu descubra jeitos mais leves de existir. Que, onde quer que eu esteja, esteja também o meu coração.

Que qualquer perigo se desmanche sem tocar a minha vida, de meus amores, de todos os seres. Que nada consiga roubar a poesia dos nossos olhos, encolher nosso sorriso, macular a nossa paz.

Que hoje seja possível sintonizar as frequências mais amorosas e experimentar a alegria da gratidão. Que eu lembre o que é prioridade e seja leal ao que, de verdade, me importa.

Que eu desfrute tanto quanto possível o conforto de um coração bom e tranquilo.

(JÁCOMO, 2020 [fonte: WhatsApp Solidário Polo])

Como citado anteriormente, interações desse tipo – delineadas pela poesia, reflexões e ensinamentos de vida –, postadas pela equipe gestora do Polo se repetiram ao longo do ano de 2020 e 2021 até onde esta pesquisa pôde acompanhar, obtendo respostas sempre muito semelhante ao recorte de falas demonstrado acima, destacando afetos como amor, paz, gratidão, tranquilidade e desejo de mudanças qualitativas na relação para consigo mesmo e para com o mundo. Mesmo em meio a transformação processual de conteúdo compartilhado neste meio virtual, com predominância política, e conseqüentemente o fomento de opiniões, discussões e posicionamentos, as relações de amizade não diminuíram, mas as manifestações afetivas de apoio: fala, escuta e trocas de experiências pessoais, cederam lugar a um conteúdo mais denso gerado nas tensões, padecimento e/ou sofrimento, ainda que todos os dias surgissem *posts* e vídeos de piadas ou músicas com diversos temas ou mesmo postagens relacionadas a religião.

Assim, no decorrer dos meses a afetação política ganhou cada vez mais espaço no cotidiano do grupo, o que traduz o real contexto vivenciado pelos idosos de maneira muito particular – consoante com a fundamentação teórica deste trabalho – e por toda população mundial, não como um mero reflexo da sociedade conforme concepções de Sawaia, mas

antes como movimento dialético do conjunto de relações da realidade experienciada na singularidade e também na coletividade. Assim, seria impossível separar o cenário político, especialmente vivido no Brasil, da movimentação diária dos participantes no WhatsApp Solidário, um espaço virtual pelo qual circula a realidade concreta de vidas afetadas em sua totalidade, mas de certa forma também afetadas pela virtualidade que, se por um lado pode lhes conferir endereço de fala, comunicação, reivindicação e expressão, por outro pode lhes retirar a expressividade de um corpo potente que pensa e que sente, mas que também deseja agir e se expandir.

Conforme pressupostos vigotskianos este cenário coloca em evidência o indivíduo sócio-histórico, que se constitui a partir de suas vivências afetivas na relação com o meio e no modo como estas se dão em determinados momentos históricos. Neste caso, o fenômeno da pandemia e suas mazelas já faz e marca a história por si só, ainda assim, outros eventos correntes do funcionamento em sociedade não cessaram, como por exemplo, as eleições para prefeito no segundo semestre de 2020, circunstância na qual as expressões e posicionamentos surgiram com mais robustez dentre a rotina de interação.

Algumas postagens feitas no grupo sobre acontecimentos políticos renderam manifestações de acordo ou desacordo, mas também cederam espaço para a admiração de alguns, mesmo que fosse para um membro de partido contrário ao seu. Foi o caso do discurso concedido em entrevista pela candidata à vice-prefeita Luiza Erundina que, mesmo em meio a rivalidade ideológica partidária, proporcionou àqueles que mais expunham suas ideias no Whats do Polo um momento de identificação, não com o partido, mas com a figura política, com a mulher, sobretudo com a mulher idosa, sentem o útil comum com Erundina em relação ao significado e sentido que é dado ao envelhecimento, como demonstram os comentários sobre a fala da candidata postada no grupo por uma das participantes (P1):

P1: Erundina em resposta a uma pergunta que jamais seria feita a um homem velho e político. Que a gente envelheça como Erundina.

*Post:*

ENTREVISTADOR - Sobre as críticas à sua idade: dizem por exemplo que passou da hora da senhora se aposentar da política, que deveria ceder lugar para gente mais nova. Qual é sua resposta para esse tipo de comentário?

Que se danem! Estou vivendo meu tempo, minha saúde e inteligência, minha experiência. Estou fazendo mal para alguém? Não estou. E quero que mulheres com a minha idade também se sintam assim, que sejam

contagiadas pela minha vivência e vontade de seguir trabalhando. E, para aqueles que se sentem incomodados, desejo que tenham a sorte de chegar onde cheguei com a energia e convicção que tenho. Sabe, se você perde seu projeto de vida, tudo perde o sentido. E meu projeto de vida não termina no meu tempo. Meu projeto é sonhar com outro futuro. Não quero só mudar São Paulo e Brasil, quero mudar o mundo. O meu sonho, de uma sociedade socialista, fraterna e igualitária, infelizmente não vai acontecer no meu tempo, tenho consciência disso. Mas se eu não fizer minha parte agora, esse modelo de sociedade não vai acontecer nunca. A velhice não é doença, não é defeito, a velhice não impede o sonho. Portanto o sonho que me move, em relação às transformações que a sociedade precisa, não envelheceu” (ERUNDINA, 2020 [fonte: WhatsApp Solidário Polo]).

Comentários:

P2: Vdd

P3: 🤝🤝🤝🤝 só acho uma pena ela ser vice do Boulos.

P4: Adorei Erundina, tbm penso assim!! aos 72 mudei de apartamento e decorei tudo novo!! Realizei meu sonho! Espero que todos idosos realizem seus sonhos!

P5: Quem admite votar no Bruno Covas aqui em SP, está em paz com o tal de Ricardo Nunes, o vice na chapa? Ou o único vice que importava considerar era o Michel Temer?

P1: Excelente...temos que divulgar...pessoas para quem falei desse senhor, reviram suas posições e votaram Boulos + Erundina

P6: 🗨️🗨️🗨️🗨️ (sinal universal de silêncio em discordância com P1)

P2: 😊😊 (carinha feliz em concordância com P6)

P5: Força... Foco...e Fé...

Força pra manter privilégios a poucos e nada mudar.

Foco nas incorporadoras e na iniciativa privada.

Fé na anestesia dos que não querem enxergar as injustiças sociais

Os *emojis* enviados por P6 nesta conversa fazem o sinal universal de silêncio, indicando neste contexto algo como “não fale mais”, “não fale essas coisas”, como uma negativa dada em relação ao comentário feito sobre Ricardo Nunes. Esse comentário sobre o vice de Covas é feito em tom de denúncia, indicando que favorecer determinado candidato sem pensar também na conduta de seus agregados políticos pode ser o mesmo que desfavorecer os interesses e necessidades do coletivo, o que é confirmado na última fala de P5. Em outros momentos interativos algumas participantes se mostraram a favor do candidato Bruno Covas, saindo em sua defesa através de *emojis*, *posts* com dizeres “rumo à vitória”, vídeos do candidato e uma fala ou outra de crítica a seu adversário, mas nunca se aprofundando num debate teórico ou argumentativo entre elas, ato este realizado mais entre as participantes que mostravam concordância com o candidato Guilherme Boulos. Porém a maioria das defesas e posicionamentos não se davam em relação aos partidos, mas sim aos candidatos, considerados como pessoas que representam os

interesses de cada um, em outras palavras, figuras que podem significar segurança de um futuro ou ameaça do mesmo:

P1: Acho que devemos respeitar a opinião dos outros...  $9 \times 5 = 45$ .  
Ninguém é perfeito... todos os candidatos devem ser respeitados

P2: A continuidade do que funciona com resultados positivos precisa acontecer.

P3: Não voto em aliados do Bolsonaro, devem carregar a mesma semente malévola dele.

P4: Vote, mas vote consciente (em defesa de Boulos)

P1: Nada mais a comentar.

P5: Eu já havia checado meu voto não vendo (em defesa de Covas)

Ainda durante o segundo semestre de 2020, é possível perceber sentidos engendrados pela ameaça de destruição de uma vida considerada segura e que pautam o diálogo abaixo após um vídeo sobre a intervenção policial em uma ocupação de imóvel abandonado:

P1: [...] até imóveis que estavam para alugar ou vender ou com problemas na justiça foram invadidos dando a maior dor de cabeça e gastos. Onde mora o perigo.

P2: O que dizer!!!

P3: Temos que tomar cuidado!!!!

P4: Com certeza.

P5: A ocupação pode ser criminosa sem dúvida, mas um policial preparado não entra batendo sem averiguar. [...] crime é uma coisa, ocupação de sem teto em imóvel abandonado e irregular é outra [...] O próprio IDEA IDOSO (Instrumento de Diagnóstico do Envelhecimento Ativo) apontou como maior problema para os idosos a falta de moradia.

P1: Não tiro a tua razão, mas infelizmente tem muitos oportunistas que se aproveitam da situação [...]. Eu realmente fico muito esperta porque na minha região tem vários imóveis invadidos, os proprietários têm medo de tentar reaver e serem perseguidos depois, acha justo?! Eu não. Boulos está esquecendo esse detalhe, como ele vai combater isso, bem importante. Por mim não votaria em nenhum, infelizmente vou ter que votar para defender o que é meu.

P6: Todos nós temos as nossas razões porque votar num ou outro, estamos entre a cruz e a espada.

Para além das preferências opostas de candidatos, o que sobressai no teor das falas que seguem mais adiante no texto é a defesa pelo reconhecimento, aceitação e participação da pessoa idosa em sociedade, suas experiências em relação aos dois candidatos não se dão como um reflexo inerte dessas pessoas, de acordo com a teoria vigotskiana passam antes pela mediação de sentidos e significados culturais que se definem na processualidade e na dinamicidade que há entre sujeito e realidade. Assim,

para algumas idosas do grupo Covas havia feito uma boa gestão junto aos idosos em seu mandato anterior, já para outras participantes havia a compreensão de que uma sociedade governada pelo elitismo e interesses de classe dominante não promove transformação em seu quadro de desigualdades.

Embora as falas acima e as que são apresentadas no diálogo que segue abaixo apontem para concepções de elite, injustiças sociais e periferia, e sejam ditas por pessoas que compartilham da mesma parcela da população considerada como classe média, indicam uma divisão de perspectiva quanto a tais concepções. Quando observadas algumas críticas a respeito de Covas e a crítica feita ao foco do candidato Guilherme Boulos em relação a periferia, Vigotski nos ajuda a entender que distintas percepções da mesma realidade podem ocorrer, pois uma mesma situação vivenciada por diferentes sujeitos pode repercutir de forma muito particular subjetivamente para cada um deles. Em outras palavras, enquanto para pessoas de uma mesma camada social um candidato – Covas – pode simbolizar segregação entre as classes ou por outro lado a segurança de condições e privilégios de vida, o outro candidato – Boulos – pode simbolizar o desejo por uma sociedade mais igualitária e menos injusta ou ainda, uma ameaça a voz ativa da classe média – já que Boulos fez uma forte campanha junto à periferia – ou mesmo uma ameaça à propriedade privada, devido ao grande número de *fake news* veiculado nas mídias sociais sobre um plano de governo do candidato que seria a favor da invasão de terras e da posse de suas casas.

Colocar as eleições em pauta no grupo se tornou um debate que expressa a preocupação pela vida, pela participação e pelo cuidado para com a pessoa idosa em sociedade, o anseio de serem vistos e tratados como pessoas que sentem, pensam e agem, portanto, existentes e parte da formação societária. Em novembro de 2020, este aspecto fica mais explícito ao longo da carta<sup>17</sup> feita pelo Fórum Permanente de Políticas Públicas para as Pessoas Idosas da Região Centro. Abaixo, o diálogo sobre a carta que sugere vários pontos de compromisso junto à população idosa de São Paulo, endereçada ao candidato Bruno Covas, é vista também como necessária ao conhecimento e aprovação de Guilherme Boulos:

P1: Carta do Fórum assinada pelo Bruno Covas

P2: Gostei muito da carta com as reivindicações! Parabéns!!!

P3: Somente com mobilização social é que conseguimos melhorias!

---

<sup>17</sup> Anexo

P4: A carta está ótima e deve ser enviada para o candidato Guilherme Boulos.

P5: Acho bom, pois pelo jeito o foco dele vai ser só na periferia.

P5: Sem contar que temos que saber como vai ser o enfrentamento com relação a pandemia

P7: 🙏 Mas vamos votar com muito critério, para não chorarmos depois

P8: VAMOS VOTAR CERTO PARA NOSSO POLO CONTINUAR ✨

P9: Eu vou votar de acordo com o que vai beneficiar a todos os paulistanos.

P5: Que adianta beneficiar os Paulistanos e esquecer dos Idosos

P3 Estaremos beneficiando a todos.

P9: Claro!!!! Todos caminham para a maturidade e envelhecimento!

P3 Se for um candidato bom, não vai esquecer dos idosos.

P9: Basta encontrar alguém justo que lute pela causa.

P7: Isso mesmo. Um gestor humanista valoriza o conjunto da população e age de forma justa nas políticas públicas dos diversos segmentos.

Esses debates sobre o cenário político se davam sempre por iniciativa de um pequeno grupo de participantes, que dividiam suas opiniões, mas ainda assim se propunham a falar sobre a realidade que as afetava. Todavia ainda apareciam poucos e quase isolados comentários demonstrando o incômodo com tais discussões realizadas no grupo:

P1: O voto sendo secreto não temos a necessidade de falar a ninguém pra não nos indispor, só nos fará mal.

P2: Principalmente quando é da família né.

P3: Vdd (abreviação da palavra verdade)

P1: Pois é...Só por Deus mesmo!

Veza ou outra quando o assunto se alongava em torno das afetações políticas ou após a postagem de um meme sobre as figuras representativas desse cenário, algum membro do WhatsApp Solidário – que comumente não se manifestava – se retirava do grupo. Porém, em 29 de novembro de 2020 quando divulgada a vitória de Bruno Covas à prefeitura de São Paulo, também alguns integrantes que antes não eram vistos interagindo de forma direta no grupo – neste caso aproximadamente 10 pessoas –, manifestaram-se comemorando a conquista de seu candidato com grande quantidade e diversidade de *emojis* e *stickers* que demonstravam alegria, mas não se expressaram com comentários escritos/digitados ou demais apontamentos sobre a situação, somente mesmo com as figurinhas representativas da emoção do momento: batendo palmas, carinha sorrindo, mãos fazendo o “V” de vitória, corações, bonequinhos pulando de alegria, mão

fazendo sinal de positivo, entre outros. Para não entrarem no debate, se afastaram. De forma ainda mais distanciada, nos demais diálogos que seguem, os apoiadores de Bruno Covas não se manifestaram mesmo em meio às críticas feitas sobre sua gestão.

Após a posse do prefeito e com as primeiras medidas tomadas em conjunto com o governo do Estado, em dezembro de 2020, sobre a retirada do benefício da gratuidade em transportes públicos para idosos entre 60 e 64 anos, o medo surge como afeto que marca comentários críticos novamente como ameaça de futuro, de possíveis perdas do reconhecimento da pessoa idosa em sociedade, que passa sobretudo, pelo crivo do Estado tanto na compreensão de um sujeito que está em contínua construção e não findado por sua idade, quanto no modo como é recebido e percebido no convívio social. Acompanhando os posicionamentos e debates, muitas vezes em tom de desabafo, foi possível perceber que, sendo considerados ativos a maioria dos idosos desse grupo, alguns compreendiam como correto que a gratuidade instituída pela Constituição era mesmo somente acima dos 65 anos, outros faziam a compreensão que o “ser ativo” num país com imensa desigualdade social não confere à seus governantes o direito de exigir da pessoa idosa – 60+ – total responsabilidade financeira com suas necessidades:

P1: O resultado de eleger Bruno Covas veio mais rápido que o esperado!

P2: a maioria dos idosos elegeram este prefeito e, precisam entender o que fizeram. Não é vingança, é senso de realidade.

P3: é ainda cruel, nesse momento de pandemia. Retirar, nesse momento, o direito da gratuidade pode significar, na maioria dos casos, impedir o direito de ir e vir, para um atendimento médico ou para o trabalho afetando famílias inteiras, uma vez que boa parte dos idosos é o principal responsável pela renda do domicílio.

P4: Belo presente para os idosos de 60 a 65. Mas o salário dele já aumentou, foi a 1ª providência que tomou...

P1: Os idosos foram enganados...mas eu avisei...

P2: Eles anunciam a revisão gradual das políticas para a pessoa idosa. Para o bem é que não vai ser

Embora a predominância do conteúdo político seja manifestada no grupo como forma de expressar e compartilhar as tensões experienciadas mediante a situação crítica do momento, outra realidade entremeou essas manifestações e se fez pano de fundo para os desdobramentos que movimentaram o WhatsApp do Polo ao longo da pesquisa, até mesmo como modo de diluir essas tensões: a dimensão religiosa/espiritual. Esta dimensão mostrou-se por vezes como base motora na construção das falas, marcando o enredo da maioria das conversas – políticas ou não –, a cada dia havia uma oração específica, todas



as mensagens de bom dia ou boa noite traziam a concepção de Deus, gratidão, bênção e oração como premissa e sustentação em suas intenções. Como que perseverando na busca por afetos de alegria em meio a realidade pandêmica e política, a constante menção a um contexto de espiritualização destaca o desejo pela vida e pelo viver, a ação de resistência ante a tristeza gerada pelo cenário caótico e pelo o isolamento social. Conforme nos indica Espinosa (1983, *Ética V*, Proposição XVIII, p. 286), “a ideia de Deus, que existe em nós, é adequada e perfeita e, conseqüentemente, não pode existir nenhuma tristeza, acompanhada da ideia de Deus [...]”.

Assim, essas manifestações demonstraram ainda um ponto de fortalecimento comum entre as participantes, que é reavivado cada vez que se faz presente na construção do conteúdo postado. Mesmo havendo certa diversidade religiosa ou simpatia por outras religiões, aparentes divergências de preconceito não ocorreram em relação aos *posts* que traziam conteúdos religiosos/espirituais, como demonstra o recorte de figuras abaixo, coletado entre 2020 e 2021, representando todas as postagens que foram feitas acerca desse conteúdo:

Figura 3: Mensagens religiosas/espirituais



Fonte: WhatsApp Solidário Polo, 2020/2021

Em conversa com uma participante do grupo ela conta de sua busca pelos ensinamentos espíritas de Alan Kardec e o quanto isso ajudou a amenizar a dor da perda de seu pai, mas reforça, “eu sou católica, independente de eu fazer o espiritismo eu não abro mão da minha religião de católica”. Em resposta a uma mensagem espírita, outra participante diz: “Também concordo com esta mensagem, há muitos anos sou espírita, ela vem esclarecer para nós”. Seguindo a mesma linha de conteúdo e forma acerca da espiritualidade, além das mensagens de orações, havia também um mantra que era enviado todas as noites e todas as manhãs por uma participante do grupo: “Que haja amor, compaixão e paz entre nós todos os seres do universo”, mas aos poucos foi se perdendo em meio a processualidade do cotidiano virtual e cessando sua presença, este mantra foi publicado com regularidade no grupo aproximadamente até o final do ano de 2020, mas as outras manifestações como demonstradas acima continuaram. Seguem algumas respostas das participantes às imagens e orações enviadas no grupo:

P1: Bom dia!!! Abramos o nosso coração para a luz, a fé, a esperança e a serenidade tomarem conta de nós.

P2: Se Deus quiser amiga, iremos nos encontrar logo bjs.

P3: Linda sempre nos ajudando a orar, assim seja!!

P4: A oração é o "bálsamo" que alivia nossas almas.

P5: Verdade.

P6: ONDE HÁ FÉ, HÁ ESPERANÇA,  
E ONDE HÁ ESPERANÇA HÁ PAZ.

A esperança esteve presente na maioria das interações, vinculadas à fé/espiritualidade, comemoração ou descontentamento, aparecendo de duas maneiras dentre os recortes de falas escolhidas, demonstrando qualidades diferentes desse afeto que pode se modificar de acordo com a ideia que é formada sobre determinadas situações. Pode ser uma ideia duvidosa de algo que se deseja e que pode não se realizar ou uma ideia de certeza sobre algo que vai acontecer, trazendo alegria e segurança. Para Espinosa (1983, *Ética III, Escólio II*, p. 187), “a esperança não é senão uma alegria instável, nascida da imagem de uma coisa futura ou passada, de cujo resultado duvidamos [...]”.

Num primeiro momento percebe-se nas falas anteriormente descritas uma determinada qualidade de esperança, que é acompanhada pelo medo, “uma tristeza instável, nascida também da imagem de uma coisa duvidosa” (ESPINOSA, 1983, *Ética III, Escólio II*, p. 187). A esperança pelo reencontro, pelo alívio e serenidade de suas almas, revela no avesso de cada palavra a angústia e a tristeza causada pelo isolamento

social, a dúvida sobre o término de uma situação que gera sofrimento ao imaginar a destruição de algo que se ama, que potencializa e que expande seu ser, os bons encontros. No recorte de mensagens de ano novo apresentado abaixo a dúvida de futuro também permeia o afeto de esperança. O reconhecimento pela rede de apoio, os votos de saúde e alegria aparecem não somente pelo desejo do que é bom, mas antes pelo medo e pela instabilidade vivida durante um ano inteiro de pandemia e ameaça do vírus:

P1: Meus queridos e queridas! Que venha 2021 com muitas bênçãos para todos nós! Que possamos ter alegrias, paz, saúde, prosperidade e acima de tudo amor, mais muitooooo amor! Gratidão por tudo e principalmente pela amizade, apoio e carinho de todos vocês! Um forte abraço. 🍷🍷🍷🍷🍷🍷 FELIZ ANO NOVO! 🙏👏📺📺

P2: Amor

P3: Esperança

P4: Paz

P5: Esperança!

P6: Saúde

P7: (sobre o vírus) Que desapareça pra sempre, só fique o que precisamos!

P8: Sai para lá bicho ruim, suma do mapa

P1: Um 2021 de Esperança, Saúde, Saúde, Saúde e muitas Alegrias

P2: Saudades amigas bjs

P3: Que saudades de vcs amigas!

Todavia, quando na esperança não há mais a dúvida e sim a certeza, esta se torna a alegria gerada por algo que já é esperado e que vai de fato acontecer, transformando-se em segurança (ESPINOSA, 1983, ÉTICA III). Num segundo momento as falas abaixo retratam essa qualidade da esperança nas manifestações de alegria alicerçadas na certeza da aprovação da vacina, um horizonte de possibilidades e não mais de cerceamento ou ameaça de suas existências, a certeza da vida. Também a frase desse diálogo: “renovemos as esperanças”, nos indica a transformação de um afeto antes nascido de uma imagem duvidosa para um outro modo deste mesmo afeto, mas agora nascido da alegria, que para Espinosa (1983, Proposição XI, p. 182), é “a paixão pela qual alma passa a uma perfeição maior”, aumentando sua potência de vida. Em janeiro de 2021 a vacina passa a ocupar o centro da dinâmica afetiva:

P1: Aprovada a vacina 🙏👏👏👏

P2: Que emoção ver essa reunião deliberativa da diretoria da ANVISA que está publicizando seu voto para utilização emergencial das vacinas Coronovac e da Oxford. Que possamos logo iniciar o processo de vacinação no Brasil. Viva Fio Cruz e Instituto Butantã e o SUS.

P3: Viva!!!

P4: "Todos respiramos o mesmo ar... e todos somos mortais" John F. Kennedy, reproduzido pelo Dr. Antônio Barra, Diretor-Presidente da ANVISA, ao finalizar o seu voto pela aprovação do uso emergencial no Brasil, das vacinas Oxford e Coronavac

P5: Renovemos as esperanças: por 5 votos a ANVISA aprovou a Coronavac e a Astrazenika! Não haverá crises que permaneçam para sempre!!! Viva a Luta!!! Viva o SUS!!! Viva os profissionais de Saúde!!! Viva a Militância, demos os primeiros passos!!! Viva a Vida!!!!

P6: VIVA O SUS!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! SEMPRE!!!! FORA BOLSONARO!!!!

P7: Viva a vida!!!

Ao mesmo tempo que comemoram a certeza de vida através da eficácia científica, essas falas finalizam esse diálogo com a lembrança de que esta é uma conquista que se deu com luta e persistência, um combate que ainda não chegou ao fim, travado diariamente não só em relação ao vírus, mas também aos feitos governamentais que se colocam como ameaça à continuidade da vida, portanto, contrário a ela. Nas falas abaixo, ainda em janeiro de 2021, esse aspecto se intensifica, além da dúvida que paira sobre a cobertura vacinal para a população, nota-se a flutuação de afetos que podem ser gerados a partir de “um só e mesmo objeto, [...] causa de afecções múltiplas e contrárias” (ESPINOSA, 1983, *Ética III*, Escólio, p. 186). Em outras palavras, a alegria gerada pela certeza da vacina, pela fé em Deus e pela eficácia da ciência, pode ser ainda afeto de tristeza quando: a situação é percebida como ameaça à vida em discursos contraditórios do governo; em fundamentalismo religioso que gera a morte e não a vida; e em negacionismo que negligencia a possibilidade de vida advinda da ciência:

Mensagem (*post*) encaminhada por P1:

Tem país protestante se vacinando  
 Tem país católico se vacinando  
 Tem país ortodoxo se vacinando  
 Tem país judeu se vacinando  
 Tem país ateu se vacinando  
 Tem país muçulmano se vacinando  
 Tem país xiita se vacinando  
 Tem país sunita se vacinando  
 Tem país hindu se vacinando  
 Tem país xintoísta se vacinando  
 Tem país animista se vacinando  
 Tem país agnóstico se vacinando  
 Tem país de esquerda se vacinando  
 Tem país de direita se vacinando

O único país que não está se vacinando é aquele que tem Deus acima de TODOS.

Lacan foi imperativo ao dizer que se a Religião triunfar é porque a Psicanálise fracassou. Fracassamos?

P2: Concordo plenamente com vc.

P3: Este governo tenta atrapalhar de todas as formas, sem contar que querem que os profissionais da saúde nos coloquem a par dos riscos que as vacinas possam acarretar, se a Anvisa deu aval porque tirar a responsabilidade dos laboratórios é mais um jeito de pôr medo na população, atrapalhar a vacinação.

P4: Não querem que o país volte à normalidade.

P5: A religião não tem nada a ver.

P1: No caso do Brasil sim, esse presidente já deixou claro seu posicionamento extremamente religioso, além de seu negacionismo quanto à ciência.

P5: Importante deixar claro que a maioria dos negacionistas são evangélicos neopentecostais e, mesmo assim não são todos. Não dá para generalizar. É mais uma questão de desgoverno mesmo!

P6: O governo é neopentecostal?

P5: Acho melhor dizer isto do que dizer que ele é religioso

P1: Sim! Assim como o Estado supostamente deveria ser laico. Como dizia Marx, a religião é o ópio do povo, infelizmente tem influência significativa

P5: Mas acho bom dizer qual é a religião, principalmente aqui no Brasil, onde tem muitos religiosos que também são libertários e de esquerda.

Usam argumentos que demonstram conhecimento sociológico, visão crítica e abertura ao diferente. Vale destacar que mesmo criticando o fundamentalismo religioso, não abandonam a ideia de Deus em suas vidas como fonte de força e enfrentamento de coisas ruins, o que criticam é porção contraditória praticada através da lógica religiosa fundamentalista que se coloca contrária a lógica de evolução e aprimoramento espiritual pregada por diferentes religiões e que preconizam a vida, a irmandade, a compaixão, a aceitação, entre outros valores humanitários. A relação vista no comentário acima sobre o *slogan* de governo “Deus acima de todos” em correlação com o fracasso, não significa a culpabilização da figura divina pelo que não deu certo, mas demonstra que a qualidade empregada a esta ideia de Deus, quando institucionalizada ou utilizada para interesses dominantes de poder, pode se tornar uma ideia inadequada e que causa alienação. Conforme Espinosa (1983, ÉTICA III), conhecemos o mundo através das afecções que sofremos por forças externas e das ideias que formamos através destas, que podem ser adequadas ou inadequadas, a primeira sendo de causa conhecida e, portanto, aumentando a potência de agir do indivíduo, a segunda como causa que não é percebida de forma distinta, é desconhecida, diminuindo a potência do ser e o lançando na passividade.

O diálogo feito abaixo a partir de um vídeo, que divulga a ação social de doações de alimentos para moradores de uma comunidade, ratifica a esperança em Deus como causa de livramento ao mesmo tempo que é acompanhada pelo medo correlato a contaminação, fome e desemprego como um problema sociopolítico. Vigotski (2009) ressalta o caráter político dos afetos e nos indica a dimensão afetiva como geradora de toda atividade e função psicológica, não havendo separação entre pensar, agir e sentir. A tensão psicológica gerada por contrários entre a ideia de vida e de morte denuncia o estado de subjetividade/objetividade do sujeito que vivencia condições que são causa de tristeza, indicam singularidades constituídas a partir de afecções e afetos que enfraquecem a própria existência do indivíduo:

P1: muito sério esse problema, se ajuda dando alimentos aglomeram e podem pegar o vírus se não dá morrem de fome. Entre a cruz e a espada lastimável. 😞

P2: Vdd amiga, o dizer, desemprego em massa, tudo subindo desordenadamente, Ford faliu, mais de cinco mil desempregados e assim por diante o que dizer!!!

P3: Está um verdadeiro caos. 😞 😞

P4: Acho melhor a gente não ver mais TV, só coisas ruins. Deus que nos ajude

P5: Com certeza amiga, só Deus para nos proteger e na fé

P6: Muito triste o Brasil ser destaque em infecções e mortes por causa de um despresidente.

P7: Muito triste e revoltante!

P6: Forte e verdadeiro isso! Como foi possível ser eleito? Algum aprendizado deve ficar depois de o brasileiro ser torturado por dois anos

De forma semelhante o diálogo que segue mais abaixo também é balizado por uma tensão psicológica que indica, por um lado, a alegria em comemorar o aniversário da cidade de São Paulo – 25 de janeiro – onde a história da cidade se mistura com a própria história dessas idosas, pois espaços da cidade, conforme pontua Sawaia (1995), são lugares de movimento, de existência individual e coletiva, de inúmeras possibilidades de entrelaçamento entre espaço e subjetividade, se tornando parte da constituição do sujeito:

Significa reconhecer que a cidade não é humana só porque é uma construção do homem ou porque engendra subjetividade, mas porque os processos vitais de ambos se entrelaçam: espaço e homem compartilham a mesma materialidade e a mesma subjetividade (SAWAIA, 1995, p. 20).

De outro lado, a data comemorativa nesta conversa aparece como meio de autorização para a alegria que no cotidiano pandêmico é uma experiência cerceada por afetos tristes. Com histórias entremeadas o sofrimento da cidade é também padecimento para elas, enfraquecidas para fazer o enfrentamento dos problemas vislumbram no avesso de eventos ruins um ideal de ser humano que evolui através da dor:

P1: Gente tenho recado MUITO IMPORTANTE! ..... hoje vcs podem ficar em casa e descansar, ver um bom filme, ouvir música, dançar, enfim aproveitar para não FAZER NADA, aproveitem bjs ♡

P2: Oi Joana, bom dia!

P3: Só por hoje, além de ficar em casa, não mandarei nada sobre covid ou política.

P4: Só por hoje não vou compartilhar nada muito sério, como todos os problemas que sabemos que nosso país tem.

P5: Só por hoje vou agradecer até os eventos ruins, porque nos ajudam a melhorar como seres humanos.

P6: SÓ POR HOJE 25 DE JANEIRO PORQUE É MEU ANIVERSÁRIO, E QUERO COMEMORAR COM ALEGRIA! HAH! QUERO DE PRESENTE, TODA ENERGIA POSITIVA QUE ESSE GRUPO PUDER ME DAR! ESTÃO TODOS CONVIDADOS A PARTICIPAR.

MEU NOME É SÃO PAULO.

Ass. Sampa ♡

P6: TENHO ORGULHO DA MINHA TERRA...E MUITO MAIS DE SER PAULISTANA ♡

P4: VIVA SÃO PAULO, que acolhe todas as raças, viva!

Assim como se sentem integradas a cidade, o Polo como espaço de convivência que a cidade lhes proporcionou também compõe suas existências. Como toda construção urbana este lugar representa inúmeras e diferentes subjetividades imbuídas de história, desejos, carências e conflitos, existe um clima para além da urbanização geográfica, este é configurado no encontro de corpos, de lares, de etnias, de arquiteturas e do próprio eu (SAWAIA, 1995). A cada vídeo postado pela coordenadora mostrando o andamento da reforma nas salas do Polo Cultural, ela não só os atualizava sobre as melhorias do espaço, como também levava para “perto” de cada um a ideia de liberdade, de reconhecimento, de luta por seus direitos, da união pelo comum, “[...] os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios” (SAWAIA, 1995, p. 21).

A interação abaixo – janeiro de 2021 – apresenta a mesma afetividade compartilhada em outras interações referentes aos vídeos postados sobre o Polo em

diferentes momentos ao longo do ano, revelam o afeto de amor, acompanhado de gratidão e saudade. Segundo Espinosa (1983, *Ética III, Explicação VI*, p. 213), “o amor é a alegria acompanhada da ideia de uma causa exterior”, e a gratidão ou reconhecimento “é o desejo ou solicitude de amor pelo qual nos esforçamos por fazer bem àquele que, por uma mesma afecção de amor nos faz bem” (*Ética III, Explicação XXXIV*, p. 219). A vivência desses afetos, que circulam tanto pelas singularidades quanto pelo coletivo, é direcionada à pessoa da coordenadora e lhe confere a significação de acolhimento, laços de amizade, útil comum, fortalecimento e perseverança:

- P1: Que delícia olhar pra vc e ouvir a sua voz, sempre dando força para todas.
- P2: Te amooooo.
- P3: Saudades
- P4: Querida, como é bom saber que vc está aí...
- P5: Que bom, estamos aguardando com muita ansiedade. Beijos
- P6: Ai que saudade... Que ansiedade... Te amo!!!
- Coordenação: Daqui só se leva o amor! Sejamos capazes de amar sempre uns aos outros sem receber nada em troca. ☐ 🍷. Saudades de todos vocês amigos do polo.
- P7: Muitas saudades!!
- P8: Bom dia a todas,
- P9: Saudades. Está tudo bem? Beijos
- P10: Vdd!!!! O que levamos de vida!!! Vamos confiar, acreditar que existe alguém para nos abraçar seja nos momentos alegres ou tristes e dizer: ESTOU AQUI, PARA O QUE DER E VIER, estamos juntos nessa jornada que se chama "VIDA ", não importa a idade, saibamos viver a cada momento e não esquecer de agradecer 🙌🙌🙌
- ♥️🌟🍷🍷
- P11: Saudades de você 🍷
- P12: Eu também.
- P13 Logo iremos nos encontrar.
- P14: 🍷🍷
- P15: Logo logo com certeza.
- P16: Quando dizemos que vc é tudo pra nós, temos razão...olha como vc nos acomoda, nos aconchega, OBRIGADA de CORAÇÃO TE AMAMOS
- P17: 🙌🙌🙌🙌🙌
- P18: Obrigada, logo vamos voltar para nosso querido Polo!!!
- P19: Se Deus quiser, logo logo, tudo passa bjs
- P20: Parabéns!!!! Muito obrigada!!!! Fiquei emocionada

Esse diálogo com a coordenadora, “banhado” pela saudade, demonstra um movimento para reavivar algo que lhes causa alegria, lembranças de um local físico, mas que se fazia também expansão de suas existências no mundo e modos de participação na sociedade, lugar que abria determinados “possíveis” para expressarem-se em suas



totalidades. Podemos entender a saudade através da teoria espinosana, onde é chamada de *Desiderium*, como um desejo frustrado “de possuir uma coisa, desejo que é mantido pela recordação dessa coisa, ao mesmo tempo, entravado pela recordação de outras coisas que excluem a existência da coisa desejada” (ESPINOSA, 1983, *Ética III*, Explicação XXXII, p. 218).

A saudade se repetiu em diversos momentos vividos pelas participantes, ora em relação à ausência de suas mães, trazendo à recordação o sentimento singular proporcionado pelo “colo de mãe”, a segurança, as carícias e o companheirismo: “Colo de mãe é único, que saudades da minha mãe, seu colo que nos consola e nos acaricia, mãe aonde a senhora estiver quero seu colo”; ora a saudade se dava pela filha que cedo partiu: “Amanhã faz 1 ano que minha filha partiu, eu a levava no Polo”, uma dor compartilhada com outra participante: “Minha filha também faz 1 ano que partiu, estamos juntas na dor e saudades”, e por isso buscavam por um conforto: “Deus sabe de todas as coisas”. Em outro momento falavam da morte de amigos queridos e de artistas admirados que se foram pela Covid-19 ou por outras doenças. Também um filho que voltou para sua casa depois de passar um tempo na casa da mãe deixou em seu lugar a sensação de vazio: “Estou meio jururu, meu filho foi embora pra casa. Mas precisa voltar né”, seu sentimento é acolhido e obtém resposta: “Fica tranquila, filho sempre volta ao ninho”, palavras de apoio e delicadeza de mães que compreendem as dores e as alegrias da função materna: “A saudade vai perdurar, mas ressalta sempre as boas lembranças”.

Todo este cenário demarca ainda, conforme a teoria vigotskiana, a relação com o meio como determinante dos afetos, considerando assim a condição de materialidade vivenciada por cada uma dessas pessoas em sua subjetividade/objetividade constituinte das funções psicológicas. Embora a virtualidade seja um espaço sem fronteiras e temporalidade, ainda assim pode ser percebida como meio afetivo, um endereço de encontros com diversas realidades. Algumas dessas situações impossibilitadas de se reproduzir do mesmo modo – festividades e ações presenciais –, foram reinventadas de formas outras, como as atividades que também compõem o movimento do WhatsApp do Polo. Outras, por força de elementos que geram a saudade, são reavivadas no compartilhar de recordações festivas de um passado não tão distante. Conforme Espinosa (1983, *Ética IV*, Proposição X, p. 232), “somos afetados mais intensamente relativamente a uma coisa futura que nós imaginamos que sucederá em breve”.

Assim, com a certeza que esses momentos serão vivenciados novamente, essas lembranças são sentidas como se fossem fatos presentes, as participantes são afetadas

para além dos encontros presenciais. No caso abaixo se valem de dois meios afetivos para resgatar bons encontros: a imaginação – recordando passado e projetando futuro –, e a visualização de fotos, culminando num diálogo implicado umas com as outras, como na sessão TBT – *Throwback Thursday* em fevereiro de 2021 no carnaval. As falas a seguir apresentam também o medo por bons tempos que acreditam não mais voltar, assim como o reconhecimento de um corpo que teve sua potência de vida diminuída. Contudo, as falas demonstram serem engendradas o tempo todo pela relação de amizade que configura um clima de união de forças, como indica Espinosa (1983, *Ética IV*, Escólio, p. 237), “dois indivíduos, [...], se unem um ao outro, formam um indivíduo duas vezes mais poderoso do que cada um deles separadamente”, unidas também pelas fragilidades, se esforçam em conjunto na busca pela resistência no enfrentamento cotidiano:

P1: MUITA SAUDADES 🍷 De um tempo que não volta mais

P2: COMO RECORDAR É VIVER...ENTÃO VAMOS RECORDAR

🍷 😊

Coordenação: Que lindas as lembranças de carnaval do Polo, que AMIZADE linda e abençoada pessoal. SÓ GRATIDÃO

P3: □□LOGO ESTAREMOS TODAS JUNTAS OUTRA VEZ...NUMA GRANDE FESTA...□□

P4: Saudades das nossas bagunças.

P5 Vdd amiga, mas se Deus quiser, ano que vem, voltaremos com tudo, com muita garra e força, nos aguarde

P6: 🍷 vai ser o melhor carnaval de todos os tempos vamos amanhecer na rua

P7:Que legal! Todas e os poucos todos, dá pra sentir a baguncinha. Nasci no carnaval e na cidade do Galo da Madrugada. Amo carnaval!!!!

P8: Que saudades! Quem diria que este ano estaríamos tão jururus.

P9: FOI UMA ALEGRIA SÓ LOIRA...

P8:TEMPOS QUE NÃO VOLTAM MAIS...□□□□

P10: Se Deus quiser, estaremos no ano que vem, com toda força dançando no Salão e deixar a tristeza de lado e todo mundo vacinado

P8: Nem me fale! Tomará que a gente consiga recolher os cacos depois desta pandemia. 😊

P2: NÃO VOU RECOLHER POIS NÃO SOU DE VIDRO PARA QUEBRAR 😊 SOU QUE NEM UM DIAMANTE...E DIAMANTE NÃO QUEBRA...

P8: Vc é uma joia rara mana

P11:Tá difícil de juntar os cacos

P12: Vc é uma fortaleza

P5: Estamos aprendendo a valorizar o calor humano.

P8: Mas vou usar o aspirador kkk

P12: Vdd amiga bjs

P2: Kkkkkk

P8: Assim dá para recolher...

P12: RECOLHER...mas montar vai ser outra história, um dia por vez...Mas vamos sair dessa e entrar para história, já é alguma coisa  
 P13: Queridas amigas, vocês encheram meu coração de alegria! Muchas gracias.

Ao longo dos meses além das atividades ofertadas no cronograma do WhatsApp Solidário, o grupo seguiu por inúmeras e repetidas afetações sociopolíticas, levando para o ambiente virtual o real contexto vivido no país e sentido na totalidade de cada uma dessas pessoas, dimensão afetiva que enredou a maioria das interações. Embora sob críticas de algumas participantes, afirmando que discussões políticas não eram o fundamento do grupo, parecia inevitável se expressarem conforme os acontecimentos pandêmicos do cotidiano que se misturavam cada vez mais com a política:

Março de 2021, repercussão em torno da fala da deputada Janaína Paschoal sobre as vidas idosas<sup>18</sup>:

P1: Gente, repassei as manifestações de repúdio à fala da deputada, que acha que os mais jovens devem ter prioridade sobre os idosos no tratamento hospitalar.

P2: O nome disso é geronticídio. Não podemos aceitar esse tipo de postura vindo de uma mulher, política, é a mais votada dos deputados. Um horror!!!

P3: Será que tem mãe? Ou é filha de chocadeira?

P4: Idadismo, ageísmo, não podemos nos calar diante dessa deputada! Já basta o descaso do governo para com a população.

P5: Tão grave quanto a vacina de faz de conta, é considerar os idosos uma população secundária, [...]. Mulher, política, professora de direito da USP!

P5: Será que ela terá o privilégio de chegar a ser idosa?

P6: Vdd, falta de respeito, pensam que não vão ficar idosos, feliz daquele que consegue envelhecer com dignidade.

Abril 2021:

P1: Alguém lembra que o grupo não é pra discutir política? Ou politicagem? Por favor gente precisamos de amor e paz!

P2: Concordo plenamente, nada de política nem religião no grupo.

P3: Sinceramente não lembro. Política é política. Politicagem é politicagem. Eu faço política quando denuncio as *fakes*, seja de quem for independente do partido político. Vou continuar porque

---

<sup>18</sup><https://revistaforum.com.br/noticias/vidas-idosas-importam-movimento-repudia-fala-de-janaina-paschoal-e-diz-que-e-geronticidio/#>

acho que temos que dar oportunidade para as pessoas escolherem com sabedoria. Sem ilusões, normalmente quem posta mais as inverdades, são as pessoas mais puras e ingênuas que conheço aí do Polo onde estou há muitos anos.

Início de maio 2021:

P1: Boa tarde grupo! Me esclareçam por favor o propósito deste grupo. A finalidade é de militar por um partido? Ou compartilharmos mensagens inspiradoras, músicas, charadas, danças, piadas...Enfim, assuntos comuns a todos do grupo. Estou em dúvida agora 😊😊😊😊

Final de maio 2021:

P1: Esse grupo deveria ser usado somente para atividades e assuntos construtivos e não para comentários sobre Política. Devemos respeitar as opiniões alheias.

P2: Olha “P1”, nós somos seres políticos, queiramos ou não. Paulo Freire já dizia isso. Aliás, idoso tem consciência crítica e política sim! Graças a Deus e aos nossos esforços cidadãos.

P3: “P1” eu concordo com você. A finalidade desse grupo não é pra fazer propaganda política. Desabafos podem ser feitos no particular sem afetar as pessoas que podem não concordar que depois da descoberta de tanta corrupção ainda tem pessoas que defendem o homem que acabou com o nosso Brasil. Não precisamos amar o Bolsonaro, mas querer o Lula de volta???

P4: Eu não vi ninguém falar do Lula! Quem? Quem? Quem?

P5: Ah! P3 para com isso, eu sou apartidária voto em quem acho que tem inteligência, autossuficiência para cuidar do nosso país, vamos parar de proteger pessoas que sabemos que não tem equilíbrio para comandar a nação. Que eu saiba Lula já não é presidente a muito tempo, nosso foco é o presente. Outra coisa, está tendo atividade agora? Não. Então podemos comentar, trocar ideias nessas horas.

P6: Concordo com a ideia de não falarmos de política. Nada de política.

P7: O grupo é democrático, todos os assuntos são bem-vindos temos que ser ecléticos.

Ainda que as narrativas fossem entremeadas por divergências políticas, no decorrer dos meses o foco também se concentrou fortemente sobre a valorização da vida como ponto comum para todas que interagem, especialmente demarcado um pouco a cada dia em comemorações sobre a vacinação de membros do Polo Cultural e do WhatsApp Solidário, de pessoas amigas e de pessoas conhecidas de amigos. Essas reações se davam independente de posicionamento ou cenário político e demarcavam, na

maioria das falas, a relevância da ciência e da fé em Deus no mesmo discurso: “Vacinadaaa!!”; “UHUUUU SE DEUS QUIZER TODA POPULAÇÃO SERÁ VACINADA”; “Graças a Deus”; “Uhuuu Eu vibro a cada postagem de vocês sendo vacinadas. Isso aiii!!!”; “Vejam que Benção pessoal, Dona Mariazinha já foi vacinada”; “Amiga, graças a Deus!”. Demonstrações de uma felicidade genuína, a alegria pelo que é bom para si e para os outros, mas também em benefício coletivo, todos em prol do útil comum: frear a ação do vírus e as consequências da pandemia.

## **6.2 Sofrimento ético-político: sentidos éticos da política no singular**

“Ninguém pode desejar ser feliz, agir bem e viver bem que não deseje ao mesmo tempo ser, agir e viver, isto é, existir em ato” (ESPINOSA, 1983, *Ética IV*, Proposição XXI, p. 238).

Durante o período da pesquisa se fez notável que, assim como o fosso das desigualdades e seus desdobramentos foram desvelados e acentuados pela pandemia, também os estereótipos sobre envelhecimento e pessoas idosas se intensificaram ante a esta crise sanitária que se transformou em colapso político no país. A desvalorização da vida experienciada nesta conjuntura social incidiu severamente sobre essa parte da população, ativos ou não, pessoas acima dos 60 anos sofreram com afecções geradas pela cultura do descarte, discursos e ações que percorreram pela contramão da potencialização da vida, concretizando no cotidiano pandêmico potências de padecimento. "Esse tipo de discurso já existia antes da pandemia: os velhos são considerados inúteis, desnecessários e invisíveis. Mas agora está mais evidente. Políticos, empresários e até o Presidente da República já vieram a público dar declarações 'velhofóbicas'" (GOLDENBERG, 2020).

Na crise que ganhou caráter de sindemia, seria impossível descolar o cenário político vigente no país – e seu desempenho junto a pandemia – da afetividade sofrida pelas pessoas, mesmo que em espaços virtuais. Grande parte das narrativas coletadas nesta pesquisa revelam esta realidade, em especial as falas deste capítulo que traz narrativas de mulheres entre 60 e 80 anos de idade – mescladas entre recortes do PensAtividade e as entrevistas individuais – e demonstram afetividades geradas por este cenário de ameaça, exclusão e depreciação da vida idosa. Pessoas que desejam existir em ato como nos aponta Espinosa, mas que sentem em sua totalidade mente/corpo, tensões psicológicas e sofrimento ético-político, às vezes compreendido e admitido em meio às

falas, outras vezes negado e encoberto pelo imperativo neoliberalista da responsabilidade individual sobre a própria vida, que promove a insegurança, o abandono e a alienação.

No caso de Joana, aposentada, mulher implicada com as questões políticas do país, conta que durante a pandemia, além do trabalho remoto de consultoria, passou a mergulhar intensamente em entrevistas, *lives* e análises políticas para ocupar seu tempo, “nunca fui uma pessoa de ficar vendo televisão horas a fio, gostava de sair, ir pra rua mesmo, 1 vez por mês eu ia ao cinema, ia fazer compras [...] tinha uma vida social razoável”. Embora Joana tenha dito na entrevista que estava acostumada a ficar sozinha em casa, revela que sentiu falta dos encontros com amigos, do bate-papo e da alegria que a faz se sentir pertencente, entretanto manifesta-se com rigor sobre um sofrimento profundo que sente por questões sociopolíticas, conforme Sawaia (2009), gerado nos maus encontros de heteronomia e no processo dialético de exclusão/inclusão, o sofrimento ético-político:

[...] estou sofrendo demais, demais mesmo, é um lado que além da pandemia, tá me fazendo assim como outros brasileiros, sofrer muito, a gente tá vendo perspectivas sendo reduzidas, cortes de coisas que existiam, o fundo nacional do idoso que estão querendo acabar, então assim, o sofrimento é muito grande viu, por isso assim, eu não consigo fazer coisas pra me distrair sabe, não, eu acho que eu tenho muito esse viés de realismo que está acontecendo, eu mergulho nisso tudo.

Eu já senti tanta coisa, eu já senti raiva, não vou dizer sobre decepção porque eu não esperava nada desse governo, mas raiva, indignação, desprezo, sentimentos muito negativos sabe em relação aos dirigentes desse país nesse momento sabe e os daqui também (Município e Estado), os daqui eles são mais polidos, mas eles não representam o interesse da população não, eles estão em função de um projeto neoliberal, mercado, bancos, dinheiros. Então na retirada da gratuidade, que foi a primeira canetada desses dois aqui, eu tive muita raiva sabe, é desprezo.

[...] eu quero persistir, eu quero denunciar, eu quero participar do jeito que estiver ao meu alcance e por isso que eu fico muito atenta às possibilidades de resistência, por isso que eu tenho grupos muito interessantes de possibilidades de resistência e de formação.

No início quando tivemos que parar de sair pra rua eu me senti podada, eu tive que sublimar isso, porque é isso né, eu escolho a vida, escolho o cuidado, a prudência, tentando minimizar esses riscos que a gente tem vivido de lá pra cá, eu sou rígida com esse cuidado.

Eu juntei meu sentimento quanto a isso (discursos de desvalorização da vida dos idosos) junto com todo o desprezo que esse governo tem em relação aos mais frágeis. O desrespeito ao idoso é algo assim, uma aberração, esse tipo de avaliação é inconcebível, mas eu via que tinha

coerência com tudo que eles fazem, a própria história agora da retirada da gratuidade vem coroar isso: Ah velho não é pra sair não, fica em casa; pra que sair? O idoso tem que ter liberdade pra sair, pra ver as pessoas, ir a eventos, enfim. Mas pensando nesse governo, tudo se encaixa: Ah, entre o idoso e o jovem, que morra o idoso, já está no fim da vida mesmo! Foi muito sujo, muito horrível, mas muito coerente com a ideologia deles. É o desprezo total aos direitos humanos, ao idoso, ao negro, ao LGBT, a mulher, ao servidor público e por vai.

Invadida por uma realidade social que é histórica, que desagua e se agrava na atualidade, Joana apresenta uma miscelânea de afetos – raiva, indignação, desprezo – enredados pela injustiça que sofre em relação a própria vida e a de outros, sente o cerceamento da existência sob comando do Estado, uma violência simbólica e ao mesmo tempo material como parte do projeto capitalista, fonte geradora de servidão e segregação. Segundo Espinosa (Ética III, 1983, Explicação XX, p. 215), “a indignação é o ódio para com alguém que fez mal a outrem”. A insatisfação com o modelo de governo leva Joana a não se sentir pertencente à práxis vigente que revela a opressão e o aniquilamento da vida em sua totalidade.

Apesar de todas as forças que geram o sofrimento ético-político sentido por Joana, ainda há lugar para uma fala de resistência, mais que uma fala, um desejo de fluir seus pensamentos e ações sem amarras ou ditames de subserviência e passividade. “Mas resistir não é só se indignar. O direito de derrubar a tirania depende da força para fazê-lo. Essa força, em situação de desmesura do poder, depende de uma potência de agir coletiva [...]” (SAWAIA, 2009, p. 370). Por isso Joana sente a necessidade de se juntar a outros, fala de denúncia como quem quer gritar ao mundo para se fazer ouvir e entender, busca resistir ao mal – experimentado como tristeza – e se indigna com o desrespeito à pessoa idosa e toda desigualdade social.

Em abril de 2020, o Ministro da Saúde – na época Nelson Teich –, causou polêmica após a viralização de um vídeo seu, feito em 2019, onde ele coloca em xeque o investimento que deveria ser comprometido para salvar a vida de pessoas idosas e de pessoas jovens, sendo necessário fazer escolhas de acordo com a limitação financeira da área da Saúde, já que esforços no tratamento e recuperação de um idoso poderia ser mais oneroso do que para um jovem. A respeito deste momento o posicionamento de algumas idosas evidenciam o sentimento de exclusão – ou inclusão perversa – e a falta de respeito – uma forma de humilhação –, sentiram o desvalor de suas vidas na perspectiva do governo, significação adotada por muitos outros e naturalizada no funcionamento da sociedade:

**Marinês:** Ele poderia até achar que seria mais justo investir no jovem, mas não deveria jamais falar, perdeu uma grande oportunidade de ficar calado. Me senti bem mal, excluída. Até uma falta de respeito. Mostrou que o idoso já não merecia ser salvo, então nossa vida perdeu o valor? Que ideia. Mas aposto que pra ele e pros familiares dele a decisão seria outra, não é mesmo? [...] O que falta nesses políticos é empatia [...], as pessoas são muito egoístas, se colocar no lugar do outro é mesmo um trabalho de conscientização. É bem mais fácil lidar só com um lado da moeda, né?

**Celina:** Fiquei decepcionada e triste na verdade, eu falei: gente! Nós somos seres humanos independente de idade, o certo é você ter lugar pro velho e pro novo, não tem que fazer escolha, eu fiquei triste mesmo. Senti decepção com a humanidade, ninguém se preocupa com ninguém, em qualquer lugar, eu já viajei bastante, o ser humano é igual. É um sentimento de “meu Deus o que eu vou fazer da minha vida?”. Aí é aquele tal negócio “cada um por si, Deus por todos”, aí como é que vai dormir com uma coisa dessa? Esse é o meu sentimento de tristeza, de decepção com o povo, a humanidade.

**Ieda:** Meu médico falou pra mim: olha, se chegar o velho e o jovem a gente tem que atender primeiro o jovem. Aí eu falei assim: ah então quer dizer que o velho tem que morrer? E ele disse: é por isso que eu estou falando pra você se cuidar, porque é assim que está acontecendo nos hospitais. Isso eu não entendo, quer dizer que o velho pode morrer, mas tem que cuidar do jovem pra ele seguir em frente na vida, isso não consigo entender mesmo.

**Alice:** Eu achei muito triste isso, eu acho que a vida deve ser preservada, tanto do idoso, quanto do jovem, as duas são vidas, eu acho que ele falou aquilo não sei se foi sem querer, mas foi muito triste, eu senti tristeza, imagina se eu pego e vou para o hospital e me deixam morrer, não sei se chegou a acontecer isso aqui, mas é muito triste mesmo, ele foi muito infeliz nessa fala dele [...], Eu acho que o ministro da saúde ali não manda nada, quem manda é o presidente, o ministro é um mero fantoche na mão dele, o presidente não está levando a sério, sei lá, vamos esperar, vamos colocar nas mãos de Deus, espero que 2021 seja bem melhor.

**Suzana:** não suportei ele, porque ele falou: se tiver que matar velho, mata o velho e deixa o jovem vivo, isso é uma falta de respeito, isso aí não se faz. Quando minha mãe ficou na UTI (anos atrás) eu falei com o médico, olha ela está com 94 anos, ele disse: a senhora está falando uma besteira muito grande, eu trato uma criança de 1 ano até a idade da sua mãe com o mesmo tratamento, a senhora não fala mais assim, tudo que a gente faz para a criança a gente faz para o idoso também. [...] Eu achei ele (Nelson Teich) uma criatura pequena, depois ele tentou remendar, igual o Bolsonaro que diz uma coisa e depois diz que não falou, ah é só uma gripezinha, com milhares de gente morrendo, milhares de gente no hospital, ah é só uma gripezinha, o Mandeta também foi um péssimo ministro, largou o bastão, se ele fosse um bom médico ele ia aguentar até o fim, não ia com briguinha de presidente, se eu tô assumindo uma



coisa eu vou até o fim, agora tá esse outro ministro aí, esqueci o nome dele, ele fala abobrinha também, mas o que é isso?

**Hiolanda:** Ah eles colocaram isso como doença de velho, então é assim, velho é velho, vai morrer mesmo, então quem não é velho pensa: vamos curtir a vida. Pois é, se o idoso toma cuidado e o jovem que trouxe pra ele, deixa o jovem sem UTI agora! Não seria razoável? Agora por que o idoso tem que ficar sem UTI? Só porque é idoso? Nós tomamos cuidado, o jovem não. Não foi o jovem que foi lá na balada?

Essas narrativas evidenciam pessoas que se sentem lesadas, não só no que diz respeito aos direitos humanos ou direitos específicos dos idosos, mas sobretudo, por ainda se saberem sujeitos em movimento, sentem na “pele” que há muita vida a ser vivida e muito a ser construído, se na lógica do idadismo o ser humano possui “prazo de validade”, para essas pessoas esse “prazo” não expirou. Sentem o abandono e a rejeição dentro de uma formação societária e governamental da qual também fazem parte, mas incluídos perversamente são colocados à margem da existência, como peso morto aos cofres públicos, como gasto e jamais investimento.

Abaixo, a sequência da fala de Hiolanda aponta o descaso com a vida da pessoa idosa como um ato voluntário contra a vida, uma ação opressora hierarquizada e controladora dos processos de existência dos indivíduos, coibindo o direito de escolha e de decisão, como se a autonomia sobre sua própria vida não pertencesse mais a si. Sua fala – assim como das outras idosas – demonstra um processo de sofrimento psicológico ético-político que se constitui a partir deste contexto sócio-histórico de injustiça e preconceito:

[...] é horrível, nossa é uma coisa impensável você ter que escolher uma pessoa pra levar pra UTI ou não, eu não tenho nem condições de dizer o que eu sinto, porque entre mim e o meu filho eu vou dizer: escolhe o meu filho! Porque eu quero que ele viva, mas aí sou eu que vou abrir mão de uma coisa pra salvar meu filho, sou eu que decido, eu não quero ter que ser escolhida, seria então uma escolha minha, é diferente de ser discriminada por causa da idade. Só porque é idoso pode morrer? Aliás, só por isso vai ser assassinado? Vai ser morto por isso? É até estranho pensar assim.

Mas é aquele negócio né, todo mundo tem mãe, político tem mãe não tem? Então. Como é que o outro lá (presidente) levou a mãe pra tomar vacina? E teve que tomar da chinesa mesmo né (risos).

Este sofrer por vezes não admitido pelo sujeito é denunciado em seu sentir, pensar e agir ou reagir, no caso de Hiolanda, visto na sequência de sua narrativa. Quando se

cristaliza, esse sofrimento pode bloquear no sujeito sua capacidade de afetar e ser afetado, diminuindo e enfraquecendo seu *conatus*, “torna-se potência de padecimento, reduzindo nosso esforço de perseverar na própria existência ao *sobrevivencialismo* negador da vida” (SAWAIA, 2009, p. 370). Com o potencial de sensibilização e indignação tolhidos ante contextos de desigualdade e sofrimento, o indivíduo só consegue reagir e não mais agir:

Mas olha, eu não tenho como resolver isso. Como que vai resolver? Tem que ter finalidade, na prática eu não tenho muito o que fazer. Vou andar com um tubo de oxigênio nas costas? Vou dar na cara do governador? Eu não posso resolver isso, então tem que aceitar, só aceitar. Vou ficar dando murro em ponta de faca? Já não tenho mais idade pra isso.

Esse processo psicológico é ainda afetado por tensões geradas num contexto de contradições, onde o sujeito pressionado por forças externas contrárias sente-se confuso e dividido, sem saber qual situação será mais favorável à potencialização de sua própria existência, desconhece as causas de sua afetação. Conforme Sawaia (2009, p. 367), “situação em que a força do *conatus*, tendo se tornado enfraquecida sob a ação de forças externas, submete-se a elas imaginando submetê-las e fica sujeita a forças contrárias que a puxam para lados opostos”. As falas a seguir esboçam a construção de sentidos tecida por informações – ou a falta delas – de fontes diversas e incertas, produzidas também por figuras políticas de representatividade, portanto com alto poder de afetação e influência, apresentam sujeitos enredados na tristeza e alienação:

**Beatrice:** Muito temerosa, mas fazer o que né, é um medo que dá na gente e o pior é que essa vacina vem e eu tenho alergia à alguns medicamentos, então eu tenho que tomar cuidado para ver qual eu vou tomar, mas se Deus quiser vai aparecer uma que não vai fazer mal. Eu tomo a vacina da gripe e não tenho problema nenhum.

[...] Se Deus quiser vai ter vacina pra gente né. Muita coisa pode ser fake também né, porque fica aquela briga do Bolsonaro com o governador daqui o Dória, um jogo político, é uma tristeza você ver morrendo gente, gente, gente, família que se acaba da noite para o dia, é três, quatro da mesma família, é muito triste essa mudança. Esse mundo tá todo mundo assim sofrendo, sendo aqui, sendo acolá, tá muito difícil. Alegria de estar viva? É uma alegria assim que não sei, você vê tanta coisa acontecendo, você não se sente alegre, é uma alegria assim de que? Pra que eu tô alegre? De que eu tô alegre? O meu eu não tá alegre, mas eu agradeço à Deus de estar viva, isso é uma alegria, também outra alegria é a vacina né, de ver meus entes queridos todos bem, isso também é uma alegria.

**Dora:** E quando sai essa vacina? Olha sabe a verdade? Eu não sei se vou tomar não, porque diz que quem tem alergia é perigoso, não sabe o que tem dentro dela [...] qualquer vacina vai no seu DNA e modifica seu DNA, então o seu corpo não vai reconhecer essa vacina. E se seu DNA se modifica e não reconhece mais quem é você, o que vai acontecer? Você vai morrer, assim eles dizem, não sei se é realidade. E outra coisa que falaram sobre o uso da máscara, que você libera o oxigênio e respira o gás carbônico. E gás carbônico o que ele faz? Ele mata, você não sabe mais em quem acreditar.

O sofrimento gerado no processo dialético de exclusão/inclusão possui ainda, como base, o medo e a ameaça sobre a vida integral do sujeito, ou seja, afetações não somente subjetivas, mas também em suas condições materiais e relacionais, como um todo interligado que compõe sua totalidade. Em outras palavras, a segurança e condições de vida que deveriam passar pela via do Estado são precarizadas, consideravelmente durante a pandemia, onde isolamento social e condições socioeconômicas se combinam num calamitoso contexto de vida para os indivíduos, em especial às pessoas idosas. Quando a “mão” do Estado já não alcança com eficácia seus idosos e não lhes confere o esteio necessário para reconhecimento, aceitação, amparo e possibilidades participativas no convívio social, o que lhes resta é a responsabilização e a culpabilização por seu próprio manutenção e situação de vida, individualização característica da sociedade capitalista neoliberal.

Beatrice e Lúcia têm falas que realçam bem esse contexto, são duas pessoas com bons relacionamentos pessoais, uma delas mora com a irmã e as duas possuem muitos amigos, ainda assim apresentam o sentimento de abandono, de “não ter com quem contar”, mas não estão falando de suas redes de amizade, falam do desamparo social que advém da ação do Estado. Embora esse sentimento de abandono possua a mesma origem, ele se difere em sua qualidade: o sentir de Beatrice traz uma especificidade do desamparo subjetivo e o de Lúcia demonstra um forte desamparo material. Importante ressaltar que este contexto não possui dualismo mente/corpo, subjetivo/objetivo, consoante com a base teórica que edifica esta pesquisa este é um sofrimento que acomete o sujeito em sua totalidade, todavia esta observação de análise tem o intuito de ilustrar e destacar afetações específicas – conforme grifos – trazidas pelas idosas no subtexto de suas falas:

**Beatrice:** Que é que você faz? Vai ficar triste, cair em depressão? Então você tem que ficar resistente, fazer um escudo assim e ficar resistente, fazendo oração, se ajudando, tem que ter uma segurança, uma firmeza, pedir em oração pra Deus, assim como eu peço pra mim eu peço pra todo mundo, pra todas essas famílias que perderam seus entes queridos

que dê força porque é muito triste, seja o Benedito, seja a Joaquina, seja quem for, somos todos irmãos perante a Deus e seja qual idade for. Então você tem que buscar essa força interior porque se você desabar ninguém te segura, só Deus te segura. Esse natal é muito triste, imagina quantas famílias perderam seus entes queridos, meu natal já foi mais a mesma coisa quando perdi a minha mãe. Eu fiquei decepcionada (com o governo), não é raiva, mas é decepção, pela falta de respeito muito grande (grifos nossos).

**Lúcia:** Na minha idade já é um desafio sair e conseguir trabalho, mesmo presencial, imagina assim, o que mais quero é isso, voltar presencial, já vai ajudar bastante. a minha preocupação se transformou mais com o material do que propriamente com a doença, porque eu me cuido, uso máscara, não saio de cabelo solto ou estou de lenço ou estou de chapéu, eu adoro caminhar, então eu prefiro fazer as coisas mais perto, só se é mais longe, aí eu vou de carro, quando não dá pra ir de carro eu pego ônibus, mas só quando eu vejo que está vazio, porque agora não é o horário do povo, agora é o meu horário, então eu procuro me cuidar naquilo que eu posso, mas se for possível também eu não fico com aquela preocupação na cabeça, também não é excesso de otimismo que também não é muito bom, conseguir o equilíbrio não é fácil, mas eu tento (grifos nossos).

[...] durante 1 ano você pensa: tá eu consigo, mas aí passou 1 ano já e o que aconteceu? Piorou. Aí você fala: e agora? São dois medos aí. Mas eu penso assim, dinheiro é bom, mas eu vou cuidar de mim porque se eu cair, ninguém segura. Então eu falo calma, tudo isso vai passar, devo não nego, pago quando puder. O que está me afetando mais na verdade é a parte material do que a doença. Porque eu me cuido, mas e o resto? (grifos nossos).

Todas as falas demonstradas ao longo deste capítulo retratam os sentidos éticos da política na constituição de singularidades que são cerceadas pelo medo, pela dúvida, pela raiva, indignação, pela incerteza não somente de futuro, mas pela própria instabilidade do momento presente que lhes provoca confusão, tristeza e padecimento de suas potências. Esse modo de construção política que reverbera no pensar e sentir das idosas ratifica a lacuna que há entre documentos redigidos em relação aos idosos – leis, diretrizes e estatutos – e a vida real dessas pessoas, promovendo para além do individualismo, a solidão existencial dentro de seu próprio meio de constituição, a sociedade. A dimensão afetiva revelada através dessas narrativas implica ainda na condição de ser de cada uma, especialmente quando observamos na tecitura das falas o impacto que as afetações sofridas possuem sobre a singularidade do agir ou reagir das participantes, igualmente, influencia e provoca alterações disfuncionais na rotina dessas pessoas.

## 7 VIDAS IDOSAS IMPORTAM! CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia, enquanto relações desequilibradas do ser humano com o meio, nunca deixou de ser uma crise política, historicamente o modo de organização social é determinante para o surgimento de crises sanitárias pelo mundo, no caso da Covid-19 não foi diferente, “um vírus despertado pela depredação imposta ao ambiente, pela cobiça capitalista, espalhando-se no mundo pelas mãos da desigualdade social” (SAWAIA, 2020, p. 11). No Brasil o contexto de instabilidades e precariedades já existentes se tornou um “campo minado” para a maioria da população ante ações – ou a ausência destas – de uma conjuntura política colapsada, um cenário de guerra onde a vida perde seu valor, virando objeto de manobra política e garantia mercantil do sistema.

Lamentavelmente o idadismo, ageísmo, estarismo, velhofobia está “em alta”. Esses termos se referem a discriminação, preconceito e exclusão das pessoas por sua idade. A negação do humano histórico-social e de seu processo de livre envelhecimento é um fenômeno paradoxal à medida que é a própria negação de si enquanto futuros idosos ou mesmo como indivíduos que já vivenciam esse processo, mas não se enxergam nele. A cultura do descarte, do antienvelhecimento, do que é considerado velho e improdutivo, além daquilo que impede o pleno funcionamento da máquina do capital, é constituída a partir de interesses dominantes, ao mesmo tempo que inclui o sujeito no frenético andamento da sociedade. Tudo sob o manto da ideia de cidadania, força de trabalho e construção de um país melhor.

Seguindo as reflexões de Sawaia sobre o sofrimento ético-político, pensamos que o idadismo, como parte da construção subjetiva do sujeito, se torna uma ameaça permanente à existência, uma força de padecimento que “cerceia a experiência, a mobilidade, a vontade e impõe diferentes formas de humilhação” (2009, p. 369). Em congruência com pressupostos de um projeto capitalista neoliberal, contabilizou-se as “mortes biológicas”, mas virou-se as costas para a morte da totalidade do indivíduo, e a não existência também é uma de suas faces, gerada na inclusão perversa, nas condições precárias de vida, no desamparo, na humilhação e no abandono. Estes são modos reais de morte, uma violência silenciosa – ou não – pulverizada no comum do dia a dia, se naturalizando e se legitimando cada vez mais.

Com efeito, durante o período desta pesquisa as vidas mais subtraídas dentro do cenário sindêmico e da lógica hegemônica neoliberal, que alimenta o idadismo, foram as vidas idosas, as quais “pagaram o alto preço”: com a subjetividade que compõe seus

corpos e, simultaneamente, com seus corpos que sofrem as afecções constituintes e modificadoras da subjetividade, ou ainda que perecem como vítimas fatais sob ação do vírus que é político. “Esse pânico não é só físico, mas também simbólico. Perdemos valor para a sociedade ao envelhecermos. Tanto valor que nos tornamos descartáveis. Que podemos morrer para ‘salvar a economia’ [...] Ou até que os velhos vão morrer 'mais cedo ou mais tarde’” (GOLDENBERG, 2020).

Todos os discursos depreciadores da vida idosa, junto a postura de governantes que se eximiram da responsabilidade sociopolítica, repercutiu afetivamente na vivência das participantes da pesquisa, sentem-se prejudicadas dentro do cenário declaradamente conflituoso de interesses e embates políticos, inclusive entre sujeitos de ideologias semelhantes, que buscaram medir força e poder via afrontas verbais e estratégias de politicagem em detrimento da saúde e bem-estar populacional. Essa atmosfera bélica de manipulação produziu entre as idosas uma flutuação entre afetos nascidos de paixões tristes, “afetos que não se apresentam sozinhos, mas sempre com outros, da mesma categoria ou contrários, sempre em movimento, em ato, sendo uma dinâmica marcada por flutuação de ânimo e tensão” (SAWAIA, 2020, p. 13). Essas emoções compõem a trama afetiva de um sofrimento que é ético e político:

**Beatrice:** Eu acho assim, que aquela briguinha política, o Bolsonaro e os filhos também, é um jogo de cintura muito feio, fica aquela briga de “maroquinha” daqui, briga de “maroquinha” pra lá, coloca um ministro, manda embora o outro, ele gosta de brincar. O Dória tá aqui, você desculpa eu falar, o Dória é outro péssimo governador, os vereadores, prefeitos e vice prefeitos de São Paulo todos tiveram 45% de aumento de salário, pode uma coisa dessa? São todos bonzinhos pra ganhar eleição, são todos “beija a mão” e no fim é essa palhaçada, o povo é que paga água cara, luz cara, você é escrava da sua própria casa, não pode gastar muita água, tem que pagar isso e aquilo, as coisas aumentaram de preço, você vai numa feira e é tudo caro, ainda que eu tenho casa própria e se eu não tivesse, como que ia fazer?

Eles estão lidando com o povo né. Pra você ver, antes da eleição fizeram esses hospitais de campanha, aí depois da eleição começaram a desmontar tudo. Como no carnaval, tava todo mundo dançando, fumando, todo mundo já sabia do problema (vírus). Me desculpe, eu votei no Bolsonaro e foi a minha maior decepção, agora ele fala que a pandemia tá acabando, só se for pra ele, e fica sempre aquela briguinha política, o que ele pensa que nós somos, marionete, o povo é marionete? Só serve pra pagar conta? E como eles tratam os idosos, pensam o que? Nós somos o povo também.

A maneira como a sociedade e seus governantes compreendem o processo de envelhecimento alimenta e retroalimenta um modo de sociabilidade seletivo, excludente daqueles que são mais velhos. Esta é a sociabilidade do capital. Em outras palavras, os significados acerca do envelhecer, circulantes no movimento das intersubjetividades, compõem sentidos – mais amplos e profundos –, constituindo singularidades que se objetivam num coletivo permeado pelo preconceito e negação da própria condição humana que o habita: o envelhecimento. Neste sentido Vigotski (2018, p. 388), nos indica que “o significado da palavra é um fenômeno de discurso e intelectual [...], é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa [...]”. Assim, palavra e pensamento estão interligados e se constituem na dialética das relações afetivas com o meio, na intensa experiência do que lhe é proporcionado ou suprimido.

Permeados por afetos tristes – humilhação, indignação, raiva, decepção, abandono –, gerados nestes contextos de seletividade e desvalor social, que revelam as desigualdades e a inclusão perversa, os sujeitos têm sua força de conservação da vida enfraquecida, sua capacidade de agir é refreada, mantendo-se na reatividade, “anulam suas potências de vida e ficam vulneráveis à tirania do outro” (SAWAIA, 2009, p. 366). Inspirada na teoria espinosana e vigotskiana, Sawaia (2009) nos indica a importância de conhecer a constelação afetiva na qual os sujeitos encontram-se enredados, assim como saber identificar as relações nas quais se origina, pois, a gênese da vida ética encontra-se no interior dos afetos, que são fundamento para a construção do Ser e do existir, da atividade psicológica e suas funções. Falar sobre afetividade está para além do detalhamento das afecções sofridas e afetos sentidos, o conhecimento dessa dimensão, que enreda a totalidade da vida, possibilita “jogar luz” sobre o que ainda é obscuro e confuso ao sujeito, impulsionando-o ao exercício e a compreensão do sentir, pensar e agir, evitando a construção de ideias inadequadas que cristalizam o saber o mantém na passividade:

[...] a emoção e a criatividade são dimensões ético-políticas da ação transformadora, de superação da desigualdade, [...] trabalhar com elas não é cair na estetização das questões sociais, ou solipcismo, mas sim um meio de atuar no que há de mais singular da ação política emancipadora (SAWAIA, 2009, p. 366).

Conforme nos elucidava a teoria de Sawaia, os afetos se dão como radar ético-político do sujeito, não há vida relacional ausente de emoção, “estudar exclusão pelas

emoções dos que a vivem é refletir sobre o ‘cuidado’ que o Estado tem com seus cidadãos. Elas são indicadoras do (des)compromisso com o sofrimento do homem [...]” (2001, p.99). A dialética exclusão/inclusão social deprecia a pessoa idosa não somente em sua visibilidade social, mas antes em sua potência de ação, especialmente na relação com o Estado quando este destitui do sujeito idoso a condição de ser humano em movimento, histórico e social, sob justificativa da improdutividade capital. O colapso na Saúde e polarização do cenário político em desfavor da vida traduzem com maestria essa realidade, a fala de Lúcia se tece num misto de indignação, arrependimento e decepção sofridas com este contexto:

**Lúcia:** Eles usaram o grupo de risco como sendo só os idosos e os jovens estavam livres, isso foi de uma total irresponsabilidade deles porque foi ilusão extrema, porque esse jovem ele pode ser livre, mas ele pode trazer pra dentro de casa. O meu médico falou: agora não tem mais idade, é novo e é velho. Aí eu falei: então porque vocês não avisaram isso lá atrás, teria evitado um monte de coisa. Então quer dizer, liberou o jovem, mas e aí como é que faz? Então eu não entendi isso até hoje. Todos são seres humanos, todos são frágeis, não é porque é jovem que não se tem nenhum problema, então eu acho que é uma ilusão isso.

Agora essa política, eu vou dizer pra você que eu votei no Bolsonaro, eu gosto de arriscar no que é novo, eu quero acreditar que alguém vai resolver o problema, então se pensar como todo mundo a pessoa não vai, hoje eu posso te dizer que foi o pior ignorante que já conheci na minha vida. Analfabeto ele não é, enquanto o outro, o Lula, era analfabeto e não conseguia falar, pelo menos eu digo que ele era inteligente, aí como que um presidente trata o ser humano como um nada, como que ele teve o problema e disse que era só uma gripezinha? Aí eu pergunto o que é que passa pela cabeça desse homem? Eu não quero nem entender mais ele. Eu acho que ele não deveria estar onde ele está, já deveria ter saído porque outros por muito menos já saíram e eu não consigo entender essa briga de agora entre Bolsonaro e Doria. Nada mais é do que uma política burra, mercenários que estão só preocupados com o dinheiro, porque uma pessoa que não tem respeito diante de uma nação, você espera o que de uma pessoa dessa?

Mas essa relação com o Estado pode se dar de uma forma diferente, não menos afetiva, mas compreendida como omissão, algo que somente deixou de ser feito e não propriamente uma ação intencionada, como indica abaixo a narrativa de Dora. Conforme a teoria espinosana (Ética III), os indivíduos podem se afetar de diferentes formas pela mesma coisa, já que a qualidade de ser uma coisa boa ou uma coisa má é julgada pelo próprio indivíduo, considerando, como indica Sawaia (2009), que os afetos fazem parte da condição humana, são o fundamento do ser e do existir, da própria maneira de ser no



mundo, ou seja, da ética, aspecto que nos indica a importância dos estudos sobre os afetos e seus desdobramentos.

Embora o entrave político também seja citado por Dora, ela concentra seu foco na responsabilização total de cada um – visão característica do neoliberalismo – imputando a outras pessoas, inclusive aos próprios idosos, o que ela chama de falta de consciência e que podemos aqui referenciar como falta do sentimento de comum. “O comum é o sentimento de que nossa potência de vida só é possível por meio do outro. [...] A resistência ativa contra a dominação só pode existir na potência do comum” (SAWAIA, 2018, p. 34). Por isso Dora sente a falta de união em prol do bem comum e se refere às outras pessoas de um modo que evidencia o individualismo:

**Dora:** Eu acho que o governo tá procurando tratar, ele mostra alguma coisa com as pessoas que tem a Covid e com os idosos não sei te responder, mas parece que o pessoal tá sendo bem tratado, fizeram hospitais de campanha e assim vai, pelo menos os daqui de São Paulo, pela prefeitura (idosos) tem uma atenção. O governo federal que teve um pouco de descaso, é a briga da cloroquina, a briga da vacina, pois se até hoje não tem um ministro da saúde, o governo federal foi muito omissivo.

Eu vejo barzinhos lotados, jovens encostados um no outro, sem máscara, vejo idosos andando na rua sem máscara e penso: meu Deus será que já acabou a pandemia pra esse povo? Aqui no meu bairro ainda não acabou não (risos). Acho que isso é falta de consciência, eles pensam: ah eu não vou pegar, então vou sair. Não se importam com quem está do seu lado na rua, você pode até pegar e ser transmissor e não está sabendo. Você não sabe quem está no mercado, no coletivo, então eu vou no mercado, mas se a pessoa está lá comprando numa gôndola eu nem chego perto, eu espero. Tem gente que não quer saber, passa por cima de você, principalmente idoso, eu sou idosa e posso falar, falta de consciência e falta de respeito, não pensa no que está acontecendo a sua volta. Será que acha que não vai pegar? O idoso não respeita o próprio idoso. É o que eu vejo. O pessoal do delivery sai pra rua tudo sem máscara, mas quando chega na sua casa coloca a máscara, isso é falta de consciência, a pessoa que entra num comércio também, quando entra coloca a máscara, quando sai tira. Se pode ficar lá dentro de máscara, por que não pode ficar na rua também?

Dora defende a liberdade de ir e vir, mas critica a falta de uso dos protocolos de saúde, durante a entrevista disse que às vezes gosta de sair, encontrar amigos e ir a um barzinho, mas enfatiza: “respeitando o distanciamento social!”. Se sente profundamente incomodada quando se referem às pessoas idosas como uma classe homogênea, que deve se submeter às mesmas normas sem distinção alguma. Sobre as atividades e interações

no WhatsApp Solidário Polo, Dora pontua esse lugar de fala, demarcando sua singularidade enquanto pessoa idosa, enquanto ser humano em movimento:

O povo foge de atividades de debate, mas eles ficam vendo, não sei por que, não sei se é porque não querem se expor. Eu mesma em algumas atividades às vezes batia de frente, não concordava com algumas coisas que era falado, aí falei: não vou mais participar dessa atividade, começou a me incomodar, coisa do tipo: todo idoso tem que ficar em casa, isso é generalizar, nem todo idoso é igual, não pode generalizar, não é bem assim não, aí eu resolvi parar, mas eu sempre vejo as atividades.

O espaço virtual do Polo, para além de um espaço destinado às atividades, se tornou ainda um local de fala, de posicionamentos, de compartilhamento das dores e das alegrias, lugar de encontros. Embora muitos se silenciassem, como pontuou Dora, o fato das interações dentro e fora das atividades serem visualizadas denunciava a presença dos integrantes do grupo. Encontraram no WhatsApp Solidário Polo um meio de se manterem unidos e reunidos, também um meio de manter ou fazer amizades: “algumas pessoas que só falavam 'oi' ali no Whats pediram se podiam me ligar pra conversar melhor”. Esse WhatsApp Solidário foi ótimo em todos os sentidos, pra gente não se sentir tão só”. Ainda assim, a constituição de um corpo que é sensível ao mundo “reclamou” a falta de materialidade que há nos encontros presenciais: “eu sinto falta do Polo, do contato com as pessoas, porque o contato através do WhatsApp do Polo não é a mesma coisa”.

Muitas vezes, misturado à figura da coordenadora, a significância do WhatsApp Solidário na vida das idosas foi traduzido como carinho e apoio, meio de reconhecimento e expansão do ser: “senão você desmorona, o Polo me ajudou muito, principalmente pela coordenadora, o carinho, o respeito, a atenção que ela tem com os idosos, é uma pessoa maravilhosa”. Significou ainda via de acesso para amenizar potências de padecimento: “esse tempo de quarentena ali no WhatsApp do Polo ajudou muito, ainda tem ajudado, muitas atividades, ajudou a passar, teve muita força”. Em matéria escrita para o Portal do Envelhecimento, uma das idealizadoras e também participante da implementação do WhatsApp Solidário descreve sua compreensão sobre o grupo virtual:

Criou-se uma rede afetiva e comunitária *online* que desenvolveu, entre as pessoas idosas do WhatsApp Solidário, um sentimento de pertencimento. Há inúmeros relatos dos frequentadores do Grupo a respeito do quanto foi, e é, fundamental o acolhimento e as possibilidades de participação virtual em atividades físicas, artísticas, educativas, musicais, além de suporte e apoio psicológico. [...] o

impacto do WhatsApp Solidário foi extremamente positivo para o enfrentamento diário da pandemia [...] (GOMES, 2021).

O WhatsApp Solidário Polo além de favorecer a comunicação *on-line* entre as pessoas idosas dentro do próprio grupo, também possibilita que essas interações se ampliem para outros espaços da vida particular de seus integrantes, a confirmação de que os afetos transcendem “paredes”. Não se delimitando a espaços físicos ou virtuais, a afetividade é circulante na subjetividade/objetividade tecida nos encontros, por isso tanto as alegrias quanto os sofrimentos fazem parte e também constroem esse espaço virtual de compartilhamento de “coisas da vida”, elementos que expressam o modo como essas pessoas estão se afetando em relação ao país, a política, a pandemia, ao outro, a espiritualidade, as coisas do mundo em geral.

Como uma porta que se abre para informações globais ou simplesmente para escolhas pessoais de interação e atividades no *locus* virtual, o WhatsApp Solidário se tornou meio de enfrentamento contra o isolamento social e seus desdobramentos na saúde integralizada das pessoas idosas. As narrativas a seguir também ilustram o significado do espaço virtual do Polo na pandemia, a importância de um lugar que possibilita o movimento de sujeitos sociais, mas por vezes cerceados pela própria sociedade. Indivíduos que possuem vontade, desejos e escolhas conforme suas afetações e disponibilidade, indicando a processualidade de um grupo como seria com qualquer outro na modalidade presencial, dias bons, outros nem tanto, a busca pelo que é melhor para cada um, interesses diversificados, assim como seus próprios participantes:

**Marinês:** Eu acho que foi uma coisa maravilhosa que a coordenadora fez, é uma troca de informações, a participação das oficinas [...], tem muita informação, uma troca muito boa não só das oficinas, mas também de quem participa que manda sempre algum vídeo ou alguma sugestão de palestra, de programa, então eu acho que foi assim para a gente que está confinada uma coisa maravilhosa. Se não houvesse esse grupo eu acho que seria bem mais monótono, porque o que a gente tem que fazer de atividade a gente tem que fazer né: trabalho, comida, roupa, isso daí não mudou, mas sempre sobra algum tempo e esse tempo a gente aproveita assim participando aqui do grupo do WhatsApp.

**Hiolanda:** Tem dia que é uma maravilha, tem dia que eu nem abro, são tantas mensagens que pra mim não são úteis que eu nem abro, mas tem muita coisa que me ajuda muito, inclusive eu me comunico com algumas pessoas no particular. Eu não entro em todas as aulas porque às vezes me sinto cansada, aí não quero pensar em nada, sinto um cansaço no corpo, um desgaste psicológico.

**Joana:** Não participava do Polo antes no presencial, aí quando começou a pandemia em março, eu soube desse grupo e pedi pra entrar porque eu gosto principalmente das atividades físicas, yoga, alongamento, pilates, mas eu faço espanhol também [...], eu gosto das pessoas que estão nesse grupo, então fiquei até amiga de algumas lá de conviver e sentir maior proximidade.

[...] são muitas mensagens, teve momento que eu pensei, eu vou sair, mas aí eu pensava, por que eu vou sair? Eu não sou obrigada a ver tudo, a participar de tudo sabe, aí eu seleciono, eu cultivo laços com quem eu acho que eu tenho mais afinidade. Uma vez houve até uma discussão, uma pessoa me estranhou, mas eu não me calei, mas a gente se acertou, tudo bem.

**Beatrice:** Muito bom o WhatsApp Solidário, algumas coisas eu parei de fazer, mas fico acompanhando o grupo, uma conversa com a outra, às vezes uma briga com a outra, discorda da outra, as vezes eu fico só quietinha, mas é muito bom, a gente comenta: ah esse vídeo espírita é muito bom, a gente se dá força, tenho amizade ali.

**Lúcia:** Eu acho que essa foi a maior ideia que eles tiveram, uma forma de deixar todo mundo unido, eu vejo tudo o que acontece, eu não participo diretamente, no começo sim, agora não, eu publico algumas coisas, mas eu vejo tudo o que está acontecendo.

[...] é um grupo muito afetivo pra mim, significa manter o contato com as pessoas e saber que estão todos bem ali, que a gente não se distanciou, eu me sinto próxima ainda de todo mundo, mesmo eu não estando lá dizendo bom dia, boa tarde, como algumas pessoas ficam, mas pra mim é um aconchego, é uma proximidade que faz diferença. Eu sei que se alguma hora eu não tiver o que fazer, se eu for lá e colocar alguma coisa as pessoas vão responder, vão contestar, vão discutir, então eu sinto que é muito bom, pra todos nós e sem falar na coordenadora que tem uma energia ótima!

Embora não se mostre como um grupo harmônico, o que parece prevalecer como intenção de seus participantes é manter o caráter essencial do ser humano: as relações sociais. A vida é um projeto constante para o ser humano, que vivencia e elabora no presente – num movimento historicamente dialético – a constituição de uma singularidade que é composta por sua história passada ao mesmo tempo que é matizada pelo projeto futuro de Ser, o que ratifica a todo sujeito em qualquer momento da vida sua condição de desenvolvimento relacional com os outros, com as coisas do mundo e com consigo mesmo, por isso, sujeito da ordem do vir-a-ser, do devir. Assim, o grupo virtual do Polo também se dá como um caminho historicamente a ser trilhado por seus participantes, em tempos tão sombrios de banalização da vida, principalmente da vida idosa, o WhatsApp Solidário busca – através de seus idealizadores, colaboradores e coordenação – construir

a práxis que seu próprio nome indica: ser solidário, implicar-se num compromisso social com outros.

Assim como a equipe gestora do WhatsApp Solidário Polo, a maioria das idosas que enredaram a tecitura das unidades de análise deste trabalho passaram a fazer parte individualmente do Movimento “Vidas Idosas Importam”, criado em 10 de dezembro de 2020, Dia Internacional dos Direitos Humanos, este Movimento luta pela valorização das pessoas idosas na sociedade. Com o idadismo se tornando cada vez mais visível e legitimado na vivência cotidiana, não só no país, mas como preconceito que acompanha o crescimento global da população idosa, essas pessoas acabam destituídas do direito e dignidade de um sujeito que é sócio-histórico, que se constitui “nas” e “por meio das” relações. O Movimento, divulgado em diversas mídias sociais, idealiza ressignificar a cultura do descarte, promovendo a cultura do respeito, do reconhecimento e participação social:

Figura 5: Movimento Vidas Idosas Importam



Fonte: Facebook Movimento Vidas Idosas Importam, 2021

Participar deste movimento para elas também é um modo de resistência e luta, uma maneira de se fazer ouvir através de um veículo que lhes proporciona e amplifica a voz, assim essa campanha ganha o significado da união de interesses maiores e comuns entre pessoas 60+, questões que comunicam sobre uma causa que é coletiva, mas que não anula a singularidade de seus sujeitos, a potencializa. Da mesma forma, as idosas demonstraram que participar do WhatsApp Solidário Polo significa manterem-se ativas e conectadas, não somente com as novidades tecnológicas, mas sobretudo com outras pessoas, na continuidade das atividades, no compartilhamento de informações sobre o que acontece no mundo e como se afetam em relação a isso. O grupo de WhatsApp em consonância com concepções do Movimento, tornaram-se duas formas que auxiliam as idosas no enfrentamento das dores sociopolíticas e pandêmicas, dois espaços de reconhecimento e de circulação afetiva.

O WhatsApp Solidário Polo ganhou a amplitude de um grande grupo, mas sua constituição é alicerçada pela reunião de diversos subgrupos do Polo Cultural, que recentemente foi aberto para o público 60+ em geral no intuito de conectar cada vez mais pessoas idosas. Este fato lhe confere grande diversidade de membros, mas ao mesmo tempo pode não lhe garantir que seja propriamente um espaço de construção do útil comum por possuírem perspectivas muito distintas. Por outro lado, pode se dar como espaço que viabiliza o fortalecimento do comum, “o grupo é espaço de descoberta de si, seja pelo reconhecimento de aspectos que tornam semelhantes os sujeitos, seja pelo reconhecimento do que os diferencia” (PEREIRA; SAWAIA, 2020, p. 114). É permeado pela diversidade que este espaço virtual oportuniza o encontro e instiga reflexões, promove a união e formação de subgrupos particulares de amizade e incentiva a adesão de seus participantes a movimentos da causa idosa, como este já citado sobre a importância da vida e o processo de envelhecimento.

Na busca do útil comum, como nos indica a teoria espinosana, as ramificações que surgem a partir desses encontros virtuais, diz respeito a indivíduos que se juntam e compõem um ao outro em sua própria existência, que “na medida de suas possibilidades, se esforcem por conservar o seu ser; e que todos, em conjunto, procurem a utilidade comum de todos” (ESPINOSA, 1983, *Ética IV*, Escólio, p. 237). Esta situação evidencia o sujeito de intersubjetividades e o caráter ético dos afetos que, ultrapassando os limites de um local físico, encontra-se sobretudo, no interior da dimensão dos bons ou maus encontros, nas afecções sofridas a partir da materialidade ou da virtualidade, nos afetos circulantes que compõem esses endereços de convivência. “A prática grupal deve

provocar dissonâncias, ruídos, reflexões e, assim, produzir aberturas para novas afetações” (PEREIRA; SAWAIA, 2020, p. 113). Assim, a busca por um lugar onde os indivíduos tenham a possibilidade de se afetar mutuamente, unir e fortalecer seus *conatus*, também se encontra no locus virtual, como construção de espaços potencializadores da existência em movimento e como endereços que convidam ao exercício da reflexão e ação social.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Myrian Moraes Lins de. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. *In: PY, Ligia, et. al. **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.*** 2 ed. São Paulo: Editora Setembro, 2006.
- BELTRINA, Côrte. “Com que roupa” eu vou envelhecer? Artigo da capa. **Revista Mais 60 – Estudos sobre o Envelhecimento**, São Paulo, vol. 28, n. 70, p. 8-23, abr. 2018. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/cf14fbb2/7391/43f2/a178/10edb7c666d2.pdf>. Acesso em: 03 dez 2020.
- BEAUVOIR. Simone de. **A Velhice.** Tradução de Maria Helena Franco Martins. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.
- BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o papel da ciência na participação popular. *In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante.*** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BORDA, Orlando Fals. **Una sociología sentipensante para América Latina.** México, D. F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.
- BORGES, Maria Claudia Moura. O Idoso e as Políticas Públicas e Sociais no Brasil. *In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (Org.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil.*** 3 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.
- BUSARELLO, Flávia Roberta. “Até quando pudermos nos abraçar”: o re-encontro pós-pandemia. *In: SAWAIA, Bader Burihan, et. al. (org.). **Expressões da Pandemia – fase 1.*** Embu das Artes/SP: Alexa Cultural, 2020.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A participação da pesquisa no trabalho popular. *In: Brandão, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante.*** São Paulo: Brasiliense, p.223-252, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa. *In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (org.). **Pesquisa participante: a partilha do saber.*** Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues.; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular, **Revista de Educação Popular**, v. 6, n. 1, 25 set. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 22 ago. 2020
- BRANDÃO, Israel Rocha. **Afetividade e participação na metrópole: uma reflexão sobre dirigentes de ONGs da cidade de Fortaleza.** 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/17310/1/Israel%20Rocha%20Brandao.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.



BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 02 jan. 2021.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso.** Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1994. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/politica\\_idoso.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/politica_idoso.pdf). Acesso em: 2 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. **Estratégia Brasil amigo da Pessoa Idosa.** [s.d.]. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/brasil-amigo-da-pessoa-idosa/estrategia-1#:~:text=O%20avan%C3%A7o%20dos%20n%C3%BAmeros%20ultrapassou,30%2C3%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas>. Acesso em 01 out. 2020

BRASIL. Participação em foco. **Conselho Nacional de Direitos do Idoso, 2003.** Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/participacao/conselhos/conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao-lgbt/132-conselho-nacional-dos-direitos-do-idoso/266-conselho-nacional-de-direitos-do-idoso>. Acesso em: 03 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS nº 2.528, de 19 de outubro de 2006.** Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Diário Oficial da União, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso.** 3ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 70p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial, Doença pelo Coronavírus COVID-19, Semana Epidemiológica 39 (20 a 26/09/2020).** Versão 1. Brasília, DF, 30 de set. de 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/boletins-epidemiologicos>. Acesso em: 02 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Ofício circular nº2/2021.** Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Brasília, DF, 24 de fevereiro de 2021.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL - ILC-Brasil. **Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade.** Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1ª edição. Rio de Janeiro: ILC-BR, 2015.

CHAUÍ, Marilena. Espinosa: Poder e liberdade. *In:* BORON, Atilio Alberto (org.). **Filosofia Política Moderna: de Hobbes a Marx**, 1 ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; San Pablo: Depto. de Ciência Política - FFLCH - Universidade de São Paulo, 2006. 448 p.

DANTAS E SILVA, Ferlice; SOUZA, Ana Lúcia de. DIRETRIZES INTERNACIONAIS E POLÍTICAS PARA OS IDOSOS NO BRASIL: a ideologia do

envelhecimento ativo. **Revista de Políticas Públicas**, São Luiz, vol. 14, n. 1, p. 85-94, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/356>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DE OLIVEIRA, Érica Beatriz Pinto Moreschi; NORONHA, Dayse Pires. A Comunicação Científica e o Meio Digital. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 15, n. 1, p. 75-92, jan./jun., 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/53>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ESPINOSA, Baruch de. Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado Político; Correspondência. *In: Coleção “Os Pensadores”*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o papel da ciência na participação popular. *In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FLICK, Uwe. **Introdução a metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2012.

GARCIA, Janaína. tilt – o canal sobre tecnologia da Uol. Ciência. **Produção científica de mulheres despenca na pandemia – de homens, bem menos**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/26/pandemia-pode-acentuar-disparidade-entre-homens-e-mulheres-na-ciencia.htm>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **Pandemia de coronavírus evidencia ‘velhofobia’ no Brasil, diz antropóloga**. Entrevista concedida a: Luis Barrucho. BBC News Brasil, maio, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em: 17 jun. 2021.

GOLDMAN, Sara Nigri. As dimensões sociopolíticas do envelhecimento. *In: PY, Ligia, et. al. (org.). Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. 2 ed. São Paulo: Editora Setembro, 2006.

GOMES, Sandra Regina. **WhatsApp Solidário! Exemplo exitoso de políticas públicas em SP**. Portal do Envelhecimento, maio, 2021. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/whatsapp-solidario-exemplo-exitoso-de-politicas-publicas-em-sp/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A Maturidade e a Velhice: um olhar antropológico. *In: NERI, Anita Liberalesso (org.). Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. 3 ed. Campinas: 2007.

HARARI, Karen; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Envelhecer com as mãos no barro. Narrativas sobre um viver criativo. *In: FONSECA, Suzana Carielo da (org.). O Envelhecimento ativo e seus fundamentos*. 1ed (reimpressão). São Paulo: Portal Edições, 2019.

Quem Somos. **INSTITUTO PINHEIRO**. [s.d.]. Disponível em: <https://institutopinheiro.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto. O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 200-210, jun. 1987. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101987000300005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101987000300005&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 03 dez. 2020.

KALACHE, Alexandre. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1107-1111, ago. 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000400002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000400002). Acesso em: 03 dez. 2020.

KALACHE, Alexandre. Respondendo à revolução da longevidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 8, p. 3306, ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2014.v19n8/3306-3306/pt/#>. Acesso em 26 dez. 2020.

LANE, Silvia. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. *In*: LANE, S.T.M. & CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense; 1989.

LANE, Silvia. Linguagem, pensamento e representações sociais. *In*: LANE, S.T.M. & CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense; 1989.

LANE, Silvia. Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. *In*: LANE, S.T.M. & CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense; 1989.

MARTINS Carlos Eduardo. O Brasil e a América Latina na Geopolítica Mundial da COVID-19 e do Caos Sistêmico. *In*: Augusto, Cristiane B. (org) **Pandemias e Pandemônios no Brasil**. Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 1. ed., São Paulo, Editora: Tirant lo Blanch, 2020.

MATOS, Naiara R. Vicente de. O confronto com a finitude e o luto coletivo. *In*: SAWAIA, Bader Burihan, et. al. (org.). **Expressões da Pandemia** – fase 1. Embu das Artes/SP: Alexa Cultural, 2020.

NARDELLI, Bruna. Metrôpoles. **Excesso de tarefas em casa faz produção de mulheres cair no trabalho**, 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/feminismo/excesso-de-tarefas-em-casa-faz-producao-de-mulheres-cair-no-trabalho>. Acesso em: 25 jan. 2021.

NERI, Anita Liberalesso (org.). Paradigmas Contemporâneos Sobre o Desenvolvimento Humano em Psicologia e em Sociologia. *In*: **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. 3 ed. Campinas: 2007.

OLIVEIRA, Betty. A dialética do singular-particular-universal. *In*: ABRANTES, Angelo Antonio; SILVA, Nilma Renildes da; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. **Método Histórico-Social na Psicologia Social** – Vozes, 1-21, 2005.

OPAS BRASIL. **Seminário internacional sobre pessoa idosa**. 2015. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4928:seminario-internacional-sobre-pessoa-idosa&Itemid=820#:~:text=O%20Plano%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre,da%20Am%C3%A9rica%20Latina%20e%20Caribe](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=4928:seminario-internacional-sobre-pessoa-idosa&Itemid=820#:~:text=O%20Plano%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre,da%20Am%C3%A9rica%20Latina%20e%20Caribe). Acesso em: 13 dez. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Tradução Suzana Gontijo. – Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PAZ, Serafin Fortes. Movimentos Sociais: Participação dos Idosos. *In*: PY, Ligia, et. al. **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. 2 ed. São Paulo: Editora Setembro, 2006.

PORTAL DO ENVELHECIMENTO. **A pandemia de Coronavírus e a discriminação contra idosos**, 2021. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/a-pandemia-de-coronavirus-e-a-discriminacao-contraidosos/>. Acesso em: 08 fev. 2021.

PRADA, Thiago da Silva. Para uma poética dos espaços interiores I. *In*: SAWAIA, Bader Burihan, et. al. (org.). **Expressões da Pandemia** – fase 1. Embu das Artes/SP: Alexa Cultural, 2020.

RAMOS, Francisco Olavarría. Idadismo: quando a idade não é bem vista. **Portal do Envelhecimento e Longevidade**, São Paulo, 24 jun. 2019. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/idadismo-quando-a-idade-nao-e-bem-vista/>. Acesso em: 03 dez. 2020.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania. **Coordenação de Políticas para Pessoa Idosa**. 2017. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/idosos/](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/idosos/). Acesso em: 27 dez. 2020.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania. **WhatsApp Solidário nos Núcleos de Convivência**. 2020. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/idosos/interatividade/index.php?p=297643](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/idosos/interatividade/index.php?p=297643). Acesso em: 27 dez. 2020.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania. **A Secretária – Missão**. 2020. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/a\\_secretaria/index.php?p=148581](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/a_secretaria/index.php?p=148581). Acesso em: 27 dez. 2020.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. Desenvolvimento Urbano. **Informes Urbanos: Retrato da pessoa idosa na cidade de São Paulo**. 2019. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Informes\\_Urbanos/IU\\_Idoso\\_2019\\_REV\\_Final.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Informes_Urbanos/IU_Idoso_2019_REV_Final.pdf). Acesso em: 20 jun. 2020.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. Direitos Humanos e Cidadania. **Programa São Paulo Amigo do Idoso**. 2019. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/idosos/programas\\_e\\_projetos/index.php?p=270237](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/idosos/programas_e_projetos/index.php?p=270237). Acesso em: 20 jun. 2020.

SAWAIA, Bader Burihan. **A consciência em construção no trabalho de construção da existência**: uma análise psicossocial do processo da consciência de mulheres faveladas participantes de movimentos urbanos de reivindicação social e de um grupo de produção de artesanato. 1987. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/nexin/artigos/a-consciencia-em-construcao.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020.

SAWAIA, Bader Burihan. O Calor do Lugar: Segregação Urbana e Identidade. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo – Fundação SEADE, v. 9, n. 2, p. 20-24, 1995. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/nexin/artigos/artigo-o-calor-do-lugar.html>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SAWAIA, Bader Burihan. A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito, **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, vol. 10, n. 2, p. 117-136, 1998. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nexin/artigos/download/a-critica-etico-epistemologica.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SAWAIA, Bader Burihan. (org). **As Artimanhas da Exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAWAIA, Bader Burihan. Fome de felicidade e liberdade. *In*: CENPEC et al. **Muitos Lugares para aprender**. São Paulo: Fundação Itaú Social/unicef, 2003. p. 53-63.

SAWAIA, Bader Burihan. Simpósio 4 — cultura, individualismo e sociabilidade contemporânea. O irreduzível humano: uma antologia da liberdade. *In*: GUARESCHI, N. (Org.). **Estratégias de invenção do presente**: a psicologia social no contemporâneo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 143-154.

SAWAIA, Bader Burihan. O ofício da psicologia social à luz da ideia reguladora de sujeito: da eficácia da ação à estética da existência. *In*: ZANELLA, AV., et al. (org.). **Psicologia e práticas sociais** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 67-79.

SAWAIA, Bader Burihan. “**Psicologia e desigualdade social**: uma reflexão sobre liberdade e transformação social”. *Psicologia & Sociedade*; 21 (3): 364-372, 2009.

SAWAIA, Bader Burihan. Transformação Social: Um objeto pertinente à Psicologia Social? *In*: **Psicologia & Sociedade**, 26: 4-17; 2014.

SAWAIA, Bader Burihan; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Pelo reencantamento da Psicologia: em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano, **Cad. CEDES**, Campinas, v. 35, n. spe, p. 343-360, 2015.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35nspe/1678-7110-ccedes-35-spe-00343.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2021.

SAWAIA, Bader Burihan. Prólogo. *In*: ALBUQUERQUE, Renan; BUSARELLO, Flávia Roberta; SAWAIA Bader Burihan. **Afeto e comum**: reflexões sobre a práxis psicossocial. São Paulo: Alexa Cultural, 2018.

SAWAIA, Bader Burihan. Apresentação – Volume 1. *In*: SAWAIA, Bader Burihan, et. al. (org.). **Expressões da Pandemia** – fase 1. Embu das Artes/SP: Alexa Cultural, 2020.

SAWAIA, Bader Burihan. Apresentação – Volume 2. *In*: SAWAIA, Bader Burihan, et. al. (org.). **Expressões da Pandemia** – fase 1. Embu das Artes/SP: Alexa Cultural, 2020.

SAWAIA, Bader Burihan. Os afetos na pandemia e a pandemia nos afetos. *In*: SAWAIA, Bader Burihan, et. al. (org.). **Expressões da Pandemia** – fase 2. Embu das Artes/SP: Alexa Cultural, 2020.

SAWAIA Bader Burihan; ALBUQUERQUE, Renan; BUSARELLO, Flávia Roberta. O PARADOXO DO ISOLAMENTO NA PANDEMIA SEGUNDO O POVO INDÍGENA SATERÉ-MAWÉ/AM. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, e020010, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822020000100409&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822020000100409&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 26 mar. 2021.

SCALON, Celi. Desigualdade, pobreza e políticas públicas: notas para um debate, **Contemporânea**, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 49-68, 2011. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/20>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SILVA E SILVA, Maria Ozanira da. Reconstruindo um processo participativo na produção do conhecimento: uma concepção e uma prática. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (org.). **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006

SILVA, Ana Cruz de Araújo Pereira da. **Vulnerabilidade Humana e Envelhecimento**: o que a ver com isso. 1 ed. (reimpressão), São Paulo: Portal Edições, 2019.

SOUZA, Jessé; *et al.* **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA-GUIDES, Ana Carla Nogueira de; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. O Idadismo/Ageísmo sob a escuta dos idosos: efeitos de sentido e a utopia de um novo envelhecer. *In*: LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira (Org.). **Envelhecimento e cuidados: uma chave para o viver**. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2018.

STRECK, Danilo Romeu. Pesquisar é pronunciar o mundo. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (org.). **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

Stickers, os famosos “adesivos”, viraram febre no WhatsApp. **definição.net**. 9 de dez. de 2019. Disponível em: <https://definicao.net/significado-de-stickers/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

STEIN, Thaís. Significado dos Emojis e Emoticons. **Dicionário Popular**. 16 de mar. de 2021. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/significado-dos-emoticons-emojis/#:~:text=Emojis%20s%C3%A3o%20representa%C3%A7%C3%B5es%20gr%C3%A1ficas%20usadas,podem%20efetivamente%20substituir%20mensagens%20curtas.> Acesso em: 26 mar. 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A Transformação Socialista do Homem**. Tradução de Roberto Della Santa Barros, e Revisão de Marcelo Dalla Vecchia. 1930. Disponível em: <http://www.gaeppe.unir.br/uploads/57575757/A%20Transformacao%20Socialista%20do%20Homem%20-%20Lev%20Vigotski.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras escogidas**. Tomo III. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Madrid: Visor, 1991.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Teoria e método em psicologia**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Psicologia e Pedagogia).

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Quarta aula: a questão do meio na pedologia, **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/42022>. Acesso em: 26 dez. 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 3ª tiragem. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

VITÓRIA, Carla de Almeida; VIDAL, Dariane Doria Ribera. Afecções Capitalistas e Melancolia Pandêmica. *In*: SAWAIA, Bader Burihan, et. al. (org.). **Expressões da Pandemia** – fase 2. Embu das Artes/SP: Alexa Cultural, 2020.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada(o) a participar do projeto de pesquisa “*O isolamento imposto pela pandemia para a pessoa idosa e a mediação de espaços virtuais: uma análise psicossocial*”, desenvolvida pela pesquisadora Carla de Almeida Vitória do Curso de Psicologia Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Bader Burihan. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação:

1. O estudo se destina a compreender a dinâmica dos afetos e das relações estabelecidas por mediação virtual durante a pandemia entre pessoas idosas participantes do WhatsApp Solidário Polo, referente ao Polo Cultural da Terceira Idade, Cambuci/SP.
2. A intenção deste estudo é de contribuir na reflexão de um sujeito que possui historicidade e que assim se constitui, nas afetações do meio social, seja virtual ou presencial, ressaltando a importância do processo de envelhecimento nas discussões em torno da implicação e participação social de todos.
3. O contato com a(o) participante será feito via WhatsApp após mediação da coordenação do Polo Cultural da Terceira Idade com cada pessoa a ser entrevistada, 6 no total, sendo todos estes idosos participantes do WhatsApp Solidário Polo. A participação na pesquisa se dará por meio de uma entrevista individual e semiestruturada, ou seja, um roteiro previamente determinado de questões que serão respondidas de maneira livre, em formato de conversa a partir da interação entre a pesquisadora e a(o) entrevistada(o), através de videochamada pelo WhatsApp.
4. A realização da entrevista será feita após assinatura em duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A primeira via será entregue a(ao) entrevistada(o) e a segunda arquivada. Durante a realização das entrevistas ocorrerá gravação em áudio das falas das(os) participantes que autorizarem. Posteriormente, o material será transcrito para que possa ser realizada a análise. Todas as informações obtidas serão armazenadas e catalogadas de forma a proteger a identidade pessoal das(os) entrevistadas(os). A eventual apresentação dos dados em eventos científicos preservará



sua identidade. O anonimato e a confidencialidade também serão garantidos casos trechos da fala, ou relato de acontecimentos sejam utilizados na publicação dos resultados. Fica assegurado a cada participante o poder de interromper e se retirar da realização da entrevista caso não se sinta confortável em algum momento, sem que pese nenhuma restrição ou penalidade, bem como o ressarcimento de possíveis gastos que as(os) participantes venham a ter com esta pesquisa.

**5.** Possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são considerados mínimos, mas a participação nas entrevistas pode gerar incômodo ao falar sobre o tema em estudo, uma vez que o tema discutido será o processo de envelhecimento e situações vividas desde o início da pandemia da Covid-19 e o isolamento social. Para evitar esses incômodos a pesquisadora se compromete a respeitar o tempo e espaço da(o) participante, sendo sensível aos momentos em que a(o) participante não se mostra disponível a aprofundar o assunto. Em caso de desconforto, a entrevista pode ser suspensa ou encerrada e a(o) participante poderá receber acolhimento psicológico. Pode acontecer ainda o receio de se expor a entrevistadora e o receio de vazamento de informações, diante disso, será enfatizada a garantia do sigilo das informações adquiridas no decorrer da pesquisa, assegurando anonimato.

**6.** Os benefícios esperados mediante a realização desta pesquisa são todas as reflexões críticas levantadas acerca da própria condição de pessoa idosa em sociedade, conduzindo o sujeito a tecer momentos emancipatórios em relação a sua história de vida e ao lugar que ocupa dentro desta sociedade. Caso necessário os sujeitos da pesquisa terão suporte necessário a atendimento psicológico que será ofertado gratuitamente por esta pesquisadora. A devolutiva em campo também é uma etapa de comprometimento desta pesquisa, pois é o momento em que a academia concretiza uma de suas proposições: discutir, refletir e contribuir com a realidade cotidiana e a prática social.

**7.** Você será informada(o) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. A devolutiva dos resultados da pesquisa será disponibilizada as(os) participantes através de um vídeo de apresentação desses resultados feito pela pesquisadora e enviado para o WhatsApp Solidário Polo, bem como o acesso à dissertação através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC/SP. Os resultados desta pesquisa poderão ser divulgados em

congressos e revistas científicas, em mídia impressa (artigos, livro e/ou jornal), divulgação científica de pesquisas e relatórios, respeitando o anonimato das(os) participantes.

**8.** O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um órgão interdisciplinar e independente existente nas instituições que venham a realizar pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. No intuito de defender os interesses, a integridade e a dignidade dos sujeitos da pesquisa, o CEP realiza o acompanhamento e a avaliação ética de todos os projetos submetidos à sua apreciação, conforme orientações contidas na Resolução nº 196/96 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa).

**Contato Comitê de Ética PUC/SP:**

**Telefone:** (11) 3670-8466

**E-mail:** [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969, sala 63C, **Bairro:** Perdizes

**Cidade/UF:** São Paulo – SP **CEP:** 05015-001

**Atendimento:** de 2ª a 6ª das 9h às 18h

**Contato do Programa de Estudos de Pós-Graduados em Psicologia Social**

**Instituição:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**Telefone:** (11) 3670-8520

**E-mail:** [pssocial@pucsp.br](mailto:pssocial@pucsp.br)

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969, **Bairro:** Perdizes

**Cidade/UF:** São Paulo – SP **CEP:** 05015-001

**Contato da pesquisadora:** Carla de Almeida Vitória

**Telefone:** (47) 9 8444-6551 **E-mail:** [psicarlavitoria@gmail.com](mailto:psicarlavitoria@gmail.com)

Eu .....,  
portador do RG....., tendo compreendido perfeitamente tudo  
o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando  
ciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios nesta

pesquisa implicados, concordo em dele participar e dou o meu consentimento sem que para isso tenha sido forçado ou obrigado.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura da participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DE INTERAÇÃO SEMIDIRIGIDA NO WHATSAPP SOLIDÁRIO POLO**

### **Título da interação: PensAtividade**

- Como vocês fizeram para continuar mantendo o contato com outras pessoas agora na pandemia?
- Quem era uma pessoa ativa, o que mudou?
- O que esse grupo de WhatsApp do Polo Cultural significa na vida de vocês?
- Agora na pandemia, ao determinar que pessoas idosas são grupo de risco, de certa forma também se criou a imagem ilusória de um jovem super poderoso, um jovem com imunidade inabalável, são dois extremos na sociedade. O que vocês acham disso?
- Em abril (2020), sobre a declaração do ministro da saúde na época, Nelson Teich, que fala em fazer escolhas e investimentos entre um jovem ou um idoso na UTI. Como vocês se sentiram diante disso?
- Quais afetos que mais aparecem para vocês no dia a dia? Quais te permeiam, te impactam mais neste grupo de WhatsApp do Polo?
- Quais foram seus grandes sofrimentos na pandemia? E quais foram suas grandes alegrias?

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA INDIVIDUAL

Roteiro de Entrevista Semidirigida

Data:

Nome completo:

Data de nascimento:                      Idade:

### **Pré-distanciamento social pandêmico**

-Como era sua vida antes do isolamento social por conta da pandemia? (atividades, família, modo de se relacionar, saúde, emoções).

### **Início do distanciamento**

-Como ficou sua vida no início da quarentena? (quais expectativas, emoções, relações, mudanças repentinas, mora com alguém ou não).

### **Durante**

-Como está agora? (o que mudou, emoções, relações, atividades, expectativas)

-O que você pensa sobre como a pessoa idosa está sendo tratada pela sociedade e pelo governo desde o início da pandemia aqui em nosso país? (ponto de vista e significados)

### **Tecnologia**

-Como foi no início do isolamento social o uso da ferramenta tecnológica como meio de interagir com o mundo?

-Como está sendo agora usar a tecnologia? (o que mudou).

-O que significa para você poder usufruir dessa tecnologia? (contatos em geral, WhatsApp do Polo Cultural, afetações).

-O que é para você participar do WhatsApp Polo Solidário? (significado e sentido).

### **Perspectiva para o pós-pandemia**

Qual sua perspectiva para depois que a pandemia acabar? (desejos, visão de mundo, visão de sua vida em geral, mudanças ou não).

## ANEXO A – CARTA DO FÓRUM PERMANENTE DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS PESSOAS IDOSAS DA REGIÃO CENTRO

### Fórum Permanente de Políticas Públicas para as Pessoas Idosas da Região Centro

Prezado Sr. Bruno Covas

Ilmo candidato a prefeito de São Paulo

O Fórum Permanente de Políticas Públicas da Pessoa Idosa da Região Centro e seus componentes que assinam essa Carta vêm através desta sugerir que inclua entre as suas propostas de campanha, compromissos com a população idosa da cidade, que temos certeza estão entre as suas preocupações.

Nós, idosas e idosos de São Paulo somamos mais de 1.853.286 pessoas, representando 15,6% do contingente populacional de aproximadamente 12 milhões de habitantes da cidade de São Paulo. Em 2030 seremos mais de 20% da população municipal, ultrapassando em números absolutos os jovens da cidade, seremos mais de 2,5 milhões. Isso mostra que a sua futura gestão será de grande relevância para a implementação e otimização das políticas públicas para as pessoas idosas.

Envelhece-se de diferentes modos pela cidade de São Paulo, particularmente no Centro onde encontramos diferentes níveis sociais, desde idosos amparados e com renda assegurada até aqueles em situação de extrema vulnerabilidade.

As metas foram suprimidas na última revisão do Plano de Metas implicando no não-atendimento de parcela significativa das pessoas idosas que necessitam urgentemente desses serviços.

Para tanto é fundamental fortalecermos a rede de serviços e equipamentos que atendem as pessoas idosas de nosso município, assim reivindicamos:

- Participação ativa dos movimentos pelos direitos das pessoas idosas na elaboração e implementação das políticas públicas;
- Implantação de Instituição de Longa Permanência para Idoso Grau I, II e III em caráter de urgência na região central;
- Criação de um programa de Aluguel social utilizando, também, inúmeros imóveis desocupados na região central;


Fórum Permanente de Políticas Públicas para as Pessoas Idosas da Região Centro  
*forumpermanenteidosose@gmail.com*

## Fórum Permanente de Políticas Públicas para as Pessoas Idosas da Região Centro

- Implantação de uma Casa de cuidados Paliativos;
- Implantação de Unidade Básica de Saúde na Liberdade com equipe do Programa Acompanhante do Idoso e Criação da equipe do Programa Acompanhante do Idoso na Unidades Básicas de Saúde da Sé;
- Implantação de Casa-Lar com capacidade de atendimento para até 40 pessoas;
- Implantação de Casa-Abrigo para idosas e idosos vítimas de violência doméstica;
- Implantação de Centro de Acolhida para, no máximo, 100 pessoas;
- Leitos Hospitalares de Longa Permanência e Gestão de Alta em casos complexos;
- Ampliação exponencial de Centros-Dia para o atendimento da demanda;
- Ampliação do Serviço de Alimentação Domiciliar;
- Criação de serviço de Transporte Sanitário;
- Elaboração e criação de serviços para o atendimento das demandas das pessoas idosas sozinhas, sem cuidadores, não contemplados pelos programas atuais;
- Manutenção do Centro de Referência da Pessoa Idosa (CRECI) no Vale do Anhangabaú;
- Consolidação da Feira da Cidadania da Pessoa Idosa e sua inclusão efetiva no calendário da cidade;
- Manutenção e Fortalecimento da rede de atendimentos e serviços à população idosa do Centro.

Gostaríamos de receber a resposta de que o senhor se compromete em trabalhar pelas nossas necessidades.

Saudação.

  
BRUNO COVAS LOPES  
CPF 220.375.848-14

O Fórum Permanente de Políticas Públicas da Pessoa Idosa da Região Centro é composto por representantes da Região Central do Grande Conselho Municipal da Pessoa Idosa, da Rede de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa, do Fórum do Idoso do Cambuci, da Pastoral da Pessoa Idosa, do Jornal da 3ª idade; do Grupo de Articulação para a Conquista da Moradia do Idoso da Capital, do Coletivo Envelhecer, do Grupo Benvelhecer, do Grupo Mariama, entre outros movimentos e atores.

Nos colocamos à disposição para qualquer apoio e suporte na direção da efetivação dos direitos da pessoa idosa da Região Central através do email: [forumpermanenteidosose@gmail.com](mailto:forumpermanenteidosose@gmail.com).

Fórum Permanente de Políticas Públicas para as Pessoas Idosas da Região Centro  
[forumpermanenteidosose@gmail.com](mailto:forumpermanenteidosose@gmail.com)